Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 630
Dezembro 1984
Segunda-feira

10

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

Eanes quebra longo período de silêncio

Resistências para suportar a crise estão a atingir o limite

Remetido desde há certo tempo a um intrigante silêncio, Ramalho Eanes deu neste fim-de-semana matéria para que os analistas políticos se debrucem durante uns tempos.

Primeiro foi no sábado, no jantar dos 40 anos do American Clube, onde o Presidente português foi o convidado de honra. Ali falou das relações luso-americanas, que classificaria de relações históricas não dependentes de condicionalismos políticos de cada momento. Mas as afirmações mais importantes foram produzidas no domingo, aos microfones da Rádio Renascença, a quem o Presidente da República concedeu uma entrevista para o programa «Cartas na Mesa».

Entre as várias afirmações produzidas o general Ramalho Eanes manifestou a sua intenção de pôr em prática o seu projecto político, ou melhor, o compromisso da sua candidatura, que não pôde levar a cabo em consequência dos poderes que lhe foram retirados através da revisão constitucional.

E sobre a crise fez também algumas afirmações, designadamente de que «as resistências para a suportar, estão a atingir o limite». **Pág. 20**

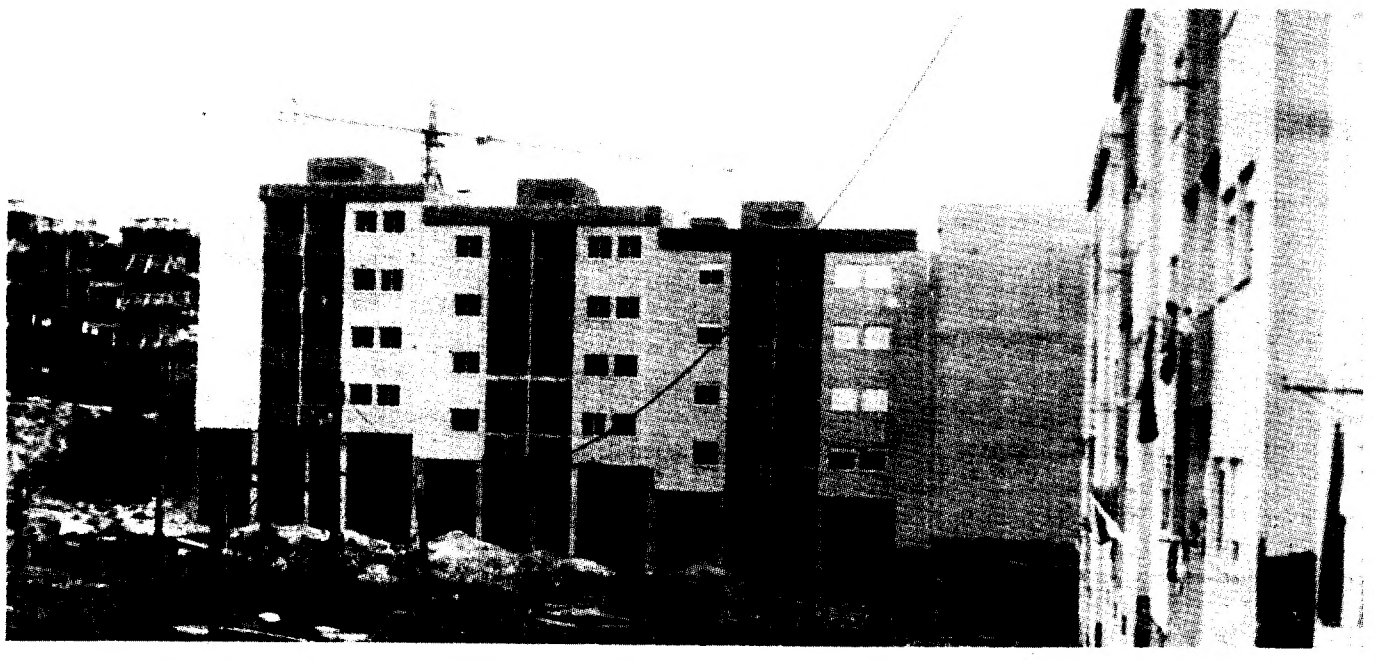
Coligação continua a oscilar

Mota Pinto não quer assinar documento-síntese PS/PSD

Pág. 4

Em Arcena

200 famílias temem ficar sem água e sem luz



Duzentas famílias podem acordar um dia destes sem água nem luz, apesar de terem pago as respectivas facturas a «cobradores»... O caso passa-se em Arcena, Alverca do Ribatejo, e é apenas um dos aspectos que se vive naquela urbanização, ainda à espera de dinheiros da Caixa Geral de Depósitos para estar dada como concluída.

Pág. 9

Se os jovens pudessem...

Isabel Santos – 21 anos – estudante do 4.º ano de Psicologia

«O nosso país está em situação de calamidade»

– É estudante e praticante de desporto?

– Sim, estou no 4.º ano de Psicologia e consigo o tempo bastante para praticar dança-jazz, fazer ginástica e natação.

– Conciliação de tempo?

– É mera questão de esquematização e estar conscienciali-zada de que o estudo carece dessa complementaridade.

– O desporto é por si entendido como manifestação de cultura?

– Exacto, o desporto é realmente uma forma de cultura.

– O Estádio Universitário está vazio. O pavilhão não tem muitos praticantes. Haverá desmotivação da juventude para a prática desportiva?

– Será por essa razão e porque falta uma campanha bem organizada de sensibilização para que os jovens se dediquem ao desporto.

– Entretanto os jovens serão dominados por preocupações de outra grandeza?

– Certo. A incerteza quanto ao futuro é um tormento assustador e talvez ele seja responsável pelo alheamento forçado da juventude para a prática desportiva. Bem vê, é o desemprego, a falta de habitações, salários em atraso e muitas mais maleitas de uma sociedade e daí certamente que os jovens tirem conclusões.

– Voltando ao desporto, faltará a desejada sensibilização?

– Também isso. Fazem-se campanhas para o que se não deve fazer e julgo que se deveriam fazer campanhas que aconselhassem os jovens em particular e a população em geral do que deveriam fazer. Campanhas antitabaco estão correctas como certas estariam campanhas a convidar as pessoas a utilizar ginásios, pavilhões, piscinas, etc.

– Degradação económica, existe?

– E de que maneira ela é sentida pela população portuguesa. Bastará atentar-se no elevado número de desempregados, no índice de criminalidade, no aumento da prostituição e até no número de suicídios. Creio que, sem dramatizar, o nosso país está em situação de calamidade.

– E a fome. Ela existirá em Portugal?

– Mas haverá alguém que negará a sua existência? Um país que tem cerca ou mais de um milhão de desempregados não estará afectado pela existência de fome? Que milagre tornaria isso possível?

– Soluções?

– Cumpre aos governantes encontrá-las e quando consentem a indicação do seu nome para assumir funções governativas terão de se sentir com capacidade bastante para encontrar as soluções mais convenientes para o povo que os elegeu.

– Como vê, falámos em desporto e desviámos o diálogo para outras questões que se prendem com a vida de todos nós!

– E está bem assim. O desporto é apenas uma componente da vida dos cidadãos mas não a mais importante e, quando um país se debate com problemas tão transcendentes como aqueles que todos conhecemos e que a todos tocam, mal estaríamos se estivéssemos aqui apenas a falar de desporto, seria, no mínimo, anormal.

– Estamos perante situações preocupantes?

– Estamos, estamos!

economia

No limiar do absurdo

«É preciso mudar muito e depressa os hábitos e processos da condução da vida política e económica, onde a irresponsabilidade tem sido a nota dominante» — gritou a Associação Industrial Portuguesa, na sexta-feira passada, em Carta Aberta dirigida à classe política.

Sábado e domingo, no Porto, duas centenas de empresários, reunidos pela CIP (Confederação da Indústria Portuguesa), no II Congresso da Indústria, disseram o bom e o bonito do Governo, do Estado e do sistema político. **«O Estado é inimigo de quem trabalha e de quem paga impostos»**; **«O Estado não administra a justiça, delapida o património, não presta contas nem paga a quem deve»** foram alguns dos mais benévolos epítetos dirigidos a essa entidade abstracta que paira sobre as vidas dos cidadãos.

Estas duas posições dos industriais portugueses surgem conjugadas porque a Carta Aberta da AIP foi obviamente emitida para marcar presença, por antecipação, face à esperada declaração de hostilidades por parte da outra organização patronal da indústria, a CIP: geralmente mais extremista na sua contestação global ao sistema político democrático.

Mas seja como for, a degradação da administração pública, o aviltamento total do sistema fiscal que penaliza os que menos podem e não têm possibilidades de fugir ao fisco, acabam por dar razão ao patronato que tão feros gritos soltou no fim-de-semana. E, provavelmente, porque as forças políticas alojadas na máquina do Estado pretendem deixar degradar a situação até ao absurdo para depois desmontarem, pedra a pedra, o edifício resultante das transformações que o 25 de Abril desencadeou, quantos não serão hoje os trabalhadores por conta de outrem dispostos a subscrever esta peregrina tese nortenha do patronato industrial de que «O estado é o inimigo comum»?

Que o digam os trabalhadores da Messa: na semana passada tiveram conhecimento de que está a ir por água abaixo o projecto de recuperação da empresa, liderado pela Centrel, porque o Estado (neste caso é mais justo dizer o Governo) uma vez mais faltou aos seus compromissos não honrando as assinaturas de alguns dos seus ministros.

D.R.

Avisa a AIP

É necessário mudar depressa

A situação actual assume contornos de grande gravidade, à beira de uma rotura com imprevisíveis consequências financeiras, sociais e institucionais – alertou a Associação Industrial Portuguesa, em Carta Aberta à classe política, divulgada na passada sexta-feira.

A AIP sublinha que a renovação nacional, o relançamento da economia, a criação de melhores condições de vida para os portugueses têm sido adiados por «confrontações políticas, intrigas palacianas e guerrilhas institucionais que são pratica corrente entre a classe política».

Sustenta que «Portugal é um País recuperável e viável» mas que a recuperação exige «o desenvolvimento confiante da iniciativa privada no quadro de uma economia de mercado que funcione com base em realidades e factos concretos».

Como acções concretas de viabilização, a AIP defende a modernização e harmonização do regime laboral, a concretização de uma reforma fiscal e de uma eficiente alteração dos mecanismos financeiros e a recuperação do tecido industrial e das unidades potencialmente válidas.

Sublinha, também, a necessidade de criação de uma estrutura agro-industrial «que permita eliminar a gravíssima dependência do exterior em matéria de produtos alimentares», a regeneração do sistema educativo e a reestruturação da Administração Pública «com a progressiva eliminação da burocracia, inércia e ineficácia que actualmente a caracterizam».

Sustenta a necessidade de definição de um modelo de internacionalização da economia portuguesa «que não se confine à integração de Portugal na CEE e que garanta uma inserção em espaços económicos, sociais e culturais mais vastos».

Para a concretização destas medidas considera necessário que a classe política «assuma com clareza e com determinação o papel de liderança que lhe cabe».

«É tempo de dizer que é necessário mudar, mudar muito e depressa, os hábitos e os processos de condução da vida política e económica portuguesa, onde a irresponsabilidade tem sido a nota dominante» – conclui a AIP.

A mesa que dirigiu o painel do Congresso e um aspecto parcial das participantes no II Congresso da Indústria, no Porto

A CIP, no Porto

«O Estado é o inimigo comum»

— conclue o Congresso da Indústria

O equilíbrio financeiro do Estado é um imperativo nacional sem o qual o colapso a curto prazo é inevitável, concluiram ontem, no Porto, os participantes do Segundo Congresso da Indústria.

Foram 200 os industriais que durante três dias estiveram reunidos em Congresso no Porto para concluirem que «hoje, a situação é muito mais grave e não basta repetir os mesmos avisos», pois «a dívida externa é já o dobro das reservas que nos restam».

«Esgotada a confiança nas palavras exigem-se actos» – salientam as conclusões que reafirmam: «apesar da situação política e económica em que o País mergulhou», quererem os empresários «acreditar que ainda é possível a mudança, mas só com uma retoma da confiança que preserve o regime democrático».

«O Estado é o inimigo de quem trabalha, de quem paga impostos, em suma, o inimigo comum», refere o documento conclusivo, lido por Ferraz da Costa, presidente da CIP, no final do Congresso da Indústria. O documento final sublinha que «o Estado não administra a justiça, delapida o património, promove a asfixia fiscal e não presta contas nem paga a quem deve e selecciona os piores».

Para os industriais, «à imoralidade do Estado, os empresários responderão unidos na defesa dos objectivos nacionais que colectivamente sempre assumiram sem oportunismos ou favores».

«Nos últimos dez anos» – confirma a CIP – sacrificaram-se os trabalhadores, espoliaram-se os empresários, delapidaram-se as poupanças das famílias em despesas públicas improdutivas e hipotecaram-se as gerações futuras».

«Apesar disso, e ao longo do mesmo período, os trabalhadores têm suportado os pacotes de estabilização, os empresários têm aumentado as exportações e as famílias portuguesas têm conseguido manter níveis muito elevados de poupança, o que tem permitido evitar o colapso» – finalizam as conclusões do Congresso da CIP.

A anteceder a leitura das conclusões, os congressistas tiveram oportunidade de assistir a uma mesa-redonda subordinada ao tema «da viabilidade do sistema político actual, responder aos imperativos da realidade».

João Salgueiro, José Luís Nogueira de Brito, Marcelo Rebelo de Sousa e Marques Bessa foram os participantes no painel, introduzido pelo professor Jorge Borges de Macedo e moderado por Pedro Ferraz da Costa.

Borges de Macedo referiu, essencialmente, a necessidade de uma «atitude crítica em relação às classes políticas», no que foi corroborado por Marques Bessa, que afirmou que «militares e políticos institucionalizaram o usufruto da economia».

João Salgueiro baseou a sua intervenção naquilo que considerou as premissas necessárias para que o sistema se modifique sem ruptura: «executivos responsáveis, eliminação do peso do sector empresarial do Estado, redução da Administração Pública e reforma do sistema fiscal».

Nogueira de Brito foi o orador seguinte, para afirmar que o «11 de Março e a Constituição de 1976 representaram a cristalização da desconfiança entre o Estado e a sociedade» e concluir pela necessidade da revisão do texto da Constituição.

Marcelo Rebelo de Sousa afirmou que, antes de mais, a «crise é política» e enumerou os males que, no seu entender, a geram: «despezo pela política educativa, crise de valores e desnacionalização de Portugal».

Colóquio histórico em Coimbra: dez anos de transformação social

Entre o desencanto e a inovação à espera do «texto fundador»

Por vezes o desencanto em vozes de frustração, por vezes uma aragem de optimismo. Entre a memória de 74-75, rejubilante, e a amargura dos tempos que correm, decorreu a exposição, o debate. Dez anos de transformações sociais estiveram em análise de sexta-feira até ontem em local apropriado à reflexão: Universidade de Coimbra. Alguns dos principais actores das mudanças mais significativas deram corpo e voz ao debate. Perspectivas diversas, esbatimento de ressentimentos antigos, pouca polémica. Reencontro de muita gente que no refluxo da revolução tiveram de dispersar e no final se muitas e muitas questões ficaram por responder, uma certeza ficou também: a de que este foi o primeiro grande debate sobre a década que estamos a acabar de viver.

A iniciativa pertenceu à «Revista Crítica de Ciências Sociais», dinamizada pelo prof. Boaventura Santos, presidente do Conselho Científico da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Colóquio «Portugal 1974-1984: Dez anos de Transformação Social», assim se chamou o desafio lançado aos cientistas sociais e a todos os cidadãos «comprometidos com o devir histórico do nosso país». Foram mais de 400 participantes os que aceitaram o desafio. Um desafio ambicioso dada a grandeza da proposta para tão reduzido tempo, mas de qualquer forma uma iniciativa meritória que terá continuidade na próxima edição da «Revista Crítica de Ciências Sociais».

Voz amarga

O momento mais vivo e melhor do colóquio terá sido a mesa-redonda de ontem sobre a «Cultura e os novos modos de vida». Curiosamente a última. Eduardo Louenço, Siza Vieira, arquitecto, Emília Pedro, professora universitária, por um lado, Lídia Jorge e Maria de Lourdes Pintasilgo, por outro, foram os protagonistas da sessão. Voz amarga de um lado, sinal de esperança do outro.

O desencanto de Eduardo Lourenço recai sobre a falta de um projecto cultural da «esquerda portuguesa viável», do PS. Segundo ele, «o PS não tem nenhum projecto cultural uma vez perdidas as referências marxistas» que o enformavam.

Mais polémico, Eduardo Lourenço diz mesmo que «o PS retoma os valores do antigo regime». Perdida a perninha marxista dos primeiros tempos, acrescenta, no PS não fica senão «um ideário democrático extremamente vago que não comporta nenhum tipo de projecto cultural adaptável à ruptura política, económica e ideológica verificada no 25 de Abril». Por isso insiste: «a reinstalação lenta mas eficaz dos antigos valores continua».

Apesar de reconhecer que estamos num período de grande criatividade literária, «em que a participação feminina é a marca mais evidente», Eduardo Lourenço retoma a sua tese de que a antiga mitologia cultural se mantém. «Não se tem conseguido uma mitologia de substituição da mitologia do antigo regime».

Siza Vieira, uma referência na transformação da cidade pós-25 de Abril, fala das duas cidades: a aparente a escondida por detrás dos grandes quarteirões. Doz que estamos vivendo uma «apaziguadora noite da burocracia», que os arquitectos são apenas responsáveis por três por cento do que se constrói em Portugal e 10 por cento no Porto.

Emília Pedro fala da intervenção educativa. «O 25 de Abril chegou às escolas, passeou pelos corredores, abriu portas de gabinetes que cheiravam a mofo..., partiu vidros que ainda estão por substituir, mas...» traça um quadro sombrio e diz que hoje estamos como ontem.

Regozijo e confiança

«Literatura e Emancipação» foi o tema que Lídia Jorge agarrou, e bem, para o contraponto que acabou por ser a sua intervenção. Lembra que alguma coisa mudou com o povoamento do espaço imaginário português, depois do 25 de Abril, refere dois pólos – sentimento de amputação, com a redução do império, e verbalização da mitologia da liberdade – e sublinha que a literatura portuguesa passa a ser marcada pela «desreadatorização do discurso».

Lídia Jorge é daqueles que têm «motivo de regozijo e de confiança no domínio das letras». Mas teme a homogeneização cultural que nos espreita, devido à importação de modelos do lado de lá do Atlântico. Lamenta que não haja um grande prémio para a poesia portuguesa, tanto mais que «o melhor da nossa filosofia está na nossa poesia», e chama a atenção para a convivialidade entre os escritores, apesar das divergências. «Não é promiscuidade» – assegura.

Lourdes Pintasilgo: o «texto fundador» está a ser construído

Desvio e inovação

A «deambulação pelo espaço/tempo do 25 de Abril» cabe a Maria de Lourdes Pintasilgo. É a intervenção final, abre vias de esperança. «Talvez a margem de desvio (introduzida pelo 25 de Abril) ainda não tenha fechado e a inovação ainda seja possível» – diz a ex-primeiro-ministro.

Começa por repegar no Ricardo Reis, de José Saramago – «nosso rosto, nosso sentir colectivo» – e afirma que o acto fundador que foi o 25 de Abril ainda não tem o necessário «texto fundador». «Estamos na etapa da construção colectiva do texto fundador».

Para Lourdes Pintasilgo, após o 25 de Abril, «alguns viram mais o desvio do que a potencialidade de inovação». Uma das razões: «onde há incapacidade de inovação é mais fácil denunciar o desvio».

Lourdes Pintasilgo fala de palavras, afectos e coisas. Espaço/tempo de Abril. Aproxima-se do presente. «O erro não está em que as finanças comandem a política... ou que antes das finanças esteja a contabilidade, há um outro erro: o de não termos sido capazes de carrear a cultura do nosso comportamento».

Pintasilgo fala também de uma repetição cíclica entre 1982 e 1984. Repetição cíclica entre o fim da AD e o estrebuchar da coligação actual. Por isso mesmo assinala: «A pseudo-estabilidade é sentida como permanente instabilidade». Reafirma Lourdes Pintasilgo que o homem é de facto, o sujeito da História e faz o apelo ao trabalho. Ao «regresso do actor», parafraseando Alain Tourraine.

Para Lourdes Pintasilgo, o acto fundador para ser durável precisa de um texto fundador e esse texto «não podia ser o texto do MFA». Descer ao fundo da Terra pode ser construir o texto fundador». Mas há dois mitos que se têm agigantado nos últimos anos. Pintasilgo fala deles: o bode expiatório e o salvador.

No final, a parafrase de Ricardo Reis: querer pelo desejo aquilo que não se pode querer pela vontade. Pintasilgo acrescenta-lhe: manter o desejo, mas também a vontade».

Protesto de Melo Antunes

O colóquio abriu na sexta-feira com a mesa-redonda «As Forças Armadas e os projectos políticos do 25 de Abril». A intenção de que estivessem representadas as três principais correntes do MFA fracassou, mas não deixaram de aparecer contributos importantes. Melo Antunes, na intervenção mais aplaudida, deu conta da razção do fracasso. Otelo não estava presente. E por isso Melo Antunes começou mesmo a sua intervenção com um protesto público pela manutenção da prisão do estratego do 25 de Abril. Segundo ele, este facto constitui a prova de que o poder político não está interessado em vias que conduzam a um diálogo na sociedade portuguesa.

Para o dinamizador do Grupo dos Nove a criação de uma democracia pluralista numa via socializante, isenta de vícios de social-democracia e dos modelos colectivistas implicava a manutenção da autonomia do MFA, que deveria manter uma posição de simples catalizador dos movimentos sociais. Este objectivo porém não viria a ser atingido e «o 25 de Novembro viria a marcar simbolicamente o fim da Revolução».

Vasco Gonçalves falou no seu estilo habitual. Houve quem se lembrasse do seu discurso de Almada. Disse que o MFA era um movimento unitário mas não isento de contradições e que «não houve poder revolucionário, mas revolucionário no Poder».

Maria Carrilho, socióloga, defende a persdistência em Portugal de uma questão militar e João Martins Pereira, afirma que as Forças Armadas, enquanto instituição, não têm um projecto político próprio. O MFA não terá sido excepção, manteve-se como instância política sem um projecto próprio, gerindo e arbitrando os conflitos sociais e, por isso, disse João Martins Pereira, acabou por ser o grande dissuasor da guerra civil e da Revolução.

Segue-se debate vivo. Pezarat Correia diz, da assistência, que o 25 de Novembro não foi feito pelo chamado Grupo dos Nove, o qual, reconhece, não soube resistir ao avanço da direita. Vasco Lourenço toma também a palavra para falar dos esforços de diálogo do Grupo dos Nove com as outras facções do MFA. Esforços inviabilizados, como se sabe.

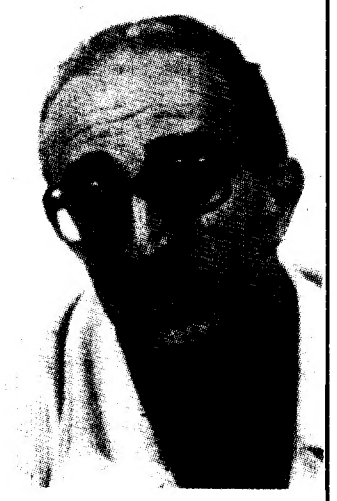
Das restantes mesas-redondas, aquela que abordou as «transformações no direito e na administração da justiça» foi talvez a de maior riqueza e dinamismo. Uma chamada de atenção para Laborinho Lúcio do Centro de Estudos Judiciários.

Boaventura Santos, o moderador deste debate, afirma que não se pode reduzir o direito à norma, Gomes Canotilho diz que o texto constitucional vigente tem estado sujeito à luta pela própria legitimidade e Figueiredo Dias fala da experiência quotidiana do crime e do discurso político sobre o mesmo. Flávio Ferreira refere que a independência judicial não se confunde com apoliticidade e Laborinho Lúcio avança com conceitos como o da necessidade de formação global do juiz e do novo estilo judiciário. Com este brilhozinho nos olhos: a criação do Centro de Estudos Judiciários foi a mais notável das transformações.

A mesa-redonda sobre colonialismo e descolonização não teve o mesmo impacte, mas deu alguns contributos históricos assinaláveis. Sobretudo de Vasco Lourenço, que lembrou o papel importante, contragosto, de Spínola com o célebre discurso de 27 de Junho de 1974. Só que quanto a Angola, Spínola disse: «Isso é comigo». O prof. José Manuel Rolo falou da cooperação, sublinhando que esta não pode estar sujeita a critérios de rentabilidade a curto prazo, mas sim de solidariedade a médio prazo. A situação de Timor-Leste foi recordada por um membro da Comissão do Povo Maubere.

Na abordagem das transformações económicas destacaram-se as intervenções de Daniel Bessa e Augusto Mateus. Para este a crise económica tende a abrir a transição política, e hoje, tal como antes do 25 de Abril, há que pensar as soluções em termos políticos e sociais e não em termos estritamente económicos. Mais: não há que defender conquistars, há que criar de novo. Para Manuel Silva o salário mínimo nacional situa-se, desde 1977, aquém do limiar de subsistência.

Os movimentos populares pela melhoria das condições de vida e a luta pelo controlo da produção foram outros dois temas de mesas-redondas. Que outros campos ficaram por abordar têm consciência os próprios organizadores. Educação e Comunicação Social foram os grandes campos ausentes reconhecidamente à partida. Durante os debates dar-se-ia pela falta de outro: a Igreja. Pezarat Correia chamou a atenção para o facto, mas não houve tempo para grandes abordagens. E Lourdes Pintasilgo, furtando-se bem ao debate da instituição eclesial, preferiu falar dos cidadãos: 85 por cento baptizados e 30 por cento praticantes.



Eduardo Lourenço: o PS retoma valores do antigo regime

Lídia Jorge: contra o desencanto

Barcouço: exemplo e festa

Findos os debates, ontem, ao princípio da tarde, um só caminho orientou todos os participantes: a Cooperativa de Produção Agro-pecuária de Barcouço. Experiência quase inédita de associação no meio rural do Norte e Centro do País, A COBAR é um verdadeiro exemplo de Abril. Envolve quase todas as pessoas da aldeia de Barcouço, afirma-se como pioneira na utilização de novas tecnologias na produção agrícola e, de Janeiro a Agosto, teve um golume de negócios superior a oito mil contos.

Pois ali, para além da broa, do ensopado, do leitão e do caldo-verde, houve festa, com o grupo folclórico de professores de Braga a centralizar a animação. Cantou-se e dançou-se. E foi bonito ver o presidente da Associação 25 de Abril, Vasco Lourenço, a dar uma perninha de dança, à mistura com visitantes e gente da aldeia.

Resquício ténue da aliança Povo-MFA, ou algo mais? «Continuo activo» – diz-me aquele «capitão de Abril», quando lhe falo da sua disponibilidde de tempo.

Conclusão: apesar de tudo, com mais ou menos desencanto, ainda há lugar para a festa...

Luís Humberto Marcos

Vasco Gonçalves: igual a 1975

Otelo: o grande ausente

Melo Antunes: o poder político não está interessado no diálogo

Vasco Lourenço: a história e a festa

comunicação social

Portugal/Guiné Bissau

Cooperação leva TV àquele país africano

Portugal e a Guiné-Bissau definiram prioridades para o desenvolvimento da cooperação bilateral no domínio da Informação, que beneficiará a Rádio, a Agência Noticiosa Portuguesa e a Imprensa nacional – disse à ANOP uma fonte oficial guineense.

Na cooperação com a Rádio Guineense, Portugal vai ajudar na aquisição e colocação em funcionamento de emissores de ondas médias para a cobertura integral do território, incluindo a recuperação de um velho emissor do tempo da administração colonial.

Para a agência niticiosa da Guiné-Bissau, a cooperação portuguesa vai apoiar com sete mil contos a aquisição de equipamento e colaborar na formação técnica do pessoal.

A Imprensa nacional guineense será dotada de materiais e equipamentos disponíveis em parques gráficos do Estado português.

Portugal está também disposto a cooperar cum a Guiné-Bissau no domínio da Televisão, que não existe naquele país africano, embora o Governo guineense dê total prioridade à cobertura de todo o país pela Rádio.

Estas decisões foram tomadas no último sábado num encontro efectuado em Lisboa entre os secretários de Estado da Cooperação e para a Comunicação Social, respectivamente, Gaspar da Silva e Anselmo Rodrigues, e o secrerário de Estado da Informação da Guiné-Bissau, Ângelo Regala.

Na sede da Agência Noticiosa Portuguesa, o governante guineense estabeleceu com o director-geral da ANOP, Horta Lobo e directores, etapas de implementação do acordo de cooperação con a ANG e a execução do projecto do seu desenvolvimento elaborado pela ANOP, e que deverá ser financiado pelo Programa Internacional de Desenvolvimento das Comunicações (PIDC).

Estatuto Editorial dos órgãos do sector público

O Conselho de Comunicação Social (CCS) acaba de emitir uma directiva segundo a qual a aprovação do Estatuto Editorial das publicações e orgãos de comunicação social de sector público compete ao director da publicação.

Para o efeito, bem como para a alteração do mesmo estatuto, o director deverá ouvir previamente o respectivo Conselho de Redacção.

Segundo a directiva agora emitida, antes da publicação do Estatuto ou das suas alterações, deverão aquele ou estas ser submetidos à apreciação do CCS.

Em questão estava saber se a elaboração do Estatuto Editorial das publicações informativas do sector público compete ao director ou ao respectivo Conselho de Gerência.

«É inadmissível que o Conselho de Gerência de uma empresa pública de comunicação social, cujos membros são nomeados pelo Governo, sem parecer prévio do CCS, interfira no conteúdo da publicação, através da adopção do Estatuto Editorial» – lê-se nos considerandos da directiva agora tomada pública.

O CCS contraria o ponto de vista segundo o qual, pelo facto de o conteúdo de um jornal afectar os seus resultados comerciais, o Estatuto Editorial devia ser definido pelos directores comerciais nomeados pelo Governo.

Tal concepção, acentua o CCS, iria contrariar o objectivo da independência dos órgãos de comunicação do sector público e pôr em causa o pluralismo de expressão.

«Incumbe ao Conselho de Gerência gerir os recursos materiais da publicação e impor os constrangimentos técnicos daí decorrentes. Mas não lhe cabe interferir no conteúdo próprio da publicação» – conclui o CCS.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juizo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 20 de Dezembro de 1984, pelas 16 horas, neste Tribunal Rua Braamcamp, 5-4.º, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a Verticanto, SARL, com sede na Rua Luis de Camões, 139 Lisboa, no proc.º n.º 4733/78, instaurado por divida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 – Uma máquina de alinhar direcções e calibrar, c/o respectivo equipamento, marca Faconvav s/n.º fabrico francês em bom estado de conservação e funcionamento, a que se atribui o valor presumível de 600 000$00.

Verba n.º 2 – Um compressor marca Sigurd em bom estado de conservação fabrico americano a que se atribui o valor presumivel de 200 000$00.

Verba n.º 3 – Uma máquina de contabilidade marca NCR eléctrica em bom estado de conservação, a que se atribui o valor presumivel de 100 000$00.

Verba n.º 4 – Um elevador de estação de serviço s/marca e s/n.º em bom estado de conservação, a que se atribui o valor presumivel de 100 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1984

O Juiz de Direito
Manuel Luís Macaista Malheiros

O Liquidador Tributário
Carlos Manuel Almeida Alvelos

«D.L.» – 10/12/84

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juizo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 20 de Dezembro de 1984, pelas 15 horas, neste Tribunal — R. Braancamp - 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a Alipio Antero & Filhos Ld.ª com sede na R. do Ouro-292-1.º Lisboa, no proc.º executivo n.º 41/80 e apensos, instaurado por divida a Imposto Complementar.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito ao arrendamento e trespasse do prédio sito na R. do Ouro-292-1.º a que se atribui o valor presumível de 5 000 000$00.

Verba n.º 2 — Uma mesa de vidro com pés em cromado c/ aproximadamente 1 metro de comprimento e 5 cadeiras em napa ao qual se atribui o valor presumivel de 25 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 10 de Dezembro de 1984

O Juiz de Direito
Manuel Luís Macaista Malheiros

O Liquidador Tributário
Carlos Manuel Almeida Alvelos

«DL» — 10/12/84

URGENTE

VENDE-SE

Lote de terreno em Azeitão – 511 m²
T. 9875829

Coligação abana

Mota Pinto não quer assinar documento-síntese

Nada indica que as delegações do PS e do PSD se reúnam hoje para ratificarem o documento síntese elaborado por Almeida Santos e Rui Machete. A razão deste «adiamento» tem a ver com o facto de Mota Pinto ainda «torcer o nariz» a um documento que é considerado por sectores do seu partido como «um andar de cócoras perante os interesses socialistas».

Pressionado pelas sensibilidades que lhe são opostas dentro do PSD, nomeadamente por aquela liderada por Marcelo Rebelo de Sousa, Mota Pinto parece disposto a marcar um compasso de espera antes de se pronunciar definitivamente pelo sim ou não à assinatura do documento.

Compasso de espera que contraria frontalmente os desejos dos socialistas. Estes, e como ontem à noite declarou a Comissão Permanente do PS, estão dispostos a assinarem já o documento e esperam que o PSD reconheça a necessidade de proceder da mesma maneira, ou seja, «o mais depressa possível».

A pressa de assinar o documento é de tal modo intensa dentro do PS que, por sua vontade, deveria haver hoje uma reunião final dos negociadores que ratificasse o documentão-síntese elaborado por Almeida Santos e Rui Machete.

Na mesma reunião, e segundo os desideratos do PS, os negociadores deveriam proceder de modo a não diferir para posterior reunião dos líderes dos dois partidos a resolução de eventuais problemas.

Acontece que no campo social-democrata a pressa de assiar não é igual à do PS. Mota Pinto mantém revervas em relação ao conteúdo do documento-síntese, considerando insuficientes as alterações introduzidas na primeira versão.

Perante a recusa de assinar de Mota Pinto e a manifesta vontade de **assinar já** da Comissão Permanente do PS, a coligação oscila.

Fonte socialista altamente colocada disse esta manhã ao "DL" que o PS não aceita que a questão se eternize. Segundo deu a entender, o documento deve ser assinado ou hoje ou amanhã. Dado que o PS está disposto a fazê-lo a qualquer hora do dia ou da noite, «o PSD se não quer assinar, terá que assumir o ónus do que vier a acontecer....».

Ganha pois importância a reunião, a realizar amanhã à noite, da Comissão Política do PS, que tem por objectivo «analisar o pé em que as coisas estão».

Nela, talvez se considere haver predisposição de alteração das condições políticas do Bloco Central ou de se pôr termo a ele, por parte do PSD. A partir de tal análise, tudo é possível. Inclusive o fim do Bloco Central.

PCP minhoto debateu crise

Que fizeram as «sumidades» Constâncio, Cavaco, Salgueiro e Lopes?

— *interrogou Carlos Costa*

A «extrema gravidade» da crise económica, assinalada por uma dívida externa próxima dos 16 mil milhões de dólares (cujos juros ultrapassam já os vinte por cento), pela venda, num só ano, pelo actual Governo, de 56 toneladas de ouro e por terríveis consequências sociais (desemprego, salários em atraso, repressão patronal, despedimentos, etc.) foi denunciada ontem, em Braga, por Carlos Costa, no encerramento da I Assembleia da Organização Regional do Minho do PCP.

Demitir o Governo

Responsabilizando os sucessivos Governos de direita, «com ou sem PS», mais as suas «sumidades Constâncio, Cavaco, Salgueiro e Ernâni Lopes» pela referida situação económica do País, aquele membro da Comissão Política do CC do PCP acusou ainda o actual Governo de prosseguir uma política de «tirar aos bolsos dos pobres para encher os cofres dos ricos».

Perante uma assembleia de que faziam parte 480 delegados da organização minhota dos comunistas (9600 militantes), Carlos Costa insistiu no carácter «essencialmente político» da operação CEE, levada a cabo por Mário Soares. Ela visa apenas – frisou o dirigente do PCP – «servir as ambições eleiçoeiras e a candidatura presidencial» do actual Primeiro-Ministro.

Relativamente às vias para saída da crise, Carlos Costa considerou que se «exige uma política económica radicalmente diferente, que impulsione as forças produtivas nacionais, que aproveite os nossos recursos e pontencialidades e que dirija a acumulação para o desenvolvimento dos instrumentos e meios de trabalho».

«O problema central do momento – disse – não é preparar as eleições presidenciais», mas sim «o de demitir o Governo para salvar o povo e o País do desastre e travar as batalhas das eleições legislativas, presidenciais e para as autárquicas em condições mais democráticas».

A intervenção de Carlos Costa incidiu também sobre as eleições autárquicas, considerando que numa região como o Minho «a tarefa mais difícil e das mais importantes é a formação de listas para as assembleias em todas as freguesias em que já concorremos e no maior número possível de outras em que ainda não participámos», devendo-se para tanto criar núcleos unitários de activistas.

Comunicação Social

Os 480 delegados aprovaram ainda três moções sobre a Assembleia da República, a situação laboral e a Comunicação Social.

Na primeira moção, os delegados repudiam a proposta de aumentos dos deputados, considerando-a «uma afronta vergonhosa aos trabalhadores portugueses, que neste momento vivem com salários e reformas de miséria e outros sem receberem o seu justo salário».

Quanto à situação laboral, os comunistas reafirmam a sua solidariedade e firme apoio na luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho.

Os militantes comunistas do Minho condenam, por outro lado, «o comportamento discriminatório» da Comunicação Social estatizada no que se refere à cobertura desta Primeira Assembleia da Organização Regional do PCP no Minho, considerando-a contrária à simples objectividade da informação.

Manifestam também solidariedade aos trabalhadores da Comunicação Social «na sua luta em defesa de uma informação democrática e objectiva, contra a política do Governo PS/PSD que pretende reduzi-los a meros instrumentos servis e obedientes da propaganda política de direita».

Programa e estatutos em debate

«Os Verdes» marcam Convenção Nacional para 27 de Janeiro

Uma Convenção Nacional, a realizar a 27 de Janeiro próximo, em Lisboa, vai definir linhas de orientação e aprovar os estatutos e programa do Movimento Ecologista Português, Partido «Os Verdes» — decidiram este fim-de-semana representantes de vários núcleos do partido, reunidos em Lisboa.

A Convenção elegerá ainda o Conselho Nacional do partido e os restantes órgãos directivos — referiu Isabel Moura, do núcleo de Lisboa, ao destacar as «boas perspectivas» de desenvolvimento e influência de «Os Verdes na sociedade portuguesa.

Francisco Gomes, outro dos responsáveis do núcleo de Lisboa, adiantou que as linhas mestras da actividade programática — a definir na Convenção de Janeiro — deverão incluir moções de orientação política e a estratégia do partido nas eleições previstas para 1985. Segundo Franscisco Gomes «as diversas sensibilidades do partido ainda não chegaram a acordo no que se refere a este ponto».

«Não nos preocupamos em ser um partido estrutural de massas — disse — o nosso objectivo é um trabalho que privilegie o poder local e o sentido do envolvimento comunitário».

Em relação ao balanço das actividades que «Os Verdes» têm desenvolvido, Francisco Gomes considerou que» este ano marcou de facto o início das nossas actividades, já que o ano de 1983 foi consumido na legalização do partido».

Na reunião de ontem foi eleita a comissão organizadora da Convenção, constituída por oito membros dos núcleos de Lisboa, Setúbal e Torres Vedras. A saber: Isabel Moura, Rui Castelhano, Francisco Gomes, Manuela Hartley, Maria Santos, José Barata, Hélio Carmona e Jorge Miranda.

Porque o Governo não cumpriu os prazos

Centrel retira administração da Messa

A empresa de electrónica Centrel retirou, quinta-feira, os administradores que colocara na «Messa», firma em situação económica difícil que projectava adquirir e relançar.

Face a isto, os trabalhadores da «Messa» reunidos em plenário apelaram ao Primeiro-Ministro e ao ministro de Estado, Almeida Santos, para que impeçam uma ruptura da situação na empresa.

A Comissão de Trabalhadores da Messa Industrial informou que a Centrel lhe anunciou a retirada dos seus representantes no Conselho de Administração, deixando em funções até dia 11, o Director-Geral da empresa, para assegurar a transição da gestão para o Instituto de Participações do Estado.

Fonte próxima da Centrel referiu à NP que o afastamento da empresa do processo de aquisição da Messa se deve, nomeadamente, ao não cumprimento por parte do Estado de prazos estabelecidos no contrato-promessa.

A fonte não confirmou a desistência da Centrel em prolongar o processo de aquisição mas disse que a empresa de electrónica tomará uma posição «definitiva e pública» no princípio desta semana.

Em Fevereiro, o Governo aprovara uma resolução mediante a qual a Centrel compraria ao Instituto de Participações do Estado e à Direcção-Geral do Tesouro as quotas do Estado na empresa.

Os trabalhadores – 950 no total – consideram que a situação põe em perigo a continuação da empresa (e, consequentemente, os seus postos de trabalho), dizendo que o contrato em vias de ruptura representava uma «garantia do salário e do emprego».

Por detrás desta linha, o perfil do futuro.

Se há um domínio bem representativo do empenho posto pela Ford em atingir a perfeição, é o do «design».
O sector da investigação onde a paixão automóvel se exprime mais totalmente.
Mas um Ford não é apenas um exercício de estilo.
É, acima de tudo, a exigência da função. Que dá sistematicamente prioridade ao objectivo que justifica um automóvel — a sua utilização no dia-a-dia.
Eis porque um Ford não se assemelha a qualquer outro carro. A Ford ousa ir mais longe. Sempre na tentativa de se aproximar mais e mais do homem. Das suas necessidades. Dos seus anseios.
Assim, as razões da estética estão subordinadas às directrizes aerodinâmicas, por seu turno comandadas pelas necessidades cada vez maiores de economia de combustível.
Economia de combustível. Quem não se lembra!
Estávamos em 1973... De súbito, o Mundo apercebia-se de que a gasolina já não era aquela fonte de energia inesgotável, extremamente acessível, que tinha sido até então.

Para a Ford o desafio estava lançado. Era preciso rever tudo. Repensar tudo. Investir.
E criar novos horizontes.
Hoje, os automóveis Ford constituem uma vasta gama renovada que demonstra bem o muito que se alcançou.
O Orion Diesel, por exemplo, é um 1.600 c.c. que consome apenas 3,9 litros aos 100 km, à velocidade constante de 90 km/hora.
E, muito recentemente, o protótipo UFO criado pela FORD percorreu uma distância equivalente ao Paris-Dakar com apenas 4 litros de gasolina. Um consumo médio de 0,11 litros aos 100 km! Até agora, ninguém fez menos.
Ford. Qualidade e inovação. Uma busca incessante de novas soluções para melhorar o seu Ford cada vez mais.

Qualidade e Inovação Ford

Em Évora

Hotel Planície esteve ocupado pela Polícia

A força policial que desde sexta-feira à tarde ocupava o Hotel Planície, em Évora, abandonou no sábado de madrugada aquele estabelecimento, depois de os trabalhadores e o presidente da comissão de gestão interina terem chegado a consenso.

O entendimento surgiu após diversas reuniões entre os cerca de 30 trabalhadores do estabelecimento que, durante cerca de 12 horas, buscaram uma solução que levou ao termo da ocupação policial.

Na última reunião, os trabalhadores aprovaram uma proposta que mais tarde foi apresentada ao presidente da comissão de gestão interina e aceite por este.

Nessa proposta os trabalhadores exigiam, nomeadamente, a manutenção de todos os postos de trabalho, a manutenção dos salários actuais e a garantia de pagamento dos aumentos futuros que se verifiquem no sector e ainda outras alíneas sobre o funcionamento da empresa.

No documento, era igualmente exigido que o industrial de hotelaria que reclamava a posse do hotel, António Quaresma, «não fosse nunca solicitado a intervir no exercício de funções».

Os trabalhadores do Hotel Planície indicaram ainda, na sua proposta, que a comissão de gestão interina seja formada pelo membro indicado pelo Governo, que a preside e por dois representantes dos trabalhadores.

Face à aceitação por parte do presidente da comissão, Porfírio Mouzinho, da proposta, no que se referia à constituição da comissão sugerida pelos trabalhadores da empresa, aquela tomou posse na mesma madrugada.

Durante as cerca de 12 horas de ocupação do hotel por parte das forças policiais, os trabalhadores estiveram reunidos com autarcas locais, deputados do PCP e dirigente do Sindicato da Indústria Hoteleira do Sul.

O Hotel Planície, que se encontra em autogestão desde 1975, tem ao seu serviço cerca de trinta trabalhadores, mais sete do que no princípio da ocupação pelos seus empregados.

Entretanto, a decisão judicial sobre o futuro do hotel, nesta altura com uma ocupação de cerca de 50 por cento, será divulgada quarta-feira, dia 12, pelo Tribunal Judicial de Évora.

Salários em atraso e desemprego

CGTP lança campanha de solidariedade com os trabalhadores afectados

A CGTP-IN vai lançar «de imediato» uma campanha de solidariedade para com os trabalhadores com salários em atraso e no desemprego – foi decidido no plenário nacional de sindicatos, que decorreu em Lisboa.

A decisão está contida num documento de resolução político-sindical aprovado por maioria, com 5 abstenções, pelos 400 delegados presentes em representação de 130 organizações sindicais, 12 das quais não filiadas na CGTP.

Nas acções imediatas previstas pelo documento consta ainda o apoio às manifestações de 15 de Dezembro a realizar em Lisboa, Aveiro e Leiria.

Para a concretização da campanha de solidariedade que decorrerá de 10 a 22 foi decidido criar uma comissão nacional e várias comissões regionais, integradas por pessoas dos mais diversos quadrantes políticos, com o objectivo não só de alertar para a «grave» situação dos salários em atraso e do desemprego como para a realização de acções concretas.

Das acções concretas a empreender destacam-se, entre outras, a criação de um fundo de solidariedade e a relização de vigílias.

Em relação às acções consideradas «prioritárias» pela CGTP, salientam-se a defesa das liberdades sindicais e democráticas, a luta por melhores condições de vida e de trabalho e a defesa das nacionalizações e da Reforma Agrária.

«Todo o movimento sindical está mobilizado para influenciar activamente o evoluir da situação política e social, mantendo a iniciativa de continuar a organizar e desenvolver a luta, quer pela defesa dos interesses dos trabalhadores, quer pela demissão do Governo e por uma alternativa que reponha os caminhos de Abril», lê-se ainda no documento.

A resolução aprovada manifesta ainda apreensão pelo «agravamento das condições de vida da população» e critica o Governo pelo que considera o «fracasso da política económica e financeira e a subversão da vida democrática».

Durante o plenário foi igualmente aprovado, por unanimidade, o orçamento e o plano de actividades da CGTP para 1985.

No plano de actividades destaca-se, «como objectivo fundamental, no plano político, a luta pela queda do actual governo».

A realização de um seminário sobre reestruturação administrativa e financeira, um encontro nacional sobre informação sindical, uma conferência sobre emprego/desemprego e um plenário da CGTP para fixar a data e a ordem de trabalhos do quinto congresso da central sindical constituem outros pontos salientes de actividade geral para 1985.

A planificação e desenvolvimento das acções das «frentes prioritárias» baseada na «perspectiva de que se vai verificar, em 1985, uma agudização dos conflitos sociais», constitui um objectivo da CGTP para, afirma o documento, «garantir a capacidade de actuação do movimento sindical e se desenvolverem com eficácia as formas de luta que se mostrem necessárias levar a prática».

«Dossier» sobre miséria e fome

A CGTP-IN vai também lançar antes do Natal um livro, «dossier» sobre a miséria e fome em Portugal, anunciou aquela central sindical.

Assente fundamentalmente em dezenas de reportagens e depoimentos recolhidos em várias regiões do País, junto de autarcas trabalhadores, médicos, padres e professores, o documento revela «situações impressionantes de miséria e de fome autêntica associadas ao insucesso escolar e à desescolarização, ao desespero e ao suicídio, às condições de habitação degradantes, à mendicidade e à marginalidade, ao aumento da doença e da mortalidade infantil, à ruína dos pequenos comerciantes e à desactivação de regiões inteiras».

INTER MARCO ESPIRAL

100 MILHÕES DE TELEVISORES PHILIPS!

Obrigado!

Na altura em que está a celebrar a sua produção de 100 Milhões de Televisores a Philips agradece a confiança que o público português lhe tem demonstrado, contribuindo assim para o facto de ser a Philips o maior e o primeiro fabricante de Televisores a alcançar esta meta sem precedentes. Desde já, também, assegura que não serão evitados esforços e gigantescos empreendimentos de Pesquisa, que permitam à Philips atingir e utilizar as técnicas inovadoras do futuro, a fim de que possa continuar a oferecer ao público a alta tecnologia e superior qualidade dos seus equipamentos, apoiados na melhor assistência técnica.

A Philips enfrenta agora, com esta determinação, o trabalho para o Futuro — em direcção ao seu próximo objectivo: a fabricação de mais 100 milhões de Televisores Philips nos próximos 10 anos.

- **A Philips é hoje líder no Mercado, em técnicas de vídeo.**
- **Vende um Televisor em cada três segundos, em todo o Mundo.**
- **Emprega cerca de 400.000 pessoas em todo o Mundo, com mais de 40.000 só no Sector de Vídeo, das quais mais de 2.000 trabalham no Campo da Pesquisa.**

A Philips pretende continuar líder no Mundo da Televisão e tudo o que faz é para o Bem-Estar, Prazer e Conforto do Público que lhe dedica a sua confiança.

Melhor Imagem - Melhor Som - Melhor Qualidade
Melhor Assistência Técnica

PHILIPS

Teatro Nacional de S. Carlos

APRESENTA EM DEZEMBRO DE 1984
A
COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO
(MINISTÉRIO DA CULTURA)
NOS DIAS
14, 17, 19, 20, 21, 26 e 27 às 21,30 HORAS: 16 e 23 ÀS 16,00 HORAS e DIA 28 ÀS 21,00 HORAS
EM

«O QUEBRA-NOZES»

BAILADO-FÉERIE EM 1 PRÓLOGO E 2 ACTOS
COREOGRAFIA: ARMANDO JORGE, SEGUNDO PETIPA / IVANOV
MÚSICA: P.I. TCHAIKOWSKY
LIBRETO: M. PETIPA
CENÁRIO E FIGURINOS: ARTUR CASAIS
(Cortinas dos 1.º e 2.º actos e guarda-roupa da produção original cedidos graciosamente pela FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN.
Produção renovada e ampliada pela COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO e patrocinada pelo Banco Borges & Irmão em comemoração do seu 1.º centenário).

DIRECTOR ARTÍSTICO ARMANDO JORGE INTÉRPRETES PRINCIPAIS
1.ACTO — LUISA TAVEIRA — GUILHERME DIAS — dias 14, 17, 19, 23, 26 e 28
PAOLA CANTALUPO — PETE LEWTON-BRAIN — dias 16, 20, 21 e 27
II.ACTO — PAOLA CANTALUPO — PETER LEWTON-BRAIN — dias 14, 17 e 26
MARIA JOSÉ BRANCO — MIGUEL LYZARRO — dias 16, 27 e 28
ROSALYN WHITTEN — MICHAEL BATCHELOR — dias 19, 20, 21 e 23
ISABEL FERNANDES — MARC DE GRAEF — CRISTINA MACIEL
e
VICENTE TRINDADE
(em Drosselmeier)
Artistas convidados por colaboração do BRITISH COUNCIL

CORO DO TEATRO DE S. CARLOS
Maestro titular: ANTÓNIO BRAINOVICH
ORQUESTRA SINFÓNICA DO TEATRO DE S. CARLOS
DIRECÇÃO MUSICAL: JOHN NESCHLING

O espectáculo do dia 14 constitui uma ANTESTREIA, sob o patrocínio do **BANCO BORGES & IRMÃO**, a receita reverterá a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro.

Abertura da bilheteira: Hoje às 13,00 horas

O programa pode ser alterado por motivos imprevistos

APOIOS: RADIODIFUSÃO PORTUGUESA / RÁDIO COMERCIAL
RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA

Maiores de 3 anos

Delegação já está em Lisboa

Emigrantes portugueses em França denunciam condições de vida

A delegação do Conselho da Comunidade Portuguesa de França (CCPF) denunciou as condições em que vivem os emigrantes portugueses e a falta de apoio «por parte dos serviços oficiais portugueses».

A CCPF afirma em comunicado que medidas do Governo português «acabam por centralizar todas as questões relacionadas com a emigração na Embaixada de Portugal em Paris, reforçando o centralismo e o controlo sobre a actividade do movimento associativo».

A delegação do Conselho da Comunidade Portuguesa em França, que está em Lisboa desde 3 de Dezembro para contactar organismos oficiais denunciou igualmente a «falta de informação adequada sobre a problemática do regresso», manifestando preocupação em relação às recentes medidas tomadas por Paris no capítulo da emigração.

Os representantes dos emigrantes portugueses em França pretendem também sensibilizar o Governo para o agravamento e degradação das condições do ensino da Língua Portuguesa aos filhos de emigrantes, tanto no ensino secundário como no ensino primário.

No documento, a delegação do Conselho da Comunidade Portuguesa em França refere que pretende apresentar às entidades oficiais a questão do «adiamento 'sine die' da reunião dos conselheiros da Europa, prevista para La Rochette, França».

Para o CCPF, a secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar, mostrou «pressa excessiva em adiar a reunião antes da apresentação de um recurso no Supremo Tribunal Administrativo».

A delegação do Conselho solicitou audiências ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro e à secretária de Estado da Emigração e tem já confirmadas reuniões com o presidente do Parlamento, com vários grupos parlamentares, com o presidente do Supremo Tribunal Administrativo, o presidendo do Instituto de Apoio à Emigração e com o provedor de Justiça.

Os que o integravam a 25 de Novembro não são abrangidos

Vinte e um membros do CR têm direito a pensão de reserva

Vinte e um antigos membros do extinto Conselho da Revolução podem, a partir de hoje, solicitar nos respectivos ramos a contagem total de serviço militar prestado para efeitos de recebimento por inteiro da pensão de reserva.

Esta faculdade, reservada apenas aos militares que foram conselheiros a partir de 25 de Abril de 1976, não contando portanto os que o foram à data do 25 de Novembro, foi conferida por diploma governamental publicado no «Diário da República» no passado dia 5.

O prazo para a apresentação dos respectivos requerimentos termina a 10 de Março, estabelece o mesmo diploma.

A melhoria da pensão de reserva é concedida tanto aos ex-membros do Conselho da Revolução que já solicitaram a sua passagem à reserva como aos que ainda se encontram na situação de activo.

Seis ex-membros já estão na reserva com tempo inteiro, pelo que este diploma em nada os beneficia. São eles os generais Pedro Cardoso, Altino de Magalhães, Melo Egídio e Pinho Freire, o amirante Souto Cruz e ainda o caso especial do marechal Costa Gomes.

Pediram a passagem à reserva, antes de tempo, cinco ex-membros: o contra-almirante Almeida e Costa (actual governador de Macau), o coronel Pires Veloso e os tenentes-coroneis Melo Antunes (membro do Conselho de Estado), Vítor Alves (conselheiro pessoal do Presidente da República) e Canto e Castro. Estes beneficiam do diploma.

No serviço militar activo estão 15 ex-membros do Conselho da Revolução, mais o caso especial do general Ramalho Eanes, Presidente da República e comandante supremo das Forças Armadas.

No Exército, o general de quatro estrelas Garcia dos Santos aguarda colocação desde que foi exonerado no ano passado das funções de Chefe do Estado Maior do Exército e o general Franco Charais é presidente da Comissão de Contas e Apuramento de Responsabilidades.

O brigadeiro Pezarat Correia está colocado no Comando Operacional das Forças Terrestres e é presidente da Assembleia Geral da Associação 25 de Abril.

O brigadeiro Rocha Vieira é subdirector do Instituto de Defesa Nacional e o brigadeiro Loureiro dos Santos director do Departamento de Operações do Estado-Maior do Exército.

O tenente-coronel Vasco Lourenço está colocado na CHERETP e é presidente da Direcção da Associação 25 de Abril, enquanto o major Sousa e Castro está na direcção da arma de Artilharia e é presidente do Instituto Damião de Góis.

O benjamim do conselho, capitão Marques Júnior, está colocado na Escola Prática de Infantaria (Mafra).

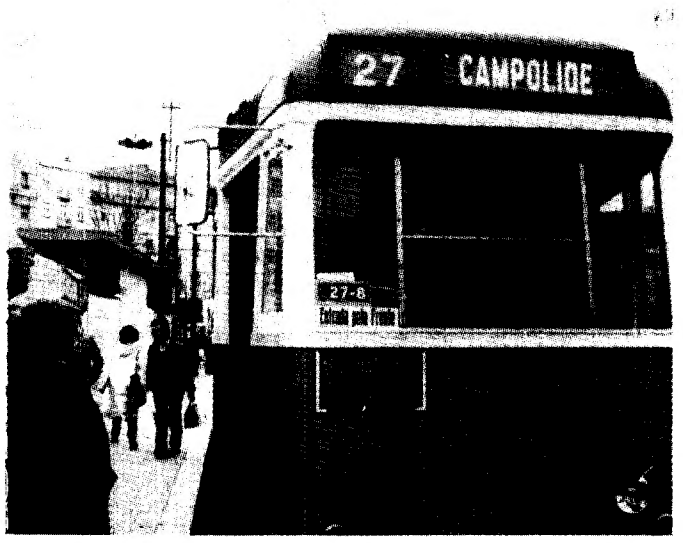
Na Força Aérea, o general Lemos Ferreira é o chefe do Estao-Maior-General das Forças Armadas e o brigadeiro Ribeiro Cardoso adido de Defesa e Aeronáutica da Embaixada de Portugal nos Estados Unidos.

O coronel Morais da Silva faz parte do «staff» internacional do comando da NATO em Mons (Bélgica) e o coronel Costa Neves está colocado no Comando de Logística e Administração, sendo também vice-presidente da Direcção da Associação 25 de Abril.

Finalmente na Armada, o almirante Sousa Leitão é o chefe do respectivo Estado-Maior e o Contra-Almirante Vítor Crespo Director dos Serviços de Justiça e vice-presidente da Assembleia Geral da Associação 25 de Abril.

O capitão-de-Mar-e-Guerra Martins Guerreiro está no gabinete de estudos da Direcção-Geral do Material Naval e é o primeiro-secretário da Assembleia Geral da Associação 25 de Abril.

Fontes militares disseram à agência NP que o diploma tem em vista os ex-membros natos do Conselho e não os que dele fizeram parte por inerência de funções de chefia militar.



Automatização nos eléctricos começa na carreira 27

A Carris começou a experiência de cobrança automática nos eléctricos, pela carreira 27, que circula entre o Poço do Bispo e Campolide, passando na Praça do Chile, e no Alto de S. João. Trata-se, afinal, da adopção de um esquema que já é conhecido de todos os utentes dos autocarros e que aqui segue os mesmos princípios: os portadores de pré-comprados terão de fazer a obliteração automática, quem tem passe exibe-o aos olhos do guarda-freio, os restantes ficam sujeitos a uma taxa única de 50 escudos. Uma nota: cobradores que ficarão libertados pela automatização serão reconvertidos noutras funções, segundo assegura a empresa.

Deputado centrista visitou portugueses presos na Tanzânia

Os quatro portugueses detidos na Tanzânia sofrem de «grande depressão psicológica», mas têm sido muito bem tratados pelas autoridades do país, disse ontem à NP o deputado José Gama.

O deputado do CDS afirmou que «houve uma recomendação para que haja alimentação especial aos detidos e foi enviado um médico de Dares-Salam especialmente para os assistir».

Os quatro portugueses, detidos em 26 de Agosto, encontram-se num estabelecimento prisional perto de Arusha, onde José Gama os visitou no passado domingo.

Eles sofrem de «grande depressão psicológica porque se consideram totalmente inocentes e vítimas de uma conspiração que não sabem onde começa», afirmou José Gama

O gerente da empresa organizadora para a qual os quatro portugueses trabalhavam, Theo Potgieter, um sul-africano com passaporte britânico, foi detido no passado dia 1 «por razões que têm a ver com grandes desvios de somas da companhia para a sua conta pessoal», disse o deputado do CDS.

José Gama considerou que esta detenção «pode vir a revelar definitivamente a inocência dos portugueses».

O deputado português obteve autorização expressa do presidente tanzaniano, Julius Nyerere, para visitar Aldelino Serras Pires, Adelino Serras Pires Júnior, Carlos Arthur Cardiano e Rui Manuel Monteiro.

José Gama disse que se encontrou em Dares-Salam com Luís Barreiros, secretário da Embaixada portuguesa no Maputo, que, embora autorizado a visitar os detidos, «julgou suficiente a detalhada exposição» que o deputado lhe fez da situação dos portugueses. A iniciativa da Embaixada enquadra-se no seu «empenho activo» no caso, disse.

José Gama considerou que «qualquer especulação neste momento» sobre o processo dos detidos seria «extremamente perigosa» para o seu desenlace. «Não tenho receio de empenhar a minha palavra de homem, cidadão e político de que eles estão totalmente inocentes», disse José Gama. «Se alguém apresentasse uma prova inequívoca de que são culpados de algum facto concreto, comprovado, nesse mesmo dia abandonaria a minha actividade política».

«Eles são vítimas de uma maquiavélica conspiração que talvez brevemente possa ser desvendada», disse José Gama.

O deputado, em quem os familiares dos detidos confiaram as iniciativas que promoveu para a sua libertação, sublinhou não ter ouvido «nem dos quatro portugueses nem das autoridades presentes» na visita que lhes fez qualquer referência a uma extensão da acusação ao seu envolvimento numa conspiração que se estenderia a diversos países africanos.

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-RDA

CONVOCATÓRIA

Convocada uma Assembleia Geral Ordinária dos Sócios da ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-RDA, para o próximo dia 21, pelas 17 horas e 30, na Sede da Associação, Praça José Fontana, 17-4.º andar, em Lisboa, subordinada à seguinte:

ORDEM DO DIA

1.º Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio 1984/1985-1985/1986.

2.º Alterações propostas pelo Conselho Directivo a vários artigos dos estatutos.

Não havendo quorum à hora marcada, a Assembleia funcionará uma hora mais tarde, com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa, 6 de DEZEMBRO de 1984.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL,
Francisco José Miranda Duarte

NATAL
14 FORMAS DE PASSAR O SEU NATAL
DO MAR A MONTANHA
FIM DE ANO
40 RÉVEILLONS
DIFERENTES • INÉDITOS
Consulte o nosso catalogo geral
LUSANOVA - TOURS
GROSSISTA N.º 435/83
RESERVAS NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

NOTICIAS DO BALÃO

O BALÃO
Rua da Prata, 285 - Lisboa

- Em 3.7.84 incêndio de grandes proporções destruiu completamente a nossa existência.
- Em 20.8.84 reabrimos ao Público em pleno, com stocks totalmente renovados.
- Temos orgulho no nosso dinamismo, mas reconhecemos e agradecemos a colaboração pronta da COMPANHIA DE SEGUROS bonança
- Vale a pena ter seguro.
- Vale a pena ir ao BALÃO

de ontem para hoje

Soldado da GNR morto no Entroncamento

O cadastrado José António Maria dos Santos, evadido da cadeia de Vale de Judeus, em Alcoentre, é procurado por suspeita de ter sido o autor dos disparos que, na manhã de anteontem, no Casal do Vidigal, em Entroncamento, provocaram a morte de um guarda da GNR e ferimentos num outro. Belarmino dos Santos, que teve morte imediata, e Eugénio Maria Fernandes, já livre de perigo no hospital do Entroncamento, faziam parte de uma patrulha que foi alvejada a tiros de caçadeira, quando se aproximava de uma casa em ruínas. O autor dos disparos, que fugiu para uma mata próxima, foi identificado por um casal que estava na casa em ruínas.

Assassinado na Cruz de Pau

Um cidadão cabo-verdiano foi morto a tiro por um compatriota na Quinta da Princesa, em Cruz de Pau, concelho de Almada, ao tentar defender o filho. A vítima, Silvino Mendes de Carvalho e Melo (foto), de 42 anos, e o agressor, Olívio Mendes Landim Barros, de 27, eram muito amigos e residiam no mesmo prédio. A tragédia ocorreu cerca da meia-noite de sábado quando Silvino procurou defender o seu filho António Pedro, de 24 anos, quando este lutava com Olívio que reagiu disparando sobre ele um tiro de pistola. Olívio Barros foi depois violentamente agredido por conterrâneos seus, residentes no bairro, pelo que teve de ser tratado no Hospital de Almada, antes de ser presente

ao juiz de Instrução Criminal da comarca, que validou a sua prisão.

Apreendidas 27 viaturas em «stop»

Numa operação levada a cabo no Norte do País, entre as oito horas da passada quinta-feira e a mesma hora do dia seguinte, a GNR apreendeu vinte e sete viaturas que circulavam com os números dos motores e dos «chassis» viciados, detendo três indivíduos, um dos quais estrangeiro. Dezassete das viaturas são da marca Mercedes, entre elas um táxi, nove de marca Peugeot e uma Ford Transit.

Rusga em «boîte» de Torres Novas

A «boîte» «Ele», em Torres Novas, não possuidora de licença de porta aberta e de boletim de sanidade, foi alvo de uma rusga levada a cabo pela GNR e pela Polícia Judiciária de Tomar. Na sequência da operação foram detidos dois homens (por furto e ameaças a um agente da PJ) e duas mulheres (por falta de identificação). As autoridades apreenderam, por outro lado, duas matracas e uma máquina de «poker» tipo «flipper».

Caçador numa vala em Coimbra

Numa vala existente na zona de Abénea, no concelho de Coimbra, apareceu ontem de manhã morto o caçador Alfredo Baptista dos Santos de 63 anos, que, na passada sexta-feira, saíra de casa, em Monte Arbelo. Alfredo dos Santos, encontrava-se meio submerso, com a espingarda ao lado, tudo indicando que tenha sucumbido a doença súbita. A investigação do caso foi entregue à Polícia Judiciária.

Ausentou-se de casa em Setembro

António Pardal, um doente mental de 73 anos, desapareceu no passado dia 1 de Setembro da sua residência, no lugar do Coito, em Tomar, sendo portador do Bilhete de Identidade n.º 6340279. Segundo indicações fornecidas pela Polícia Judiciária, António Pardal, tem 1,60 m de altura, olhos azuis dos quais o esquerdo apresenta uma deficiência que o obriga a conservá-lo quase permanentemente fechado. Quando desapareceu vestia calças pretas, camisa da mesma cor, botas de cabedal, casaco cizento com a manga esquerda descosida e um boné aos quadrados de cores cinzenta e azulada.

Náufrago aparece em Espanha

O corpo de um dos pescadores mortos num naufrágio ocorrido no passado dia 30 próximo do Forte de Insua, em Caminha, acaba de dar à costa em Santa Maria de Oya, perto de Bayona, na região de La Guardia. Segundo informou a capitania do porto de Caminha, trata-se de José Maria da Costa Guerra, de 39 anos, casado, que residia na freguesia de Azevedo.

Explosão de gás num prédio da Graça

Um septuagenário ficou ferido ao provocar a explosão de uma garrafa de gás no rés-do-chão que ocupa com a sua mulher no prédio n.º 32 da Travessa do Monte, à Graça, em Lisboa. Francisco Macieira teve de receber tratamento no Hospital de S. José, a queimaduras nas mãos e no rosto, e a sua mulher Olinda da Costa, da mesma idade, saiu ilesa do acidente apesar da residência ter ruído parcialmente.

«FP-25» reivindicaram autoria do atentado

Três granadas de morteiro contra Base da NATO em Oeiras

Em telefonemas para a ANOP e para a RTP, um indivíduo que se intitulou como porta-voz das FP-25, reivindicou para aquela organização o atentado da madrugada de ontem contra as instalações do Comando da Área Ibero-Atlântica da NATO, em Oeiras. A acção (lançamento de três granadas de morteiro de 60 milímetros, uma das quais caiu no parque de estacionamento do COMIBERLAND e duas outras no Bairro Habitacional do Alto da Barra) teve como objectivo, ao que disse, «defender a independência nacional, lutar contra a presença da NATO e o imperialismo americano».

As explosões, que ocorreram cerca das 2 e 30, danificaram o automóvel «Fiat 127», matrícula BG-57-64, propriedade de uma funcionária norte-americana da NATO, estacionado no interior do COMIBERLANT, provocando ainda o estilhaçamento de vidros das janelas em algumas das residências do Bairro Habitacional do Alto da Barra e danos num «Peugeot», com a matrícula BR-09-84.

A granada que caiu no perímetro da NATO deflagrou nas proximidades da portaria, onde na altura estava de serviço um fuzileiro, integrado na Polícia Naval, que nada sofreu.

Segundo revelou aos jornalistas o capitão Capela, oficial do Serviço de Relações Públicas do COMIBERLANT, as granadas terão sido accionadas por «indivíduos não profissionais que, tanto poderiam ter utilizado um mecanismo artesanal como um lança-granadas».

A Polícia Judiciária fez deslocar ao local uma equipa da sua Brigada de Combate ao Banditismo.

Revelado por director da Maternidade Alfredo da Costa

Crianças asfixiadas no parto duplicaram em Portugal

A percentagem de crianças falecidas em Portugal por asfixia durante o parto aumentou em cerca de 50 por cento, segundo revelou no passado sábado, em Faro, o dr. Duarte Fino, director clínico da Maternidade Alfredo da Costa, durante as Primeiras Jornadas de Pediatria no Algarve. O mesmo clínico denunciou que «cada vez mais aparecem grávidas que chegam à maternidade para terem um filho e que antes, nas consultas médicas, nunca lhes foi medida a tensão nem o comprimento do útero, nem – frisou ainda – os factores de risco foram avaliados».

Falando sobre as condições de trabalho nas maternidades, em especial na Alfredo da Costa, Duarte Fino afirmou que só o espírito voluntário da classe consegue «fazer milagres» com o material antiquado de que dispõe. O chefe clínico daquela maternidade lisboeta revelou ainda que este ano o número de nascimentos na Alfredo da Costa deverá rondar os 12 mil, num estabelecimento que, sublinhou, foi dimensionado para três mil.

Nas conclusões finais das jornadas os cerca de 300 participantes «diagnosticaram» uma carência «asfixiante» de meios para desenvolverem a sua actividade. Os especialistas queixam-se da falta de meios técnicos, humanos e de instalações que os obriga a sacrifícios «nem sempre compreendidos», para levar a bom termo a missão da assistência infantil de que estão incumbidos. Os participantes na jornada afirmaram ainda estarem dispostos a dar uma maior informação às populações sobre as dificuldades com que se debatem para que não sejam eles os «bodes expiatórios» das deficiências da saúde em Portugal.

Subnutrição no Algarve

Um pediatra do Hospital Distrital de Faro, dr. Luís Batalau, afirmou que «uma grande parte das crianças algarvias sofre de subnutrição». Aquele médico sublinhou que «embora o Algarve seja uma zona turística, não se vive bem». No Algarve «vive-se mal e há muitas crianças carentes e subnutridas, que são facilmente atingidas por doenças respiratórias e gastroenterites», denunciou Luís Batalau.

Adiantando «ser falso que as crianças do Algarve sejam todas muito nutridas e que apanhem muito sol», pelo que, frisou, «este é um dos problemas a rever na região».

Em causa o Vinho do Porto

Viticultores do Douro contra integração na região de Lamego

Cerca de três mil viticultores da região demarcada do Douro repudiaram ontem um projecto de lei do PSD que a ser aprovado, implicará a sua integração numa futura região demarcada dos vinhos espumantes de Lamego.

Grande número dos viticultores, eventualmente envolvidos no processo, estiveram reunidos na Adega Cooperativa de Penajóia (Concelho de Lamego) e aprovaram uma moção que «repudia veementemente» o projecto-lei em causa.

Para a eventual constituição da região demarcada dos vinhos espumantes seriam desanexadas da região demarcada do Douro 10 freguesias do concelho de Lamego, que actualmente lhe pertencem, integrando cerca de três mil viticultores que produzem aproximadamente sete mil pipas de vinho generoso (vinho do Porto), por ano, no valor de meio milhão de contos.

«Não somos contra a formação da região demarcada dos vinhos espumantes de Lamego, mas queremos continuar integrados na região demarcada do Douro a que secularmente estamos ligados como produtores de vinho generoso», disseram à ANOP alguns dos lavradores reunidos em Penajóia.

Mesquita Montes, membro da direcção da Casa do Douro, que também participou no encontro, afirmou numa intervenção que «a Casa do Douro é frontalmente contra a desanexação das várias freguesias do Concelho de Lamego da sua região demarcada».

Segundo Mesquita Montes, o projecto de lei é extemporâneo e a sua apresentação só foi possível «devido à ignorância dos preponentes sobre legislação datada em 1982, que contempla não só o caso dos espumantes de Lamego como também o dos vinhos rosados e aguardentes bagaceiras».

Cook machine
Uma nova maneira de cozinhar!
Mais rápida!
Mais prática!
Mais económica!

À VENDA EM TODAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE

CLUBE DE PRAÇAS DA ARMADA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os sócios a participar na 1.ª Assembleia Geral, a realizar no dia 19 de Dezembro de 1984 às 17.30 na S.F.U.A.P., Cova da Piedade, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

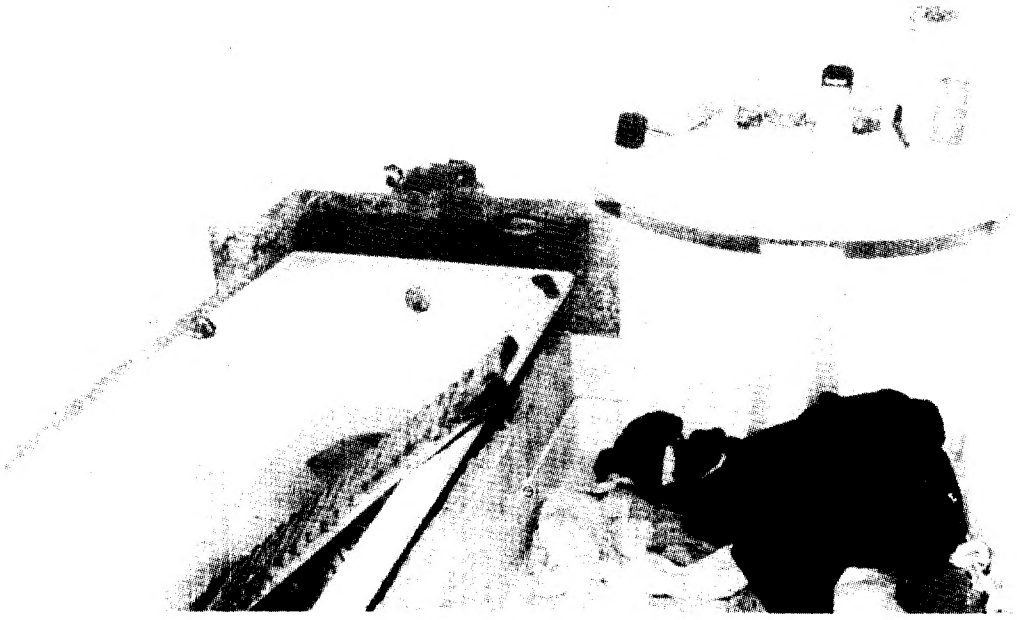
1. Eleição dos Corpos Gerentes para o biénio 1985/86

Nota: Os trabalhos terão início à hora marcada com mais de 50% dos associados, ou 1 (Uma) hora depois com os sócios presentes.

Almada, 3 de Dezembro de 1984

P/ A COMISSÃO INSTALADORA
Ilegível

Sempre que chove um pouco mais, as caves da urbanização ficam neste estado lastimável



O interior de uma das duzentas casas já habitadas...

Acontece em Arcena, Alverca do Ribatejo

Empresa não acaba urbanização se não for financiada pela CGD

- *Duzetas famílias em risco de não terem água e luz*

As duas centenas de moradores da urbanização do Vale de Arcena, em Alverca do Ribatejo, há dias que receiam acordar sem luz nem água, porque tanto a EDP como os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Vila Franca deixaram expirar o prazo para o seu corte, à falta de pagamento. E há muito que quer a EDP quer os SMAS não recebem. Mas os moradores, asseguraram ao «DL» dois dos membros da sua Comissão Representativa, pagaram facturas de electricidade.

É aqui que começa a história. História que não é única, porque a construção civil portuguesa está cheia de situações idênticas. Não vale a pena enumerar muitas, porque esta é suficientemente elucidativa. Com efeito, onde é que já se viu aparecerem individuos a cobrarem facturas de electricidade aos moradores e o dinheiro não entrar nos cofres da empresa que, de facto, é proprietária de uma urbanização?

O vice-presidente da administração da «Urbanitel», José Luís Ferreira, negou esta semana ao «DL» que alguém da sua empresa tenha cobrado facturas de energia aos duzentos moradores da urbanização de Vale de Arcena. Duzentos, perdão: duzentos mais quinze, que foram tantos quantos ali compraram lotes desde que em Maio deste ano a «Urbanitel» passou a parte maioritária na «Eurocapital».

O caso começou com a ameaça que paira sobe mais de duzentos moradores: de um dia para o outro poderão ficar sem água nem electricidade. Como qualquer história, sobre o seu tom dramático à medida que a situação se desfia e se revelam alguns pormenores. Ora, disse José Luís Ferreira ao «Diário de Lisboa», dado o acidental impedimento do presidente da empresa, Lúcia Marques, «quando adquirimos uma boa quota-parte da «Eurocapital», apesar de toda a nossa prudência, não previamos que o processo de financiamento que estava a decorrer relativamente à urbanização de Arcena viesse a ter este desfecho e do qual não temos quaisquer culpas. Foi esse imprevisto que complicou todos os nossos projectos, aliás de uma empresa que tem de capitalizar para investir, porque a «Eurocapital» chegou-nos perfeitamente descapitalizada», acrescentou.

«Uma réstia de esperança»

Os duzentos moradores da urbanização do Vale de Arcena pouco, ou mesmo nada, terão a ver com esse processo. De resto, José Luís Ferreira, ex-adido cultural de Portugal em Amesterdão, o reconhece, dizendo viver o drama de todas essas famílias. Mas obtempera: «Não temos receitas para investir no acabamento da urbanização, nem mesmo de continuar a construção dos lotes que faltam. Esta é a verdade que, se a Caixa Geral de Depósitos não desbloquear um financiamento que já lhe foi pedido e em 9 de Novembro subitamente «travado» se manterá, até que surjam melhores dias. E esses melhores dias já não nos dizem respeito, mas a quem governa este país».

A «Urbanitel» diz não ser «dona e senhora» da «Eurocapital» e ter integrado esta empresa em Maio deste ano. Os moradores, contuso, afirmam que isso foi em Fevereiro, num dia em que aí se apresentou um senhor chamado Henriques a dar-lhes a nova que todos julgaram ser boa. Ou, pelo menos, melhor que aquela que em 1980 lhes chegou com a «Eurocapital». Diz, a propósito, a Comissão Representativa de Moradores: «Tivemos uma réstia de esperança de vermos os nossos problemas resolvidos. Volvidos alguns dias, contudo, constatariam que não era bem assim, pois os poucos trabalhadores que aí se encontravam, foram retirados. José Luís Ferreira explica a razão dessa medida: «Sem receitas, sem nada ter a fazer, porque razão haveriam de aí continuar?»

Respeito pelos contratos feitos até Maio de 84

A urbanização do Vale de Arcena é um caso típico da transferência de responsabilidades, no sector da construção civil, neste país. A sua edificação começou há sete anos, com a firma «Fernando Cardoso, Lda.», passando três anos depois para a «Eurocapital». Presentemente, como já ficou claro, é na prática propriedade da «Urbanitel», uma firma vocacionada para a urbanização, mas que as incidências do mercado imobiliário e a crise do sector levaram a ocupar-se também da construção.

Os contratos de promessa de compra e venda de andares ostentam ainda a chancela da «Eurocapital» que a «Urbanitel» explica pelo facto de deter larga quota-parte nessa sociedade. No entanto, acrescenta o vice-presidente da sua administração, «todos os contratos ate agora feitos serão por nós escrupulosamente respeitados». Os novos, claro, já não oscilarão entre os 1700 e os 1950 contos, como os que foram feitos pouco antes e depois de 1972. Os preços actuais dos andares da urbanização do Vale de Arcena vão hoje dos 3200 aos 3500 contos, conforme os casos. Mário Luís da Costa Carvalho, morador do 1.º andar, esquerdo, do lote 80, tinha há dias um contrato para assinar na ordem dos 3200 contos, ficando a pagar pouco mais de treze mil escudos/mês à «Urbanitel».

Andares vendidos a mais de uma pessoa...

Quanto a escrituras, a situação é feia. Não há licença de habitação e, portanto, sem esta autorização o notário de Vila Franca não está habilitado a marcar qualquer escritura. Todavia, há cinco moradores que a fizeram há já bastante tempo, facto que para a «Urbanitel» é estranho – «porque nem sequer deveria ter sido passada licença de construção para a urbanização», comenta José Luís Ferreira –, mas indiscutível. E de entre esses cinco há um dos moradores que não se importaria de mudar de casa e efectuar um novo contrato, tendo presente o novo regime de compra e amortização de casas face ao novo dispositivo criado por lei saída em Agosto deste ano.

E quem não fez ainda a escritura, isto é, a maioria? A «Urbanitel» diz que os contratos anteriormente assumidos serão respeitados, manifestando o seu espanto – opinião de José Luís Ferreira – pelo facto de só agora os moradores se movimentarem para que as suas «legítimas aspirações» sejam concretizadas. «Eu já falei com os representantes da Comissão Representativa de Moradores, dizendo-lhes o que pensava da situação. Nem mais nem menos que aquilo que lhe estou a dizer, afinal. Isto vai mal e, se não houver boa vontade por parte das instituições de crédito, não teremos hipóteses de resolver a situação».

E ela, a situação, é grave, quer para os moradores quer para a própria «Urbanitel» que tem obras no Carregado e projectos para a Lagoa de Óbidos, S. Miguel (Açores), Vila do Bispo e Estoril. «Casos como este não nos ajudam nada, pelo que ninguém como nós terá tanto empenho em resolvê-lo. Mas sem dinheiro, sem receitas, não é possível», acrescenta.

A «Urbanitel» diz saber que terá havido duplicação de contratos na venda de andares e lotes, antes da urbanização passar para a sua jurisdição, mas alega nada ter a ver com isso. Contudo, considera normal, embora aborrecido, que tenha sucedido. E aconteceu, porquê? É José Luís Ferreira que explica: quando há vários vendedores, é natural que o mesmo lote possa, à partida, ser vendido por mais que um. Mas, no momento do contrato-promessa tudo se clarifica.

E agora, que futuro para os mais de duzentos moradores da urbanização do Vale de Arcena, que afirmam desconhecer quem é o verdadeiro dono dos prédios (como no-lo referiram Francisco Vicente e Carlos Menezes, dois dos incansáveis membros da sua Comissão de Moradores), alguns dos quais já pagaram integralmente os seus andares? Que futuro quando a «Urbanitel» diz não ter meios para os acabamentos, a electricidade lhes chega através do contador da urbanização, a água não está ligada à rede geral e, um destes dias, quer uma quer outra lhes poderá ser cortada por falta de pagamento?

Há em tudo isto um «jogo de empurra» (os moradores dizem que a «Urbanitel» ficou com o dinheiro da electricidade, facto que esta nega) que convirá esclarecer. O mesmo se passa em relação à água...

Texto: Júlio Rodrigues
Fotos: José Tavares

Caso a CGD não desbloqueie o financiamento que a «Urbanitel» lhe pediu a urbanização ficará inacabada, como aqui se vê

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

Esta parece do Confúcio.
Cão é pequeno, mas vinte cães puxam o trenó.

A propósito de ecologia
Inteligência que não lê é uma inteligência em vias de extinção.

A maior agressão
A Televisão mete-nos em casa pessoas que doutro modo nunca entrariam nela.

Observação
De gente inconsequente estão os abismos cheios.

Em verdade te digo
Se é a barriga que tu queres encher, ela acabará inclusivamente por se encher de ti.

Lá vem ele com a política!
Democrata? pode ser... Penso que, com tais atilhos, se só bastasse o dizer não havia mais sarilhos...

Não sei se estão a perceber.
A falta de meios, muitas vezes mais não é do que a falta de princípios.

Há sinceridade nisso?...
... E vai então o grande filósofo provou que a era do livro chegava ao fim. Provou-o — num livro.

Há uma grande diferença!
O homem ignorante diz a respeito de certo político: «É troca-tintas, mas simpático». Enquanto o homem culto diz: «É simpático, mas troca-tintas».

Observação não inocente
Quem se contenta com o dia de hoje, já se contentou com o dia de ontem.

Mais política no caso
«Desconfia sempre dos rótulos!» disse aquele sábio. E embora se conheça hoje toda a história do vinho do Porto falsificado em Espanha, não era bem a isso que o filósofo se referia.

Perseverança!
Portugal entrará na CEE? Talvez sim — quando todos os outros tiverem saido dela.

Carapuça por medida
Abril não cumpriu porque alguns não cumpriram Abril.

Fim do drama no aeroporto de Teerão

Assaltantes finalmente dominados

Ao fim de seis dias, terminou o sequestro do avião das Linhas Aéreas do Kuwait, que se iniciou no Dubai e terminou na noite de domingo no aeroporto de Teerão.

A entrada de um grupo de agentes das forças de segurança iranianas, disfarçados de trabalhadores da limpeza, às 20h30 tmG, permitiu que os quatro assaltantes do avião fossem dominados e libertados os nove reféns que ainda se encontravam no interior do aparelho.

De acordo com a informação oficial iraniana, os últimos nove reféns que permaneciam a bordo do avião, entre os quais o comandante, de nacionalidade britânica, saíram ilesos da operação de salvamento.

Pouco antes do início da operação, os sequestradores tinham libertado sete tripulantes, e tudo parecia indicar que nessa ocasião os sequestradores iriam levar a cabo as suas ameaças.

Os «piratas do ar» mataram os diplomatas norte-americanos Charles Hegna e William Stanford, funcionários da Agência para o Desenvolvimento Internacional.

Os dois cidadãos do Kuwait, que os assaltantes diziam ter assassinado, encontravam-se afinal no último grupo de reféns libertados.

A meio da tarde de domingo, os sequestradores, após uma longa conversa com as autoridades iranianas da torre de controlo, leram o seu testamento e cortaram a comunicação, recusando, ao mesmo tempo, quaisquer alimentos.

Na altura, disseram que estavam a iniciar as suas últimas orações e que iam fazer explodir o aparelho, uma vez que o governo do Kuwait tinha recusado as suas exigências.

Uma hora depois, mudaram de ideias e principiam as comunicações com a torre de controlo para pedir comida e explicar que tinham acabado de colocar explosivos em várias partes do aparelho.

Nessa altura, libertaram sete auxiliares de voo, o que deu a entender que estavam dispostos a cumprir as suas ameaças.

Depois nada mais se soube, a não ser que o sequestro tinha terminado e que os assaltantes estavam detidos, enquanto os últimos nove reféns se encontravam sãos e salvos.

Segundo as autoridades iranianas, os assaltantes tinham solicitado a presença de trabalhadores da limpeza.

Agentes de segurança iraninana, que já estavam preparados, entraram disfarçados às 20h15 tmG e lograram dominar os assaltantes «tomando as medidas necessárias para reagir à oposição armada dos assaltantes», segundo a agência iraniana IRNA.

Segundo outras informações, foram escutados alguns tiros e, ao que parece, um dos assaltantes ficou ferido no decorrer da operação de salvamento.

Ao conhecer-se o desfecho do episódio, o governo do Kuwait difundiu um comunicado onde agradece ao Irão a acção levada a cabo.

Com mercenários

Traficantes da Bo... vasta campanha d...

Um vasto plano para assassinar os principais governantes bolivianos e o embaixador dos Estados Unidos em La Paz, Edwin Corr, pela sua decisão de combater o tráfico de droga, foi descoberto pelas autoridades policiais. Segundo informações não oficiais, os bandos de traficantes de cocaína bolivianos e colombianos pagaram a um grupo de mercenários, encabeçados pelo argentino José Luís Marinaro, para assassinar o embaixador americano em La Paz. As investigações permitiram apurar que Marinaro entrou no território nacional pela fronteira com o Brasil, encontrando-se actualmente algures na Bolívia.

Os organismos de segurança reforçaram a vigilância em volta das principais figuras do regime boliviano e do embaixador norte-americano, que se converteu no «inimigo número um» dos bandos de traficantes de cocaína que operam na Bolívia.

As principais informações do ministério do Interior revelam que assassinos profissionais com armamento sofisticado entraram na Bolívia para desencadear uma onda de crimes, começando pelo assassínio de Edwin Corr.

O presumível cabecilha da conspiração esteve anteriormente na Bolívia, durante o governo do general Luís Garcia Meza (1980-1981).

Durante esse período, grupos de mercenários sul-americanos e europeus assessoraram os organismos de repressão política dos militares, revela uma informação confidencial que está a ser estudada pelo governo do presidente Hernan Siles Suazo.

A Interpol iniciou igualmente uma procura dos criminosos que, na opinião das autoridades bolivianas, contam com a cooperação de grupos

O futuro da Namíbia

Últimas propostas de Pretória ignoradas

Os Estados da Linha da Frente ingoraram as últimas propostas para a independência da Namíbia, noticiou o «Sunday Mail», de Harare, na edição de ontem.

O jornal refere que o primeiro-ministro Robert Mugabe classificou as propostas da África do Sul, transmitidas pelo secretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, como «arrogantes» e uma interferência nos assuntos internos do governo angolano.

Mugabe fez a afirmação numa entrevista ao «Sunday Mail», após o regresso de uma reunião em Arusha, na Tanzânia, que contou com a presença dos presidentes dos seis Estados da Linha da Frente: Angola, Botswana, Moçambique, Zâmbia, Tanzânia e Zimbabwe.

Mugabe disse que os americanos e os sul-africanos estão a actuar de «forma fraudulenta» e que «quanto mais depressa a comunidade internacional adoptar a Resolução 435 da ONU referente ao progresso da independência da Namíbia, melhor».

Segundo Mugabe, as propostas da África do Sul exigem a completa retirada dos 25 mil soldados cubanos em doze semanas.

Mugabe afirmou que Angola rejeita «clara e firmemente» as propostas e que a posição dos países da Linha da Frente é de «absoluto apoio» às posições de Luanda.

MUNICÍPIO DE SESIMBRA

ASSEMBLEIA MUNICIPAL

MOÇÃO

Mais de uma vez trouxemos a esta Assembleia a denúncia das situações escandalosas que se têm passado na MÚTUA DOS PESCADORES a partir do momento em que de uma forma ilegal o Governo pretendeu retirar a sua gestão aos legítimos representantes dos pescadores.

A concluir um processo em que ficou demonstrada a consciência e determinação dos pescadores portugueses realizou-se uma nova eleição em que saiu vencedora a lista A, que se propunha defender os interesses de toda a classe e continuar a acção daqueles que, depois do 25 de Abril, colocavam a MÚTUA ao serviço dos pescadores retirando-a das mãos de Tenreiro e dos tenreiristas.

A lista B e um elemento da Comissão Administrativa, vindo da Secretaria de Estado das Pescas, tudo têm feito para impedir que a MÚTUA retome a normalidade da sua vida, nomeadamente quanto a gestão, impedindo que os membros da lista vencedora tomem posse dos cargos a que têm direito.

Os mais elementares princípios democráticos, a reposição da legalidade, a própria sobrevivência da MÚTUA como instituição tão importante para os mais de 20 mil pescadores, mestres e armadores, para as dezenas de trabalhadores que directa ou indirectamente dela dependem, só por si, são as razões mais que suficientes para que a lista vencedora seja rapidamente empossada.

Por outro lado, são enormes os prejuízos já provocados a diversos níveis pela intervenção do governo, sendo absolutamente inaceitável o prolongamento desta situação, qualquer que seja o pretexto invocado.

Face ao exposto, a Assembleia Municipal de Sesimbra, reunida em 23 de Novembro de 1984, decide:

1. Exigir que seja dada posse à lista vencedora das últimas eleições na MÚTUA DOS PESCADORES, respeitando-se assim o resultado dessas eleições e normalizando-se a vida da própria MÚTUA.
2. Saudar os pescadores portugueses pela vitória conseguida na MÚTUA que demonstra a sua determinação e a sua consciência;
3. Manifestar uma vez mais o seu empenhamento em defender permanentemente os interesses dos pescadores e particularmente, os de Sesimbra;
4. Divulgar esta moção nos órgãos de comunicação social e imprensa local;

Dar conhecimento:
Sr. Presidente da República
Sr. Presidente da Assembleia da República
Sr. Primeiro-Ministro
Sr. Ministro do Mar
Sr. Secretário de Estado das Pescas
Sr. Secretário de Estado do Tesouro
Mútua
Instituto Nacional de Seguros

Sesimbra, 23 de Novembro de 1984

A ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Novembro de 1984

Este anúncio destina-se exclusivamente a informação do público

OBRIGAÇÕES locapor/84

EMISSÃO DE 1 000 000 DE OBRIGAÇÕES NO VALOR NOMINAL DE 1000$00 CADA

500 000 OBRIGAÇÕES PARA SUBSCRIÇÃO PÚBLICA

A subscrição, inicialmente prevista para 26 a 30 de Novembro, foi encerrada às 10.30 horas do primeiro dia, numa prova cabal da confiança já depositada pelo público na LOCAPOR e no leasing (locação financeira) em geral.

500 000 OBRIGAÇÕES PARA ACCIONISTAS E INVESTIDORES INSTITUCIONAIS

Prontamente subscritas pelas seguintes instituições:

- Aliança Seguradora, EP.
- Banco Borges & Irmão
- Banco Espírito Santo E Comercial de Lisboa
- Banco Pinto & Sotto Mayor
- CISF - Companhia de Investimentos e Serviços Financeiros, SARL.
- Companhia de Seguros A Social
- Companhia de Seguros Bonança, EP.
- Companhia de Seguros Império, EP.
- Companhia de Seguros Metrópole
- Companhia de Seguros Mundial Confiança
- Companhia de Seguros Portugal Previdente
- Companhia de Seguros Tranquilidade
- Construções Metalomecânicas Mague, SARL.
- Cosec, Companhia de Seguro de Créditos, EP
- Crédit Franco-Portugais
- Fidelidade Grupo Segurador, EP.
- L'Union des Assurances de Paris
- Montepio Geral-Caixa Económica de Lisboa

locapor

A EMPRESA LÍDER DO LEASING EM PORTUGAL

Sede: Rua Rodrigo da Fonseca, 57-5.º — 1200 LISBOA • Telefs. 540043/063/126/244/250 • Telex: 43486 LOCPOR P
Delegação: Rua do Dr. Alves da Veiga, 144-2.º A — 4000 PORTO • Telefs. 573018/573118 • Telex: 27253 LOCPOR P

Bolívia preparavam de assassínios

políticos de extrema-direita.

O embaixador norte-americano tem sido um dos principais impulsionadores de uma campanha de luta contra o tráfico de cocaína na Bolívia e já conseguiu a cooperação do seu país com as autoridades bolivianas.

Especialistas norte-americanos colaboram com os grupos especializados da Polícia boliviana na caça aos bandos de traficantes que se acoitam nas zonas quase inacessíveis do Sueste do país.

Penas «sui generis»

A maioria dos traficantes de droga detidos pela polícia boliviana não cumprem as suas penas e saem das penitenciárias com «simples certificados médicos», de acordo com um relatório ontem publicado no jornal «Presencia» de La Paz.

O relatório informa que na penitenciária de La Paz, onde 80 por cento dos reclusos são condenados por tráfico de drogas, 150 saíram nos últimos meses devido a «doenças» e destes somente onze regressaram à prisão.

O subsecretario boliviano da Justiça, Jorge Koelher, disse que os traficantes de drogas deveriam estar em centros hospitalares em vez de se passearem impunes pelas ruas de La Paz ou de viajarem para cidades do interior.

De acordo com relatórios de organizações internacionais, os traficantes bolivianos obtêm ganhos superiores aos 2500 milhões de dólares anuais, que os converteram em verdadeiras potências económias e acentuaram a corrupção em certos níveis administrativos da justiça da Bolívia.

Em alguns recintos prisionais bolivianos, os traficantes de cocaína gozam de prerrogativas especiais na sua instalação e de alimentação diferente da dos restantes prisioneiros, informa o relatório publicado em «La Presencia».

O relatório denuncia que alguns deste condenados, têm «permissões especiais» das autoridades da penitenciária para saírem à noite e regressarem no dia seguinte.

Peru

Os dois jornalistas da Televisão peruana sequestrados sábado em Lima por guerrilheiros foram ontem libertados, depois de o canal dois da Televisão ter transmitido uma proclamação do movimento Tupac Amaru – anunciou a agência EFE.

Fontes do canal dois da televisão peruana afirmaram que a repórter Vick Pelaez e o operador de câmara Percy Raborg foram abandonados próximo do aeroporto internacional de Lima às três horas locais (8.00 h de Lisboa), depois de 17 horas de sequestro.

A libertação ocorreu depois de o canal da televisão peruana, contrariando a proibição do governo peruano, ter transmitido na íntegra a proclamação, gravada em video, do movimento Tupac Amarut.

Os guerrilheiros tinham apresentado como condição para a libertação dos dois profissionais da informação a transmissão da sua proclamação.

Em território mexicano

Prosseguem as conversações entre a Nicarágua e os EUA

A Nicarágua e os Estados Unidos continuam hoje, no porto mexicano de Manzanillo, negociações, que se prolongam até terça-feira da próxima semana – anunciou o coordenador da Junta e Governo da Nicarágua, Daniel Ortega.

Ortega assinalou que a Nicarágua manterá as suas posições no sentido de resolver os problemas entre Washington e Manágua e anunciou as conversações, depois de uma reunião de várias horas com congressistas dos EUA, que visitaram a Nicarágua, para se inteirarem de como avança o processo democrático neste país.

As delegações dos dois países às conversações são dirigidas pelo embaixador especial dos Estados Unidos para a América Central, Harry Schlaudemna, e pelo vice-ministro nicaraguense dos Negócios Estrangeiros, Hugo Tinoco.

A delegação americana integra seis parlamentares do Partido Democrata, de ascendência espanhola, que têm votado até agora, no Capitólio, contra a ajuda económica aos grupos anti-sandinistas armados.

Entretanto, o Partido Liberal Indepedente Nicaraguano iniciou ontem uma assembleia extraordinária para decidir se os nove deputados, que elegeu em 4 de Novembro último, tomarão assento no Parlamento.

Em 21 de Outubro, a assembleia do Partido Liberal decidu não participar nas eleições e, em 30 de Outubro, o seu presidente enviou uma carta, nesse sentido, ao Conselho Supremo Eleitoral.

O Conselho Supremo Eleitoral manteve os boletins de voto em que figuravam as candidaturas daquele partido e considerou válidos os 105 560 votos obtidos, que garantiram ao Partido Liberal Independente direito a nove lugares no Parlamento.

El Salvador: guerrilha liberta soldados

A guerrilha salvadorenha anunciou que entregará amanhã à Igreja Católica 42 soldados governamentais capturados em combate no dia 1 de Dezembro na área do departamento de La Paz.

A Rádio Venceremos, emissora oficial da Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN), afirmou que a entrega será feita à Igreja Católica em cumprimento de acordos firmados em 30 de Novembro em Ayagualo por uma comissão mista do governo e dos guerrilheiros.

Aquela estação emissora não especificou a hora nem o lugar da entrega.

Os guerrilheiros consideraram que a segunda reunião dentro do processo de diálogo com o governo constituiu um avanço no «difícil caminho em busca de uma solução política global para o conflito».

Assinalaram, contudo, que nas últimas conversações com o governo, em Ayagualo, os seus representantes enfrentaram uma situação mais complexa e difícil do que no primeiro encontro, realizado em 15 de Outubro, em Palma, Chalatenango.

Os guerrilheiros afirmam que as posições do presidente José Napoleon Duarte reforçaram os sectores mais reaccionários das empresas privadas e do Exército, ao negar-se a admitir que se seja abordado o problema da integração dos dois Exércitos existentes em El Salvador.

«Negar-se a aceitar esta realidade é negar a própria existência da guerra e, portanto, as possibilidades reais de busca da paz» – afirma a FMLN.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

SEGURANÇA SOCIAL

INFORMAÇÃO:

AUMENTO DE PENSÕES

REGIME GERAL	VALORES ACTUAIS	NOVOS VALORES
Pensões de Invalidez e Velhice	Variável	+18%
Sobrevivência	Variável	+18%
Complemento de Cônjuge a Cargo	1.400$00	1.650$00
Suplemento de Grande Invalidez:		
Invalidez e Velhice	3.000$00	3.500$00
Sobrevivência	1.800$00	2.100$00
RURAIS REGIME ESPECIAL		
Pensão de Invalidez e Velhice	4.000$00	4.700$00
Suplemento de Grande Invalidez:		
Invalidez e Velhice	2.600$00	3.000$00
Sobrevivência	1.800$00	2.100$00
REGIMES NÃO CONTRIBUTIVOS E EQUIPARADOS		
Pensão de Invalidez e Velhice	3.900$00	4.500$00
Suplemento de Grande Invalidez:		
Invalidez e Velhice	2.600$00	3.000$00
Sobrevivência	1.800$00	2.100$00

SEGURANÇA SOCIAL — DE TODOS PARA TODOS

SEGURANÇA SOCIAL

a partir de 2 de janeiro de 85 cheques antigos só no banco a que pertencem

O Cheque Normalizado está em circulação há cerca de 3 anos.

Como foi concebido para leitura automatizada, é muito mais rápido para si usar Cheques Normalizados do que os cheques antigos, cujo tratamento manual atrasa a sua cobrança.

Como os cheques antigos, que ainda circulam, impedem a uniformização do tratamento automático, estes cheques vão deixar de ser aceites A PARTIR de 2 DE JANEIRO DE 1985* pelas instituições de crédito diferentes daquelas a que pertencem.

Assim, se o seu livro de cheques ainda for dos antigos, deverá apresentá-lo o mais breve possível no seu banco, onde se procederá à sua troca e lhe serão prestados esclarecimentos complementares.

* Atendendo à recente formação da Caixa Central, é feita uma excepção para os cheques das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo, cujo prazo de aceitação nas Instituições de Crédito termina somente em 30.6.85.

mude para a comodidade e rapidez do cheque normalizado

cheque normalizado é tempo poupado!

DESPORTO

«Taça de Portugal»

Marialvas obriga Varzim a decisão junto ao mar

Luz: quatro golos de Manniche

O Marialvas (3.º divisão) cometeu a proeza de forçar o primodivisionário Varzim a jogo de repetição na Póvoa na 2.º eliminatória da Taça de Portugal, de futebol. A turma de Cantanhede abriu o activo no 1.º tempo (por Canhoto) e consentiu a igualdade após o intervalo (por Miranda) não se alterando o resultado (1-1) no prolongamento.

Das 15 equipas da primeira divisão que jogaram (o Salgueiros ainda desconhece se o adversário será o Gouveia ou o Oliveira do Bairro), apenas uma caiu (Setúbal), outra salvou-se no prolongamento (Portimonense), além do Varzim ser forçado a novo jogo. As restantes passaram os obstáculos com mais ou menos sobressaltos.

Os «grandes» (Benfica, Sporting e FC Porto) ganharam facilmente, com os lisboetas a golear e os nortenhos a vencer calmamente, mas por números pouco desnivelados.

Um golo do brasileiro Zinho qualificou os bracarenses para a 3.ª ronda da Taça, afastando os setubalenses (de Manuel Oliveira), os primeiros do escalão principal a sair da competição.

O único primodivisionário a salvar-se com o prolongamento foi o Portimonense que, na sua deslocação ao campo do Peniche, esperou pelo minuto 112 para garantir o apuramento, graças a um golo de Luís Reina. O Guimarães

Alvalade: um toque de classe (Sousa) bate o esforço contrário

sentiu dificuldades em Vila Franca (frente ao conjunto local) mas ganhou por 3-1 (Laureta, Tincho e Gregório).

Castigo idêntico, mas mais forte, sofreram os amadores do Vilanovenses (distritais), que foram os primeiros a marcar à Académica (em Coimbra), por Cunha, mas depois levaram dez golos: Reis (3), Ribeiro (2), Pedro Xavier (2), Berry (2) e Flávio.

De pontaria afinada esteve também o dinamarquês Manniche, autor de quatro golos na goleada do Benfica ao Ponte da Barca: Vando (2), Jorge Silva, Oliveira e Diamantino marcaram os restantes tentos.

Em Alvalade também houve goleada (8-0), com a particularidade de o polivalente Carlos Xavier aparecer como concretizados de serviço de «penalties», convertendo dois: Venâncio (2), Litos, Xavier, Sousa e Forbs foram os restantes marcadores ao Valonguense.

O FC Porto, com dois golos de Vermelhinho, impôs-se (nas Antas) ao Chaves e o Boavista (Coelho, por 2 vezes, e Pedro) derrotou o Praiense, enquanto o Vizela sofreu (em Seia) mas ganhou por 3-1. O Rio Ave só à beira do fim (Álvaro, 81) ganhou em Estarreja e o Farense bateu o União de Santarém por 3-0 (Rui Lopes fez dois tentos e Carraça o restante).

Desfechos da 2.ª eliminatória da «Taça de Portugl» em futebol (1/64 avos). **Entre equipas da 1.ª Divisão: Braga - V. Setúbal, 1-0. Entre equipas da 1.ª e 2.ª Divisões: Caldas-Belenenses**, 0-1; **FC Porto**-Chaves, 2-0; **Sporting**-Valonguense, 8-0; Peniche-**Portimonense**, 0-1 (após prolongamento, 0-0 nos 90 minutos); Estarreja-**Rio Ave**, 0-1. **Entre equipas da 1.ª e da 3.ª Divisões:** Seia-**Vizela**, 1-3; **Benfica**-Ponte da Barca, 9-0; Farense-União de Santarém, 3-0; Marialvas-Varzim, 1-1 (após prolongamento, 1-1); Vilafranquense-**V. Guimarães**, 1-3. **Entre equipas da 1.ª Divisão e dos Distritais: Boavista**-Praiense, 3-0; **Penafiel**-Progresso, 2-0; **Académica**-Vilanovenses, 10-1. **Entre equipas da 2.ª Divisão:** Feirense-União de Coimbra, 1-1 (após prolongamento, 1-1); **Estrela de Portalegre**-Campinense, 2-0 (após prolongamento, 0-0); **Cova da Piedade**-Estrela da Amadora, 2-0; Fafe-**Alcobaça**, 0-1; **Espinho**-União de Leiria, 2-1; **Leixões**-Felgueiras, 3-0; **Marinhense**-Aves, 1-0 (após prolongamento, 0-0); **Elvas**-Guarda, 4-0; Torralta-**Gil Vicente, 0-1; Amora**-Olhanense, 2-1; Atlético-**Marco**, 0-1. **Entre equipas da 2.ª e 3.ª Divisões:** Anadia-**Tirsense**, 0-2; **Famalicão**-Juventude, 4-0; **Macedo de Cavaleiros**-Torriense, 2-0; **Alcains**-Mangualde, 1-0; Marinhais-Sanjoanense, 0-0 (após prolongamento); **Covilhã**-Via-

Continua na pág 14

Totobola: a chave

Braga-Setúbal	1
Estarreja-Rio Ave	2
Caldas-Belenenses	2
Marialvas-Varzim	X
Vilanfranq.-Guimar.	2
Espinho-U. Leiria	1
C. Piedade-E. Amadora	1
Elvas-Guarda	1
Feirense-U. Coimbra	X
Marinhense-Aves	X
Torralta-G. Vicente	2
Amora-Olhanense	1
Silves-Barreirense	X

Previsões: 345 com 13 (55 contos); 10 870 com 12 (1750$00); 108 650 com 11 (175$00).

Concurso n.º 6
Extraordinário
Símbolos já conhecidos:

9. Luton-Aston Villa	1
10. Queen's Park-Everton	X
11. Southampton-Arsenal	1
12. Stoke City-Ipswich	2
13. W. Bromwich-Watford	1

Os restantes jogos realizam-se quarta-feira, dia 12.
Cada prémio: **3 621 808$00.**

TOTOBOLA

jogue connosco

Concurso n.º 47

Boavista-Sporting	X
Académica-Farense	1
V. Guimarães-Salgueiros	1
V. Setúbal-Varzim	1
Rio Ave-Belenenses	X
Portimonense-Sp. Braga	1
P. Ferreira-Sp. Espinho	2
Marco-Gil Vicente	2
U. Coimbra-Mangualde	1
Atlético-Torralta	X
Lusitano-Estoril	X
Odivelas-E. Amadora	2
Nacional-Marítimo	X

Caldas: o jogo possível, vivido entre nervos

Braga, 1-V. Setúbal, 0

Jorge não evitou tudo

O único jogo da Taça entre equipas do primeiro escalão do futebol nacional teve por cenário o Estádio 1.º de Maio, em Braga, perante uma plateia que não devia ultrapassar as oito mil pessoas. Um número assaz diminuto, para o «peso» das equipas em confronto, por sinal, ambas com tradições nesta competição. Não saíram defraudados aqueles que no sábado, à tarde, estiveram no reduto minhoto. O espectáculo foi bom e teve um desfecho condizente, assim ao jeito de «happy-end» nos filmes onde o artista experimentam mil e um perigos, mas acaba por assegurar a sua continuidade tão desejada pelos espectadores.

O Sporting de Braga foi, na verdade, o conjunto que mais justificou a passagem à eliminatória seguinte, pese embora a réplica, sempre animosa do Vitória de Setúbal Os minhotos, que lograram obter o tento do triunfo logo aos 3 minutos, em consequência de uma «fifia» de Artur (um dos centrais sadinos), tiveram os cordelinhos do jogo na mão durante a maior fatia dos 90 minutos, forjaram oportunidades e deram à estampa alguns bons nacos do mais puro «association».

A supremacia dos bracarenses foi particularmente evidente na primeira meia hora de jogo, período durante o qual os setubalenses mal tiveram tempo de respirar, tal a avalancha de lances ofensivos que lhes caiu em cima. Refira-se, a propósito, que os minhotos beneficiaram de, nada mais, nada menos de uma dezena de pontapés de canto na fase de maior ascendente, mas sem qualquer proveito, uma vez que Jorge e seus pares se encarregaram de tapar todos os caminhos que conduziam à sua baliza.

No derradeiro quarto de hora do período inicial, e nos 25 minutos seguintes ao descanso, os sadinos, aproveitando uma certa quebra física dos seus opositores, apareceram também com alguma frequência no «território» minhoto, primeiro, com pezinhos de lã, e depois, declaradamente. O técnico setubalense, que havia apostado apenas em César, como dianteiro de raiz, jogou cartada decisiva ao trocar um defesa (Artur) por um avançado (Hernâni), já que a hipótese de chegar à igualdade parecia viável.

Na luta de «bancos», desencadeada sobretudo no tempo complementar, Manuel Oliveira começou por usufruir de uma certa vantagem quando mandou avançar Mota (defesa-direito) para o «miolo» do lado esquerdo, por troca com Formosinho (que não atinava com a marcação a Serra ou Zinho), mas Quinito, que da «arte» tem também uma visão avançada, logo puxou de um «trunfo» (Quim Alberto) para colmatar a incapacidade de Fontes, que viria a marcar pontos decisivos na parte derradeira do encontro

Excelente arbitragem de Fernando Alberto, que contou com dois auxiliares atentos e sincronizados

Manuel Neto

ÁRBITRO: Fernando Alberto (Porto), muito bem apoiado por Crispim de Sousa (bancada) e Pedro Alves (superior).
BRAGA: Hélder; Artur, Nelito, Dito e João Cardoso; Serra, Zinho, Sérgio Pinto e Vítor Santos; Fontes (Quim Alberto, aos 68 m) e José Abrantes.
SETÚBAL: Jorge; Mota, Edmundo, Artur (Hernâni, aos 58 m) e Sobrinho; Vicente, Formosinho, Nascimento e Jorge Plácido (Barrinha, aos 38 m); César e Freire
AO INTERVALO: 1-0. Marcador: Zinho (3 m)
CARTÃO AMARELO: Sobrinho (13 m) e Edmundo (71 m), ambos por faltas sobre jogadores contrários.

Peniche, 0-Portimonense, 1

Pescaria algarvia

Quem diria que chegou a ser hercúlea a resistência penichense (a viajar em incómodo lugar no torneio secundário) perante um Portimonense superpovoado de craques e trilhando airosamente percurso entre maiorais? E, a boa verdade ordena que se diga: não fora a grande actuação do guarda-redes Mendes (especialmente em uma bela «mancha», um soberbo «mergulho» e um voo sublime) e teríamos Manuel José a recolher, com seus comandados, sob o peso da derrota.

Porque, amigos, enquanto o Peniche conseguir dispor de homens com a têmpera de Manaca (que idade real, quantos anos menos que a marca do calendário?) jamais entrará vencido num terreno de esgrima futebolística, ainda que os problemas de tesouraria (com montes de dinheiro em dívida aos jogadores) pudessem evitar que eles não estivessem tão entregues ao trabalho como vai acontecendo. Mas, realmente, o Desportivo de Peniche é um belíssimo exemplo de profissionalismo: e, no entanto, Deus saberá como vão as coisas em casa de alguns daqueles moços que tão briosamente se bateram com os opulentos portimonenses.

Claro que a exiguidade do campo não facilitava a manobra de artistas de primeira: impelia a que sempre triunfasse o futebol-força, o poder atlético de cada turma. E foi nisso, muito já pelo prolongamento, que os penichenses tiveram de entregar as rédeas da carruagem ao parceiro, mesmo assim num lance de pura infelicidade, quando toda a defesa ficou siderada (sem força) e o toque atrasado de Júlio encontrou Luís Reina sem a mais leve fronteira pelas barbas.

Todavia, durante o período regulamentar, frequentemente se assistiu a domínio caseiro, perante uma das mais disciplinadas e correctas plateias que temos ultimamente visto em recintos desportivos. Dois golos penichenses (precedidos de faltas claras) foram muito bem invalidados pela arbitragem que esteve (apenas e só) para vinte valores: e a sua capacidade foi de tal ordem que sem espaventos, logo ao silvo inicial se impôs ao comando geral, ao respeito absoluto do conclave num jogo «à priori» considerado difícil de comandar.

Depois, foi a hora dos veteranos: que magnífica lição nos deram Manaca e Simões, cada qual em seu emblema, ditando a lei da sapiência e da inteligência. Aliás, muito bem secundados por dois óptimos guarda-redes (Mendes impressionante, Rodrigues mais espalhafatoso), coriáceos defesas (Horácio, Dinis e Balacó), ainda Carvalho no meio-campo algarvio. Evidentemente que poderia ainda registar-se o labor de Luís Reina, que tanto porfiou que acabaria por escamotear uma bem merecida viagem de Peniche a Portimão, mais que justificada pelo espelho das forças equacionadas. Mas, calhou que a roda da fortuna se quebrou quando Mendes fez aquele punhado de defesas: só então, ainda sem baixarem os braços, os penichenses compreenderam que navegam em outros mares mais batidos pelas ondas.

O único erro dos alunos de Manaca foi resvalarem continuamente para foras-de-jogo para onde eram impulsionados por sabidões orientados por Simões: uma pecha a corrigir, antes que se faça tarde. Em contrapartida, todas as avançadas pontadas por Vítor Oliveira resultavam em fracassos; o rapaz que tão boas provas tem dado, parecia um extraterrestre chegado na última carruagem do disquinho.

Não restem dúvidas: foi um abnegado espectáculo de futebol, com duas formações alheias a picardias, batendo-se com toda a coragem e dentro da sua sabedoria. Triunfou a que apresentou na balança o último fôlego: mas o parceiro ficou incólume no seu prestígio, inamovível na respeitabilidade que todos teremos de ofertar a um emblema que, lutando contra ventos e marés, vai fazendo pela vida.

Neves de Sousa

Muito boa arbitragem (sem o mais pequeno erro) do lisboeta Sepa Santos, que esteve apoiado em Cardita Sobral e Carlos Pires.

PENICHE: Rodrigues; Furtado; Moreno, Manaca e Horácio; José Francisco, Manan, Eco e José Fernando; Andrade (Bartolomeu, 67) e Moisés (Santos, 67).

PORTIMONENSE: Mendes, Simões, Dinis, Balacó e Alhinho; Vítor Oliveira, Carvalho, Pedroto (Luís Manuel na 2.ª parte) e Luís Reina; Cadorin (Júlio, 77) e Alain.

Golo por Luís Reina (112 minutos) Cartão amarelo para Manaca, Dinis e Carvalho

DESPORTO

FC do Porto, 2-Chaves, 0

Vermelhinho deu o tom

Fonseca (antigo «keeper» portista) mostrou conhecer bem as redes das Antas

A «Taça» ia transbordando nas Antas. O guardião portista, Zé Beto, impediu que tal acontecesse, através de um punhado de excelentes defesas, numa tarde das mais exaustivas da sua carreira. O que parecia fácil acabou por constituir um autêntico «bico-de-obra» só comparável àquele «bicho de sete cabeças» chamado Wrexham. Os portistas, que chegaram a ser vaiados pela sua plateia, tardaram a descobrir a chave que abria o ferrolho flaviense e, entretanto, tiveram de suar as estopinhas para manter intactas as suas redes.

Não se poderá falar de surpresa já que, como é sabido, o Desportivo está a fazer boa figura na zona Norte da divisão secundária onde segue em segundo com pretensões à subida. Surpresa, talvez, no tocante à actuação dos actuais guias da divisão maior que, em tarde de fraca inspiração, deixaram os seus créditos por mãos alheias. Por outras palavras, poder-se-á dizer que, enquanto o Desportivo de Chaves confirmou as boas exibições que vem realizando no seu campeonato, o FC Porto ficou a léguas de distância do seu habitual.

Muito disciplinados tacticamente, os flavienses apresentaram-se nas Antas com o propósito firme de vender cara a eliminação. E ao contrário do que se costuma verificar no reduto «azul e branco», mormente quando se trata de equipas de modestos recursos, a turma visitante não se limitou a aparar os golpes contrários. Antes, até, que os portistas lograssem importunar Fonseca, já João Pinto era obrigado a apliçar-se para impedir que Raul Águas atirasse a contar. Não há dúvida, porém, quanto ao domínio exercido pelos «azuis e brancos», do primeiro ao último minuto. Em causa está, no entanto, o efeito desse domínio. Na posse do esférico, os portistas sentiram dificuldades para penetrarem no extremo reduto contrário, quer porque insistiam nas infiltrações pelo «eixo» do ataque, quer porque optavam pelos despejos para as cabeças de Gomes ou Vermelhinho. Por um processo ou outro, perderam-se dezenas de lances, ora repelidos pelos múltiplos «tentáculos do polvo» flaviense, ora por intervenção de Fonseca, um guarda-redes que militou nas Antas e que mostrou (e de que maneira) estar ali ainda para «lavar e durar». Em contrapartida, sempre que os pupilos de Artur Jorge (técnico sofre!...) entravam pelos flancos era certo e sabido de que a muralha flaviense ameaçava ruir.

Dito isto, importará realçar a outra face da «moeda» enquanto equipa empenhada em manter a inviolabilidade das suas redes, o Desportivo de Chaves jamais ficou obcecado por esse objectivo, como, aliás, já o referimos. Por intermédio de Raul Águas, mas sobretudo de José Albano, o conjunto flaviense procurou, sempre que pôde (mais vezes, até, do que seria legítimo esperar), contra-atacar, forjando, por seu turno, algumas situações de grande apuro para a baliza de Zé Beto que, em função das várias intervenções, se cotou como o melhor jogador em campo.

Curiosamente, os dois golos portistas verificaram-se na sequência de jogadas precedidas de situações dificeis junto da baliza «azul e branca» e sempre com a chancela de José Albano, uma autêntica «gazela» a fugir aos defesas contrários, mas muito inexperiente na finalização. Aquelas oportunidades (47 e 70 m) nos pés de outros artistas teriam feito corar de vergonha a «imbatível» defesa das antas...

Sem grandes problemas para resolver, Ramiro Santiago podia ter realizado um excelente trabalho. Acontece, porém, que «esqueceu» o cartão amarelo devido a Lima Pereira, por duas vezes: primeira (55 m), por agarrar a bola com as mãos e depois (70 m), por ter «ceifado» um dianteiro contrário, em jogadas portadoras de perigo para a sua baliza.

Manuel Neto

Árbitro: Ramiro Santiago (Coimbra), bem auxiliado por Júlio Nascimento (ataque do FC Porto) e José Castela (ataque do Chaves).

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luís (Costa, aos 64 m); Quim, André e Futre; Jaime Magalhães (Quinito, aos 76 m), Gomes e Vermelhinho.

Chaves: Fonseca; Vivas, Amândio, Pio e Kiki; Paulo Rocha, Diamantino, Borges e António Jorge (Miguel, aos 23 m e César, aos 57 m); José Albano e Raul Águas.

Ao intervalo: 0-0. Marcador: Vermelhinho (50 e 65 m).

Cartão amarelo: Jaime Magalhães (73 m) e Lima Pereira (80 m), ambos por faltas sobre Borges, o capitão flaviense.

Caldas, 0-Belenenses, 1

Pálida imagem resteliana

Primeira citação: de grande apreço para a turma de arbitragem comandada por Veiga Trigo (e integrada por João Crujo e Manuel Burrica). Este último (colocado junto à bancada principal do Campo da Mata) sofreu, estoicamente, dixotes de uma fatia de plateia que, embora pouco significativa, poderia enervar o apoiante do juiz bejense. Isso nunca aconteceu: e, logo aqui, a arbitragem merece a nota mais destacada, num jogo em que o Belenenses entrou convencido de que ia dar lição de cátedra e, não fora o magro golo do rotundo e pesadão Dudu (dono de pés tão excepcionais que quase consegue disfarçar o péssimo momento físico que atravessa) e teríamos uma surpresa no «placard», já que o Caldas se aplicou até à medula, na tentativa de retardar ao máximo o êxito dos pupilos de Melia-/Raul Figueiredo, que surgiram como se fossem donos do Mundo e, acerta altura, não sabiam em que caixinha deveriam recolher-se.

Verdade que Djão, magnífico marcador de golos no rompante do campeonato, anda agora a léguas-luz da sua boa pontaria, talvez porque é atirado para a extrema-esquerda onde fica em permanente afastamento da zona do tiro mais fatal. Por outro lado, a instabilidade provocada pela falta de um comandante (José António) e de um estilista (David Byrne), ambos castigados, juntando-se à nula produtividade de Norton de Matos, outro intérprete da mais fina água (completamente divorciado da sua fase áurea) e aí temos os motivos que encaminharam o público para um mais sólido e rendido aplauso aos caldenses, no termo de uma luta em que tudo poderia ter acontecido.

Dois únicos momentos o Belenenses dispôs para rasgar o **véu da noiva** caldense: naquele remate de Bastos Lopes como na «passagem» de Djão para as mãos do guarda-redes contrário. Curiosamente, seria Figueiras (com um **semigalináceo**) a autorizar o disparo do **encorpado** Dudu que deu o tom ao marcador, num livre marcado quase inocentemente.

Há destaques que se impõem: ao «libero» Graciano (impecavel), à velocidade e improvisação de Vitinha, ao domínio de situação por Paulino e, nos lisboetas, exclusivamente a Artur e Dudu, que remaram contra uma maré que, nem de longe nem de perto, representa o autêntico futebol capaz de ser exibido pelo «team» do Restelo.

Todavia, fraco jogo para o interesse criado em seu redor.

Certo que se tratava de uma partida em que os nervos dominaram o esclarecimento: e a vontade (o afã) de dominar o marcador se colocou acima de virtuosismos ou de filigranados. E o correcto, o que fica para a história, é somente que o Belenenses continua na «Taça». Mas (também) que o Caldas retira de cabeça bem erguida e de costas para a boa sorte.

Neves de Sousa

Bela arbitragem do trio comandado por Veiga Trigo (Beja).

Caldas: Figueiras; Graciano, Alfredo, Carvalho, Eduardo e Justiniano (Alegre, 70), Vitinha, Paulino, Proença (Vietas, 79) e Fragoso; Mendes.

Belenenses: Justino; Pereirinha, Hélder, Bastos Lopes e Artur; Jaime, Ruben, Dudu e Jorge; Norton de Matos (Ronnie, 82) e Djão.

Golo por Dudu (17). Cartão amarelo para Mendes, Carvalho, Ruben e Hélder.

«Taça» foi motivo para festa: gaiteiros de Ponte da Barca na Luz e troca de lembranças em Alvalade.

PEGASO

mais quilómetros, menos problemas

OS COMPRADORES DE QUALQUER VEÍCULO NOVO **PEGASO**, NO PERÍODO DE 1 DE JUNHO A 31 DE DEZEMBRO DE 1984, FICAM HABILITADOS A PARTICIPAR NO SORTEIO DUM MAGNÍFICO AUTOMÓVEL **TOYOTA STARLET 1300** A REALIZAR EM 16 DE JANEIRO DE 1985

PEGASO

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: Salvador Caetano, I.M.V.T. — S.A.R.L.

sonarte

DESPORTO

Bessa: bota açoreana embateu nos dentes de José Rafael

As perguntas que fazemos

1 – Será verdade que o árbitro de futebol Joaquim Gonçalves (Porto) é vendedor de artigos desportivos e tranquilamente nomeado para dirigir partidas em que intervêm os seus clientes?

2 – Confirma-se (ou não) que o juiz Veiga Trigo está afastado das grandes nomeações devido a ser simpatizante de determinado partido político?

3 – Não vem para o caso mas vale a inquirição: como vão as relações entre Carlos Lopes e Mário Moniz Pereira? E entre o medalha de ouro na maratona e o recordista mundial Fernando Mamede?

Futebol por cá

Continuação da pag 12

nense, 1-0; Benfica C. Branco-Santiago do Cacém, 0-0 (após prolongamento); **Lourosa**-Belmonte, 4-0; **Beira-Mar**-Mealhada, 1-0; **Ovarense**-União da Madeira, 3-1 (após prolongamento, 1-1); Portalegrense-**Montijo,** 0-1; Silves-Barreirense, 1-0 (após prolongamento, 0-0); Odivelas-**Comércio e Indústria**, 1-2; Sesimbra-Luso, 1-1 (após prolongamento, 1-1); **Lusitano Évora**-Alferrarede, 4-0; **Marítimo**-Almeirim, 4-1; Santa Clara-Lixa, 0-0 (após prolongamento); **Vialonga**-Nacional, 2-0; **Moscavide**-Águeda, 2-0. **Entre equipas da 2.ª Divisão e Distritais:** Fajões-**Paços de Ferreira,** 0-1; **Estoril**-Fundão, 6-1. **Entre equipas da 3.ª Divisão: Samora Correia**-Louletano, 1-0 (após prolongamento, 0-0); Olivais-Sacavenense, 0-0 (após prolongamento); **Amarante**-Naval, 2-1; **Paredes**-Valenciano, 6-1; Ermesinde-S. Martinho, 4-4 (após prolongamento, 3-3); **Régua**-Paroquial de Fátima, 1-0; Merelinense-Oliveirense, 1-1 (após prolongamento, 1-1); Guiense-**Lousanense**, 0-3; **União de Tomar**-Vendas Novas, 1-0; **Lusitânia**-Infesta, 1-0 (após prolongamento, 0-0); Oriental-Valadares, 2-2 (após prolongamento, 2-2). **Entre equipas da 3.ª Divisão e Distritais:** Vila Real-Trofense, 2-2 (após prolongamento, 2-2); Pedrouços-Monção, 2-2 (após prolongamento, 1-1); Vieira-**Porto-santense**, 2-3; Pinhalnovense-Santa-combadense, 2-2 (após prolongamento, 2-2). **Entre equipas distritais:** Faial-**Oliveira do Hospital,** 0-1 (após prolongamento, 0-0).

O sorteio da próxima eliminatória efectua-se hoje, pelas 18 horas, no lisboeta Hotel Fénix.

Juniores

A ronda 10 do Campeonato Nacional de Juniores forneceu os seguintes resultados na ZONA NORTE, **Série A:** Bragança-V. Guimarães, 1-2; Limianos-Rio Ave, 1-4; Gil Vicente-Famalicão, 2-1 e Sp. Braga-Varzim, 3-0.

O jogo Merelinense-Ponte da Barca foi adiado para 22 deste mês.

Guia: Rio Ave, 16 pontos.

Série B: Vila Real-Tirsense, 2-0; Avintes-Lourosa, 0-1; Régua-Sanjoanense, 4-1; FC Porto-Leixões, 3-0 e Boavista-Salgueiros, 0-0.

Guia: FC Porto, 18 pontos.

ZONA CENTRO, **Série C:** Águeda-Covilhã, 0-0; Mortágua-Oliv. Hospital, 2-1; Repesenses-Tondela, 4-0; Anadia-Guarda, 3-0 e Estação-U. Coimbra, 0-4.

Guia: U. Coimbra, 19 pontos.

Série D: E. Portalegre-Caldas, 1-1; Alcobaça-Naval 1.º Maio, 3-0; U. Leiria-Nazarenos, 0-0; Académica-BC Branco, 3-0 e Marinhense-Alferrarede, 5-0.

Guias: Caldas e Alcobaça, 15 pontos.

ZONA SUL, **Série E:** Trafaria-E. Amadora, 0-5; Belenenses-Ol. Moscavide, 1-1; Oriental-U. Almeirim, 2-0; Sporting-C. Piedade, 8-0 e Benfica-Campomaiorense, 8-0.

Guias: Sporting e Benfica, 19 pontos.

Série F: GD Quimigal-Farense, 3-0; Desp. Beja-Lusitano, 1-0; Olhanense-V. Setúbal, 0-3; Portimonense-Barreirense, 1-2 e Amora-Torralta, 0-2.

Guia: Barreirense, 19 pontos.

França: quarteto «mágico» derruba ilusões da RDA

A França venceu a RDA por 2-0 em jogo do Grupo 4 de qualificação para o Mundial-86 de Futebol, somando assim a sua 12.ª vitória consecutiva. Yannick Stopyra (23 anos), que esteve em evidência durante a 1.ª parte do encontro, foi o autor do golo de abertura (aos 32 minutos). Philippe Anziani (que substituiu Stopyra, aos 84 minutos) veio a ser o autor do 2.º golo da equipa francesa.

O «mágico» quarteto francês constituído por Platini, Giresse, Luis Fernandez e Jean Tigana voltou a estar em acção pela 1.ª vez desde o campeonato europeu, revelando-se como um meio-campo bastante forte que nunca correu perigo.

As equipas alinharam:

França: Bats; Bilbard, Senac, Bossis e Amorós; Fernandez, Tigana, Giresse e Platini; Stopyra (Anziani 84) e Bellone.

RDA: Mueller; Doerner, Trautmann, Stahmann e Doescher; Liebers, Troppa, Stuebner, e Steinback; Minge (Glowartzky 78) e Thom.

Classificação do Grupo 4:

	J	V	E	D	G	P
França	3	3	0	0	7-0	6
Bulgária	3	1	1	1	4-1	3
Jugoslávia	2	1	1	0	3-2	3
RDA	3	1	0	2	7-5	2
Luxemburgo	3	0	0	3	0-13	0

Próximos jogos: 27 de Março – Jugoslávia - Luxemburgo; 3 de Abril – Jugoslávia - França.

Itália-Polónia

Dois golos nos últimos minutos deram a vitória à Itália sobre a Polónia, em jogo particular disputado na cidade transalpina de Pescara.

Depois de uma 1.ª parte sem golos, na qual a Itália desperdiçou uma série de oportunidades, o avançado Alessandro Altobelli inaugurou o marcador aos 77 minutos, perante 35 mil espectadores. No último minuto da partida o centro-campista António Di Gennaro (Verona) fechou a contagem com um remate forte, disparado de fora da área. Os polacos defenderam-se bem no tempo de abertura, mas sofreram forte revés (aos 49 minutos) quando Wdowczyk foi expulso do terreno por sucessivas faltas cometidas sobre o «mundialista» Bruno Conti.

Sob a direcção do árbitro escocês Robert Valentine, alinharam:

ITÁLIA: Tancredi; Bergomi (Tricella 46); Cabrini, Bagni (Dossena 66), Vierchowod e Righetti; Conti (Fanna 70), Tardelli, Rossi, Di Gennaro e Altobelli (Serena 79).

POLÓNIA: Kazimierski; Kubichi, Zmuda, Wdowczykn, Vojcicki; Matysik (Pawlak 79), Wijas, Komornicki e Palasz; Boniek e Oktnski (Ostrowski 53).

Cartão amarelo para Vierchowod e vermelho para Wdowzyk.

Independiente ganhou a «Intercontinental»

O Independiente (Argentina) venceu o Liverpool por 1-0, e conquistou a «Taça Mundial de Clubes de Futebol» (Taça Intercontinental), em jogo disputado na capital japonesa. José Alberto Percudani (aos seis minutos) apontou o único tento que deu ao título aos «vermelhos de Avellaneda». A final da Taça Mundial, entre os campeões da Europa e da «Taça Libertadores da América, realizou-se no Estádio Olímpico de Tóquio, completamente cheio de entusiastas japoenses, ingleses e alguna argentinos.

Com arbitragem do brasileiro Romualdo Filho, alinharam:

LIVERPOOL — Grobbelaar; Phil Neal, Alan Kennedy, Gilesple e Stev Nicol; Alan Hansan, Kenny Dalglish, Jav Molby; Ian Rush, Craig Jonhston e John Wark.

INDEPENDIENTE: Carlos Goeybn; Nestor Clausen, Hugo Villavere e Enzo Trossero; Carlos Enrique, Ricardo Giusti, Claudio Maragoni, Ricardo Bochini, Jore Buruchaga, José Percudani e Allejandro Barbewron.

Húngaros em Espanha

A selecção húngara de futebl etectua um período de estágio em Espanha, de 8 a 28 de Janeiro de 1985. A selecção magiar actuará em dois jogos particulares com a congénere argelina, a 6 de Março (fora) e a 20 do mesmo mês (em casa).

Mundial Feminino

O 1.º Campeonato do Mundo de Futebol Feminino realiza-se em 1987, na Ásia.

Olímpicos definidos

Os participantes na fase final do Torneio Olímpico de Futebol em Seul (1988) não poderão ter mais de 23 anos.

Bertoni quer ser italiano

O futebolista argentino Daniel Bertoni (Nápoles) revelou ir pedir a nacionalidade italiana. Bertoni, há quatro anos em Itália, quer ser treinador depois de terminar a sua carreira de futebolista e fixar residência em Montecatini.

Ao vencer o FC Porto o Benfica subiu ao topo

Basquetebol

Benfica alcança Queluz

O Queluz, que liderava isolado o campeonato nacional da I Divisão, perdeu ontem na Figueira da Foz e foi alcançado pelo Benfica à 10.ª jornada da prova. Os «encarnados» que no sábado derrotaram com expressão o FC do Porto, mais o Ginásio Figueirense, foram as duas únicas equipas a conseguir duplos êxitos. Aliás as honras da dupla jornada vão inteirinhas para a equipa da Figueira da Foz ao bater exactamente dois dos grandes candidatos ao título, como são o Barreirense e os quelucenses. O «cinco» ginasista, usando como principal arma um grande espírito de entreajuda, meio caminho andado para se chegar ao indispensável equilíbrio defensivo-atacante, triunfou e com inteiro merecimento, ante dois grupos que actuaram desgarrados, individualizando frequentemente lances de ataque e denunciando muitos erros defensivos como foi o caso dos «cincos» batidos.

De uma jornada para a outra voltaram a registar resultados perfeitamente antagónicos. A irregularidade exibicional, também fruto de grande semelhança de valor, continua a imperar o que, jornada a jornada, tem servido o interesse competitivo da prova. Repare-se que na jornada de ontem triunfaram quatro equipas visitantes, enquanto na de sábado só uma venceu, sinal comprovado de um saudável equilíbrio de forças.

Resultados – 9.ª jornada: Ovarense - Olivais, 88-83; Benfica -FC Porto, 95-78; Ginásio - Barreirense, 75-68; Conimbricense - Queluz, 77-98; Belenenses -Sanjoanense, 105-90 e Sangalhos-Illiabum, 74-72. 10.ª jornada: Sangalhos-Olivais, 68-73; Ovarense-Illiabum, 69-77; Benfica - Sanjoanense, 100-77; Ginásio-Queluz, 70-64; Conimbricense-Barreirense, 75-85 e Belenenses - FC Porto, 63-92.

Classificação: 1.ºs Queluz e Benfica, 10 jogos e 18 pontos; 3.ºs Barreirense e FC Porto, 10-17; 5.º Ginásio, 10-16; 6.º Olivais, 10-15; 7.ºs Sanjoanense, Sangalhos e Illiabum, 10-14; 10.ºs Ovarense e Belenenses, 10-13 e 12.º Conimbricense, 10-11.

Na sua agenda

JORNADAS DESPORTIVAS NO BEATO. Por iniciativa da Junta de Freguesia do Beato com a colaboração das colectividades de desporto, cultura e recreio da freguesia e tendo por objectivo fomentar o desporto, estão a decorrer as jornadas desportivas e culturais que terminarão no dia 16 do corrente. As jornadas incluem futebol de salão, damas, xadrez, ténis de mesa, atletismo, andebol, ginástica e karaté. Teatro, colóquios sobre música, exibição do filme «A Teia» e outros espectáculos são algumas das modalidades culturais que completam o aliciante programa.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALCOBAÇA

ANÚNCIO

Pelo 1.º Juízo — 1.ª Secção da comarca de Alcobaça nos autos de habilitação com o n.º 18/82/A em que é requerente José Antunes, casado, residente em Feteira — Cela e requeridos José Pereira da Silva, residente em Murteira — Alcobaça e Ouros, é a interessada MARIA LUÍS também conhecida por Maria do Carmo Borges, que teve a sua última residência na Rua Vale de Santo António n.º 199-3.º — Lisboa, notificada para no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contados da data da segunda publicação do anúncio , para contestar, querendo, o pedido feito por José Antunes, na habilitação instaurada por apenso aos autos de Inventário obrigatório em que é inventariante Ermelindo da Silva Pereira, residente em Murteira e Inventariados Joaquim Pereira dos Santos e Maria da Silva ou Maria Isidra da Silva que foram residentes em Murteira. Esse pedido consiste em o requerente figurar no referido processo de inventário como representante dos herdeiros José Pereira da Silva e mulher; Joaquim da Silva Pereira e mulher; Elísio da Silva Pereira e mulher e Adelino Pereira dos Santos, e aí tomarem pois o lugar dos seus respectivos sucessores.

Alcobaça, 30 de Novembro de 1984

O JUIZ DE DIREITO

a) Benjamim da Silva Rodrigues

O ESCRIVÃO-ADJUNTO

a) Manuel do Nascimento Nunes Águeda

D.L. 10/12/84 – 1.ª Pub.

Voleibol: Taça Confederação

Guimarães: triunfo e eliminação

Pavilhão do INATEL em Guimarães repleto para o jogo da segunda «mão» (1.ª eliminatória) da Taça Confederação Europeia de Voleibol entre equipas femininas. Adversários: Vitória de Guimarães e Paris Université Clube. Ambições comuns: Vencer por 3-0 (Vitória) e triunfar num «set» (PUC). No final do arrasante jogo, lágrimas de alegria entre as francesas, lágrimas de tristeza entre as portuguesas. A vitória das vimaranenses tinha todo o sabor da derrota e da eliminação. Era o fim da participação portuguesa numa prova europeia. Pelo caminho já tinham ficado, sem vencer um «parcial» sequer, na Taça dos Campeões, Taça das Taças e Taça CEV, o Esmoriz, Sp. Espinho, Leixões (masculinos), Leixões, Atlético e CDUP (femininos). O Vitória de Guimarães era bem a esperança portuguesa de continuidade na Taça CEV, que não aconteceu por mero acaso.

Após os momentos iniciais de nervosismo de que deram mostras as duas equipas, foi o Vitória que primeiro serenou e, lentamente, conseguiu vantagem no «set» inicial (15-10). Insistentemente «puxada» pelo público, a turma vimaranense superiorizou-se no segundo «set» a pontos de dar um «capote» às francesas: 15-4 foi o resultado.

Estavam criadas condições excelentes para as vimaranenses triunfarem no terceiro e decisivo «parcial». Equipa e público estavam deslumbrados, o êxito por 3-0 parecia certo e a derrota das francesas adivinhava-se como inapelável. A equipa minhota véncia por 8-2, mas uma «catástrofe» abateu-se sobre ela. O Vitória mostrava-se fisicamente arrasado, as francesas, muito mais frescas, foram conquistando um e outro ponto. Atingindo o empate continuou a embalagem das gaulesas. Um estado de espírito perfeitamente antagónico dominava as duas equipas: de um lado a descontracção, a crença nas próprias possibilidades, do outro o espectro do insucesso, a falta de força física e anímica, a descrença, o fim de um sonho que esteve à beirinha da concretização. As francesas acabariam por vencer por 15-9, numa recuperação sensacional, frente a uma equipa em que a maioria das jogadoras já mal levantavam os pés do chão. No último «set», já sem interesse porque as visitantes já haviam garantido a qualificação, o Vitória, menos afectado psicologicamente dominou com à-vontade o antagonista que neste último encontro actuou perfeitamente descontraído, embora também arrasado pela notável recuperação que teve no terceiro «parcial».

Ficou o brilharete de as moças do Vitória de Guimarães terem constituído a única equipa portuguesa que venceu um jogo das provas europeias de clubes na presente época.

DESPORTO

Atletismo: «Cross de Mureaux»

Mais uma vitória de Fernando Mamede

Fernando Mamede averbou novo triunfo na sua brilhante carreira de atleta de reputação internacional ao vencer, categoricamente, a 10.ª edição do «Cross Internacional UAD» realizada nos arredores de Paris e na distância de dez quilómetros. Participaram na prova cerca de 300 concorrentes de diferentes nacionalidades, sendo de destacar a presença dos britânicos Harrison e dos franceses Gonzalez, Gelfray e Levisse como valores de maior relevância. Fernando Mamede dominou a corrida de forma notável destacando-se após o «tiro» da partida e concluindo com o avanço de cerca de meio minuto sobre o mais próximo competidor, o francês Jean-Louis Prianon. A circunstância do percurso ser muito rápido permitiu ao grande atleta português impor um andamento vigoroso e triunfar folgadamente e sem dificuldade. Ao longo da prova Fernando Mamede contou com o caloroso apoio e incitamento de milhares de portugueses residentes naquelas paragens gaulesas. No final, Mamede manifestou a natural satisfação pelo triunfo e confessou encontrar-se em excelente momento de forma. Fernando Mamede gastou o tempo de 33,01,3 classificando-se a seguir Jean-Louis Prianon com 33,28,8; Aheene Bbaci (3,42), Francis Gonzalez (33,47) e na 5.ª posição situou-se o inglês Fort Harrison (33,49).

Mamede soma e segue. Agora foi em Mureaux.

Volta a Paranhos: David Tavares, o vencedor

Olímpicos: Homenagens continuam

Carlos Lopes, António Leitão e Rosa Mota foram homenageados pela Região de Turismo do Algarve, na Aldeia das Açoteias, no decorrer de um festival juvenil que contou com a presença de 300 crianças. João Campos e Ezequiel Canário foram também distinguidos pela RTA com prémios monetários na condição de atletas algarvios. Os prémios atribuídos pela RTA foram os seguintes: Carlos Lopes (200 mil escudos), Rosa Mota e António Leitão (100 mil) e Canário e Campos (50 mil).

Carlos Lopes seguiu após o almoço para Madrid, onde hoje receberá o prémio do «atleta do ano», instituído pela Imprensa espanhola.

Maratona de Torres Vedras

Isaías Carneiro, do Vilacondense, ganhou a 5.ª Edição da Maratona de Torres Vedras, com o tempo de 2 horas, 31 minutos, 44 segundos.

Luís Marques, da Casa do Povo do Bombarral, foi 2.º com 2.37,21, e Raul Luz (das Mercês), terceiro com 2.37.23.

A prova feminina foi ganha por Arlete Frutuoso, do Boavista-/Olheiros, 3.48.30, seguida de Ana Gomes, da mesma equipa, 4.37.07 e em juniores triunfou Mário Júlio, do Boavista-/Olheiros, em 3.11.35.

A prova doi organizada pelo pelouro desportivo da Câmara de Torres Vedras e teve a participação de 64 atletas, representando 12 equipas, o maior número das cinco edições da prova.

Por equipas venceu a do Boavista/Olheiros, com 42 pontos, seguida da U. R. Mercês, 39, e do Vilacondense, 10.

David Tavares venceu em Paranhos

Integrada nas comemorações do 73.º aniversário do Sport Comércio e Salgueiros, disputou-se anteontem, de manhã, a tradicional Volta a Paranhos (27.ª edição) que reuniu cerca de três centenas de concorrentes das categorias de juvenis, juniores e seniores. Com partida e chegada ao campo do clube organizador e nove quilómetros de extensão, a prova foi dominada individual e colectivamente pelo Salgueiros que teve em David Tavares o seu expoente máximo.

Classificação: individual: 1.º, David Tavares (Salgueiros), 24m 43,7s (uma das melhores marcas desta prova); 2.º, Mário Silva (Sporting), 24-49,6; 3.º, Herminio Martins (Texas Instruments),24-54,4; 4.º, Serafim Garcês (Boavista), 25-02; 5.º, Henrique Crisóstomo (Salgueiros), 25-15; 6.º, Alberto Real (Boavista), 25-19; 7.º, Juvenal Ribeiro (Texas Instruments), 25-21; 8.º, Joaquim Ramos (Boavista), 25-22; 9.º, Fernando Marinho (Salgueiros), 25-23; 10.º, Rui Talhas (Boavista), 25-25.

Por equipas: 1.º, Salgueiros, 15 pontos; 2.º, Boavista, 18; 3.º, Texas Instruments, 81.

Por aí fora

A corrida de S. Silvestre da Covilhã inicia-se às 21h do dia 31, percorrendo as principais artérias da cidade e terminando na Praça do Município. A prova é organizada pelo Centro Popular de Trabalhadores «Leões da Floresta», com o apoio do Inatel, autarquia e turismo locais. A anteceder a prova principal, realiza-se uma corrida para senhoras e veteranos, na distância de 7500 metros.

•

O Grupo Desportivo de Portel, que conta com o apoio da edilidade local e da delegação em Évora da DGD, realiza o Corta-Mato de Portel, em 22 do corrente. As inscrições para todas as categorias podem ser feitas até ao dia 20, no Grupo Desportivo de Portel ou na delegação de Évora da DGD.

Hóquei em patins: Taça de Portugal

FC do Porto arrecadou o troféu

Depois do triunfo na semana anterior registado no recinto do opositor por concludente 6-1, a conquista do troféu por parte dos portistas apresentava-se como facto consumado. Nas Antas a vitória foi repetida (agora por 8-3), pelo que o FC Porto arrecada a Taça com inquestionável mérito.

Arbitrou o internacional Mário Nobre e as equipas apresentaram os seguintes quadros: FC Porto: Domingos (Neves); Vale, Cristiano, Vítor Hugo, Vítor Bruno e Licínio. Sanjoanense: Reis; Gentil, Lima, Miguel, Zeca e Hélder. Os onze golos do confronto tiveram por autores: Vale (2), Vítor Hugo (2), Vítor Bruno (2) Licínio e Cristiano pelos portistas e Lima (2) e Gentil pela Sanjoanense.

ALFÂNDEGA DO PORTO

LEILÃO

AUTOMÓVEIS PARA APROVEITAMENTO DE PEÇAS

Para os devidos efeitos se torna público que no dia 17 do mês em curso, pelas 14 horas, se realiza no núcleo de leilões desta Alfândega, leilão, de automóveis para aproveitamento de peças.

Os veículos poderão ser examinados nesta Alfândega durante os dias 10, 11, 12, 13 e 14 que antecedem o leilão.

Só poderão ser arrematados por sucateiros e comerciantes do ramo automóvel, que deverão fazer prova do pagamento da respectiva contribuição industrial.

Núcleo de Leilões, 3 de Dezembro de 1984

A encarregada
(Leopoldina Maria da Piedade Trevo de Vasconcelos)

Vela: mundial de juniores

Portugal: modesta posição

A equipa portuguesa, composta por Roquete e Queirós, classificou-se em 11.º lugar, no campeonato do mundo de vela (classe Snipe), com 91 pontos, após a 7.ª regata disputada sexta-feira.

O Uruguai sagrou-se campeão mundial, com 33,4 pontos, seguido do Brasil, com 35,7 e dos Estados Unidos, com 42,7.

Classificação final: 1.º Uruguai, 33,4 pontos, 2.º Brasil 35,7, 3.º EUA, 42,7; 4.º Espanha B, 43,5; 5.º Argentina, 44,4; 6.º Uruguai B, 55,7; 7.º Argentina, 57; 8.º Espanha A, 66,0; 9.º EUA A, 79,0; 10.º Japão, 79,4; 11.º PORTUGAL, 91; 12.º Finlândia, 103,0; 13.º Paraguai, 105,0.

MICROSCÓPIO

Râguebi: CDUL dupla vitória

O CDUL obteve (em Lisboa e em Barcelona) uma dupla vitória na «Taça Ibérica» em Râguebi conquistando os troféus em seniores juniores.

Os seniores do CDUL impuseram-se ao Santboiana por 32-9 (10-3 ao intervalo) averbando segundo triunfo consecutivo na competição e, em juniores, o quinze estudantil venceu o FC Barcelona na Catalunha por 17-8.

Andebol: divisão de honra

Os oito magníficos

O Sporting vai terminar a fase de apuramento do Campeonato Nacional da I Divisão de Andebol com notória vantagem ante os principais competidores. A vantagem da turma leonina, nitidamente a mais regular, também a que denuncia mais capacidade, acentuou-se a partir do empate do Benfica com o Belenenses. Divisão de pontos que foi particularmente benéfica para os «azuis», já que o Encarnação era uma ameaça ao apuramento do Belenenses. Na última jornada, a equipa do Restelo defronta o Cascais (que permanece sem vencer) e o Encarnação vai a Alvalade, pelo que será lógico esperar que os resultados dos dois jogos venham a favorecer o Belenenses que será, mais o Sporting, Benfica e Vitória de Setúbal, qualificado para a fase seguinte. Nesta «poule» parece de evidenciar a carreira do conjunto sadino, dada a facilidade com que construiu o seu apuramento.

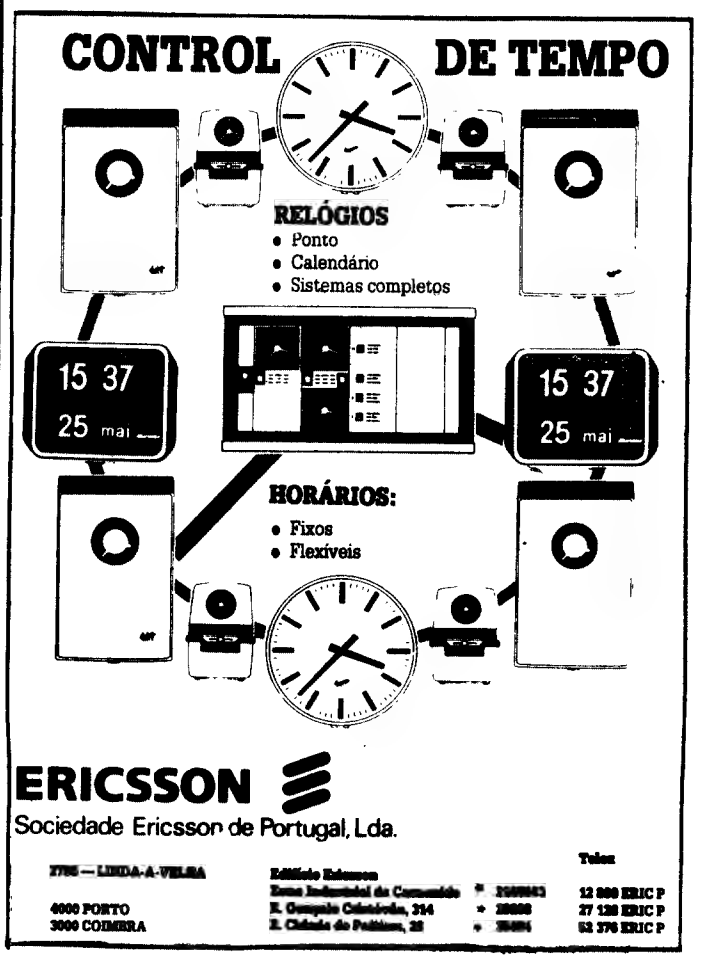
Ao Norte, o Desportigo de Portugal, que liderava isolado, sofreu uma estrondosa derrota perante o F. C. do Porto. Não era efectivamente de esperar uma diferença de 17 golos entre dois grupos que têm vindo a alternar o comando, tanto mais que a partida se realizou no Pavilhão do Vigorosa, palco utilizado pelo Desportivo.

A dupla jornada nortenha, entretanto, não envolvia qualquer interesse competitivo visto que o quarteto de finalistas já estava encontrado.

Andebol: Sporting continua imparável

Resultados: 12.ª jornada – Zona Norte: Maia - Sanjonanese, 26-32; Académico - Desportivo de Portugal, 26-4; Académico de Braga - S. Mamede, 37-10; F. C. do Porto - Académica de Coimbra, 42-21. Zona Sul: Encarnação - Setúbal, 27-1; Benfica - Passos Manuel, 34-8; Caramão - Cascais, 28-23; e Sporting - Belenenses, 29-23. 13.ª jornada, Zona Norte: S. Mamede - Sanjoanense, 21-21; Desportivo de Portugal - F. C. do Porto, 19-7: Académica de Coimbra - Académico de Braga, 24-29; e Académico do Porto -Maia, 20-26 Zona Sul: Encarnação - Caramão, 23-22; Passos Manuel - Cascais, 30-19; Setúbal - Sporting, 22-26; e Belenenses - Benfica, 22-22.

Classificação – Zona Norte: 1.ºs, F. C. do Porto, Desportivo de Portugal e Académico de Braga, 33 pontos; 4.º, Sanjoanense, 32; 5.º, S. Mamede, 27; 6.ºs, Maia e Académica de Coimbra, 19; 8.º, Académico do Porto, 13 (todos com 13 jogos). Zona Sul: 1.º Sporting, 37 pontos; 2.º, Benfica, 33; 3.º, Setúbal, 32; 4º, Belenenses, 27; 5.º, Encarnação, 26; 6.º, Caramão, 22; 7.º Passos Manuel, 17; e 8.º, Cascais, 13



continua

Os passageiros do vento

Uma lamentável troca de pranchas, no «DL» de sexta-feira passada, levou a que o episódio de «Os passageiros do vento» que estamos a publicar tivesse um fim precipitado. Voltamos hoje ao ritmo e à sequência normal desta banda desenhada, e pedimos aos seus apreciadores que tenham a mesma paciência que nós: grande e chinesa...

Ciência e Técnica

Condutores eléctricos para o Século XXI

De acordo com a opinião dos especialistas, no limiar do ano 2000, será preciso trabalhar com energias que exigirão novas soluções técnicas, para poderem ser transportadas. Na URSS estão a efectuar-se estudos sobre a condução de energia que permitam transportar correntes eléctricas com tensões da ordem das várias dezenas de milhões de kilowatts por uma só linha de condução, utilizando vários sistemas.

O primeiro sistema em estudo recorre a cabos supercondutores em que a corrente poderá circular sem qualquer resistência por condutores arrefecidos a temperaturas próximas dos zero graus absolutos (- 273 graus Celsius). Já se fizeram testes num trecho de cabo supercondutor com 100 metros de comprimento. A próxima fase será a montagem de uma secção com um quilómetro de comprimento.

A principal dificuldade que se tem de enfrentar ao montarem-se linhas de supercondutores é o problema da manutenção duma temperatura muito baixa ao longo de todo o comprimento das linhas. Para isso é preciso criar o vácuo quase total em volta do supercondutor e proceder ao seu cuidadoso isolamento.

No Instituto de Altas Temperaturas da Academia das Ciências da URSS está em estudo um método de condução de electricidade sem condutor, por meio de um feixe de electrões que se deslocam num tubo onde foi criado o vácuo a uma velocidade muito próxima da da luz. Este sistema é constituído por um transformador de energia eléctrica em energia cinética (um acelerador de electrões), de um tubo condutor em que circulará o fluxo de electrões e de um transformador de energia cinética em energia eléctrica.

É muito provável que se possam transportar correntes eléctricas com voltagens da ordem das dezenas de milhões de kilowatts por uma linha deste tipo, composta por um tubo condutor com um diâmetro que poderá ir de 0,5 m a 1 m.

O tubo condutor é instalado debaixo da terra, a pequena profundidade. A construção duma linha deste género será muito mais barata do que a montagem dum cabo eléctrico tradicional. Além disso, não é necessário privar a agricultura de superfícies consideráveis para servirem de zona de segurança, como acontece ao longo dos cabos eléctricos aéreos clássicos.

Contudo, é preciso criar e manter um vácuo quase total dentro do tubo por onde circula o feixe de electrões, e isso exige despesas suplementares. É evidente que o tubo condutor terá de ser instalado ao longo de um trajecto com curvas e alterações de nível. Graças a uma focalização magnética, o feixe de partículas poderá ser controlado, de modo a acompanhar todas as curvas sem chocar com as paredes do tubo. Se tal acontecesse perder-se-ia uma parte importante da energia transportada. Mesmo assim é impossível evitarem-se todas as perdas. As partículas, ao mudarem de trajectória, irradiam uma parte da energia, cerca de 1 por cento, valor muito inferior àquele que se regista nas linhas aéreas.

Top do «Calor da Noite»
Das 2 h às 6 h na Rádio Comercial (OM e FM)

DISCOS DA MINHA PREFERÊNCIA:

1) .....
2) .....
3) .....

NOME: _____

MORADA: _____

Cole este cupão num postal e envie para o programa «No Calor da Noite», Rádio Comercial, R. Sampaio e Pina, 26 – 1000 LISBOA.

ALLTÉCNICA
(Electrónica e Telecomunicações)

VENDE-SE:
- Telefones
- Fontes de alimentação
- Vídeo/Porteiro
- Intercomunicadores
- Montagem de antenas

REPARA-SE:
- TV – Alta fidelidade
- Máquinas de lavar
- Frigoríficos

R. da Liberdade, 57-Loja 7 – Telf.: 275 07 82
Cova da Piedade – Almada

ALHANDRA
TERRENO
Urbanizado c/300 m²
VENDE-SE
Contact. **Tel. 9826746** (noite).

URGENTE
CASA
EM SESIMBRA
OU SANTANA
Resposta a este jornal ao n.º 6111

«Tonight», a estrela mitológica: David Bowie

«Tonight» é o décimo oitavo álbum de David Bowie e o seu mais recente disco lançado no mercado português. Um trabalho que conta com a voz de Tina Turner, em dueto, no tema que dá nome ao disco. Gravado no Canadá, conta com a produção do próprio Bowie, Derek e Hugh Padgham.

Este disco que se segue ao esplendor ainda quente de «Let's Dance» caracteriza-se pelo prazer puro da música. «Tonight» é o diálogo entre Bowie e Tina e que nos traduz a verdadeira razão de um dueto. «Don't Look Down» o 'reggae' na sua condição mais universal. «God Only Knows», a versão de um dos intocáveis temas dos Beach Boys. «Neighborhood Threat» o rock pelo rock. «Blue Jean» é o 'hit' sem disfarces do que é. Outros temas ainda: «Tumble and Twirl», «I Keep Forgetting» e «Dancing With The Big Boys», onde se salienta o carácter de Iggy Pop.

Com 38 anos David Bowie é a estrela mitológica da música pop anglo-americana, objecto de sonhos imaginários de muitos. Mas foi precisa mais de uma década de carreira para que o público e crítica se convencessem da força deste 'mago' da música.

A «inteligência»

Bowie tem feito de tudo, ora de um só fôlego ora interrompendo a criação, que vai desde o teatro à pintura, passando pelo cinema a cantar ao lado dos Queen ou Bing Crosby. É ele que tem ditado a moda da música pop nos últimos anos. Num disco cria pistas, para logo no seguinte as destruir e optar por outras, deixando um esboço de surpresa nas caras do público.

O criador de «Modern Love» é sobreudo um artista inteligente. Soube compreender, na década de 70, que os ideais dos «hippies» não tinham futuro e que a contextura social permitia propostas musicais diferentes, em consonância com o momento vivido. Tudo isto o fez procurar uma aliança entre um certo rock e o vanguardismo.

Quando a Inglaterra alimentava o rock sinfónico, Bowie agarrou-a com o «glamour» e uma imagem bissexual, para de seguida entrar num período de rhythm'n'blues e soul, abrindo a porta ao 'disco-sound'. Quando rebentou a onda punk, partiu para a Alemanha e criou álbuns como a trilogia «Heroes», «Lodger» e «Low» com Iggy Pop, Brian Eno e Carlos Alomar.

Quando em 1980 se venerava o rock industrial o artista enveredou pelo funk com os Talkings Heads. Em 1983 a proposta foi «Let's Dance» quebrando com a tradição dos discos que radiografam o momento e propõem caminhos tonando-se um daqueles discos que crescem com a audição e a que não se pode dar um rótulo, só o de rock-funk--dance-disco-soul.

«Matinée Manhosa»: na Casa da Comédia

«Matiné Manhosa» é o espectáculo do «Menor Circo do Mundo», dirigido pelo actor Filipe Tenreiro, que está em exibição, na Casa da Comédia, desde dia 8 de Dezembro, e durante todos os sábados e domingos, às 16.00 h.

O espectáculo actual é uma sequência da «Matiné Pipoca» que Filipe e «Artes & Trukes» apresentaram na Comuna em Setembro, Nele se conjuga o teatro e o circo, números de malabarismo, levitação, hipnotismo e muitos outros «gags» e truques.

«Átomo ao Cosmo», «Salto para a Morte», «A Mulher Mais Forte do Mundo» ou «Receita Pastelão» são alguns dos «sketches» de um espectáculo cheio de surpresas.

Filipe Tenreiro, com 27 anos, viveu e fez teatro durante oito anos no Brasil. De regresso a Portugal preparou um espectáculo de rua, numa iniciativa da Escola de Circo Mariano Franco, realizou nessa mesma escola uma oficina, da qual nasceu o «Arte & Trukes», actuou na Gulbenkian, e mais tarde na Comuna.

O seu teatro é basicamente de actor. Junto às técnicas de circo e teatro há lugar para a impovisação e inspiração. Como Filipe diz: O espectáculo são os actores com os seus próprios recursos».

Os elementos de «Arte & Trukes» são a Manuela Pedroso, Marina Martins, Farinha, Henrique Lopes, Ricardo Machado e o próprio Filipe Tenreiro.

Arte em S. Bento

Galeria de Arte de S. Bento é o nome do novo espaço destinado a exposições de arte e outras iniciativas culturais, que pretende divulgar o trabalho de «novíssimos» e promover mostras de artistas consagrados cuja obra se apresente na linha de uma «Arte Independente».

Neste primeiro ano de actividade a Galeria de S. Bento, dirigida por António Prates e Carlos Dugos, propõe-se desenhar uma perspectiva realista sobre que arte há em Portugal e definir linhas de actuação com vista a uma segunda fase especialmente voltada para o intercâmbio cultural com a Europa.

Este novo espaço, aberto das 11 às 23 horas, foi inaugurado recentemente com uma exposição de Eduardo Alarcão. Estando presentemente patente ao público uma importante colectiva com nomes marcantes da arte portuguesa do século XX, como Cargaleiro, Sarah Afonso, Júlio Pomar, Cruzeiro Seixas, Artur Bual e ainda uma exposição individual de António Pinheiro que oferece um singular percurso entre o realismo «subjectivo» e o surrealismo «objectivo».

Carlos Dugos, director de arte da galeria situada na Rua do Machadinho, refere-se à exposição denominada «Permanência». «Aqueles que permanecem na história recente da Arte portuguesa e o carácter permanente com que a sua obra estará representada nesta galeria, com peças renovadas, ora intervalando as mostras individuais e temáticas ora coabitando com elas, no espaço diversificado de que dispomos».

«Não é fácil reunir quatro dezenas de trabalhos tão representativos, no entanto e porque temos um projecto a provar, cremos que será esta a melhor forma de dissipar as dúvidas que possam ter ficado depois do êxito da exposição inaugural. Com Eduardo Alarcão foi a festa; com «Permanência» será a introspecção, o tomar da consciência daquilo que somos como casa de arte»

«Nesta exposição está implícita, como aliás em todas, uma dedicatória ao público em geral. Mas cuidamos dar ao «connaisseur», àqueles que vivem a arte no quotidiano da sua dedicação, uma mostra preliminar do nosso empenho e das nossas possibilidades. Trata-se de um pedido de aval para o nosso trabalho, de modo a que possamos desenvolver o projecto principal que é, nesta primeira fase, recapitular o teor de uma arte independente da especulação e da precaridade dos conceitos, demonstrando-a com obras de artistas consagrados durante este século e com novos que mantêm a grande corrente de uma arte inequívoca».

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
88 27 86 – 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B ● R. de Macau, 8-1.º LISBOA

Hoje

RTP 1

Na sessão do Concurso 1, 2, 3, desta noite, na RTP-1, o tema é a Roma Antiga

17.55 Notícias
18.00 Desenhos Animados
18.20 «Yakari»
18.30 Teleregiões
18.55 «Príncipe Regente»
20.00 Telejornal – e Boletim Meteorológico.
20.35 Direito de Antena – Confederação Nacional das Associações Empresariais.
20.45 A Face Humana do Pacífico
20.10 Concurso Um, Dois, Três – o tema desta noite é a Roma Antiga.
23.35 Últimas Notícias
23.45 Sinais

Exibe-se na RTP-2 mais um episódio da telenovela «Guerra dos Sexos»

RTP 2

19.30 Notícias
19.40 Desenhos Animados
20.00 «Um Táxi na Cidade»
21.00 Animação
21.35 «Guerra dos Sexos»
22.15 Jornal da Noite
22.40 ... Da Música – «Carmina Burana».

Amanhã

RTP 1

3.35: Ciclo Preparatório TV; **17.55**: Notícias, **18.00**: Desenhos Animados; **18.20** «Yakari»; **18.30** Teleregiões; **18.55**: Portugal Contemporâneo – a arte possível; **19.40**: Gestão de Empresas, **20.00**: Telejornal – e Boletim Meteorológico, **20.35**: Direito de Antena – Associação dos Industriais de Ourivesaria; **20.45** Danças e Cantaes, **21.00**: «Que Será dos Meus Filhos?» ª **22.00**: Grande Informação; **23.00**: Ultimas Notícias, **23.10** Sinais

RTP 2

19.30 Notícias, **19.40**jà desenhos Animados, **20.00** «Amor em Tempo de guerra»; **21.00**. Encontro Com . **21.15**. «Guerra dos Sexos», **22.15**: Jornal da Noite, **22.40**. «Escândalos Vitorianos»

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 2.º JUÍZO ANÚNCIO ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

O DOUTOR JOSÉ MANUEL PEIXE PELICA, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 2.º JUÍZO.

Faz saber que no próximo dia 18 de Dezembro de 1984 pelas 10 horas, à porta deste Tribunal sito na Rua Braamcamp, 5-4.º Esq., se há-de proceder à arrematação em hasta pública, em 1.ª praça, pelo maior lanço que for oferecido, dos seguintes bens penhorados a Coopão Cooperativa Op. Produção Pão Afins, SCARL, com sede na R. Azedo Gneco, 6-CB, que lhe move a Fazenda Nacional, na execução fiscal n.º 6602/81.

Verba n.º 1 — Duas batedeiras (de amassar pão) da firma Soberana Coelho — Gaia — em regular estado de conservação e funcionamento a que atribuímos o valor de 140 000$00 (cento e quarenta mil escudos).

Verba n.º 2 — Um forno de lenha com turbina, com quatro fornos, sem nome e marca, em regular estado de conservação e funcionamento a que atribuímos o valor presumível de 400 000$00 (quatrocentos mil escudos).

Ficam por este meio citados quaisquer credores desconhecidos.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1984.

O JUIZ DE DIREITO
(José Manuel Peixe Pelica)

O TÉCNICO DO CONT. TRIBUTÁRIO
(João Lucas Paiva)

DL 10/12/84 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 2.º JUÍZO ANÚNCIO ARREMATAÇÃO 1.ª PRAÇA

O DOUTOR JOSÉ MANUEL PEIXE PELICA, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 2.º JUÍZO.

Faz saber que no próximo dia 18 de Dezembro de 1984 pelas 10 horas à porta deste Tribunal sito na Rua Braamcamp, 5-4.º Esq.º, se há-de proceder à arrematação em hasta pública em 1.ª praça, pelo maior lanço que for oferecido dos seguintes bens penhorados a Fábrica de Plásticos e Metalurgia Nova Era, SARL, com sede na R. António Pedro, 27, r/c, Esq.º, nesta cidade, na execução fiscal n.º 351-/84, que lhe move a Fazenda Nacional.

Verba n.º 1 — Duas linhas de extorção de tubos de PVC, marca Carvoc, de origem Nacional, compostas por um motor principal cada unidade de extorção, unidade de transporte e empilhador de 3 metros, em bom estado de funcionamento e conservação, no valor presumível de 2 500 000$00, cada linha, o que totaliza 5 000 000$00.

Verba n.º 2 — 1 máquina de injecção técnica, «TEKNIKA» 110/190 REC SUPER, Ano de fabrico 1977, de origem italiana, em bom estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor presumível de 2 000 000$00.

Ficam por este meio citados quaisquer credores desconhecidos.

Lisboa, 4 de Dezembro de 1984

O JUIZ DE DIREITO
a) José Manuel Peixe Pelica
O TÉCNICO DE CONT. TRIBUTÁRIO
a) João Lucas Paiva
D.L. 10/12/84 – 1.ª Pub.

SORTE GRANDE
3358 - 60.000 contos
VENDIDA PELA FELIZ

CASA TESTA

Na lotaria da Padroeira
Compre os 200.000 contos da próxima Lotaria do Natal na Casa Testa

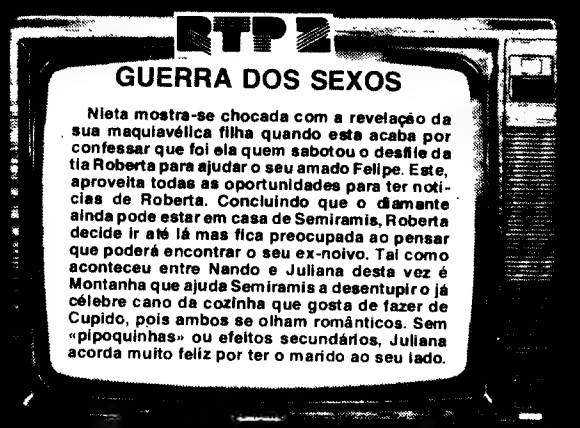
NÃO ESQUEÇA,
SE QUER FESTA ...
... JOGUE NO TESTA

RUA DO ARSENAL, 78 — 1100 LISBOA

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1
Concurso 1, 2, 3

RTP 2
«Um Táxi na Cidade» (20.00)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

VERÍSSIMOS

ALFAIATES

PRONTO A VESTIR

CONFECÇÃO POR MEDIDA

Completo sortido em todo o vestuário, camisaria e malhas
— Aberto aos sábados todo o dia —
Av. Guerra Junqueiro, 8-C LISBOA

COMARCA DE LISBOA
1.º JUÍZO CÍVEL
PROCESSO
N.º 7337-G
1.ª SECÇÃO
ANÚNCIO

Para citação de credores desconhecidos.

Pelo Juizo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm editos de vinte dias, contados da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando os credores desconhecidos dos executados Alexandrino Pedro Duarte Jorge e mulher Natercia da Conceiçao Ferreira Pedro Duarte Jorge, para no prazo de dez dias, posterior aquele dos editos, deduzirem os seus direitos na execuçao movida por Banco Pinto & Sotto Mayor, EP.

Lisboa, 3 de Dezembro de 1984.

O JUIZ DE DIREITO
(João Manuel da Cruz)

O ESCRIVÃO-ADJUNTO
(Janséniо Monteiro)
Verifiquei

DL 10/12/84 – 1.ª Pub.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA – 2.º JUÍZO

ANÚNCIO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

O DOUTOR JOSE MANUEL PEIXE PELICA; JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇOES E IMPOSTOS DE LISBOA – 2.º JUÍZO.

Faz saber que no próximo dia 18 de Dezembro de 1984, pelas 10 horas à porta deste Tribunal sito na R. Braamcamp, 5-4.º Esq.º, se há-de proceder à arrematação em hasta pública em 1.ª praça, pelo maior lanço que fôr oferecido, dos seguintes bens penhorados a B. Martins & Amaro, Ld.ª com sede na R. Cláudio Nunes, 58-1.ºC. nesta cidade, na execuçao fiscal n.º 5247/82, que lhe move a Fazenda Nacional.

Verba n.º 1 – 1 máquina de escrever «Olimpia», n.º 7-1282420 em estado novo, a que atribuimos o valor presumivel de 10 000$00

Verba n.º 2 – 1 secretária metálica 1,36mx76x76, 3 gavetas tampo em fórmica castanho, a que atribuimos o valor de 10 500$00, 1 secretaria metálica de 1,60mx60 com 3 gavetas, tampo em fórmica, a que atribuimos o valor de 8 000$00, 1 mesa de escrever à máquina com 3 gavetas, tampo em fórmica com 1,10mx53, a que atribuimos o valor de 7 500$00, 3 cadeiras metálicas, rotativas, com assento de napa preta, a que atribuimos o valor total de nove mil escudos. Total desta verba: 34 500$00.

Verba n.º 3 – 1 ficheiro metálico, com 1,32mx46, com 4 gavetas, a que atribuimos o valor presumivel de 10 000$00.

Verba n.º 4 – 1 secretária metálica com 1,85mx75, com 5 gavetas, tampo em fórmica, a que atribuimos o valor de 15 000$00 outra igual com 1, 35mx76, com três gavetas, a que atribuimos o valor de 12 000$00, três cadeiras almofadadas a napa castanha, a que atribuimos o valor total de 9 000$00; 1 armário metálico, com três prateleiras, 2 pratos em vidro de correr e dois metálicos, a que atribuimos o valor presumivel de 15 000$00, total desta verba 39 000$00.

Verba n.º 5 – 1 cofre metálico, 4 segredos, com 1,15mx53 em estado novo, a que atribuimos o valor presumivel de 50 000$00

Verba n.º 7 – 1 secretária metálica cum 1, 75mx76, tampo em fórmica, com três gavetas, a que atribuimos o valor presumivel de 7 500$00; 1 secretária metálica com 1,20mx60, a que atribuimos o valor de 5 000$00, 1 armário metálico com 2 portas com 1,63mx86, a que atribuimos o valor de 7 500$00, 1 ficheiro metálico com 1 gaveta e com 4 pés metálicos, a que atribuimos o valor de 1 500$00, total desta verba: 21 500$00.

Verba n.º 8 – 1 estante metálica com 2, 40mx2,30 com 6 prateleiras, a que atribuimos o valor presumivel de 3 000$00.

Verba n.º 9 – O direito à acçao de trespasse e arrendamento do escritório, sito no n.º 58-1.ºC, da R. Cláudio Nunes, composto por três casas assoalhadas, 1 casa de banho e cozinha e respectiva instalaçao eléctrica e sanitária de que paga a renda mensal de 4 500$00, a qual está paga até ao fim de Outubro do corrente ano a que atribuimos o valor presumivel de 1 500 000$00. É senhorio Joaquim Francisco e sua mulher D. Amélia de Jesus Nunes, residentes na R. Ramalho Ortigão, n.º 6, em Mem Martins, total dos bens penhorados: 1 918 000$00.

Ficam por este meio citados quaisquer credores desconhecidos.

Lisboa, 24 de Dezembro de 1984

O Juiz de Direito
a) José Manuel Peixe Pelica

O Técnico do Cont. Tributário

a) João Lucas Paiva

D L 10/12/84 – 1.ª Pub.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	80$80	86$80
ALEMANHA FED (marco)	52$95	54$05
ÁUSTRIA (xelim)	7$45	7$65
BÉLGICA (franco)	2$466	2$666
BRASIL (cruzeiro)	$036	$066
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	123$35	125$35
(notas de 5 a 1000)	123$85	125$85
DINAMARCA (coroa)	14$75	15$15
ESPANHA (peseta)	$903	1$023
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	163$35	165$35
(notas de 5 a 1000)	163$85	165$85
FINLÂNDIA (marka)	25$45	26$05
FRANÇA (franco)	17$30	18$00
HOLANDA (florim)	46$95	47$95
IRLANDA (libra)	165$60	169$60
ITÁLIA (lira)	$078	$088
JAPÃO (iene)	$633	$668
NORUEGA (coroa)	18$25	18$75
REINO UNIDO (libra)	196$60	200$60
SUÉCIA (coroa)	18$50	19$10
SUÍÇA (franco)	64$20	65$30
VENEZUELA (bolívar)	9$90	10$90

Observações:
1 – **No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2 – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.**

DR. FERNANDO JASMINS PEREIRA

faleceu

Seus irmãos, cunhados e restante família, participam o seu falecimento, e que o funeral se realiza amanhã, dia 11, às 10 horas e 30 antecedido de Missa de corpo presente, da igreja de S. Domingos de Benfica, para o cemitério de Benfica.

A FUNERÁRIA DE PALHAVÃ
Telefs. 721882/723068

Entre a vida e a morte o SANGUE pode decidir

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA
DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS
DE LISBOA
2.º JUÍZO
1.ª PRAÇA
ARREMATAÇÃO

Faz público que no dia 18 de Dezembro pelas 10 horas, na secretaria deste Tribunal sito na R. Braamcamp, 5-4.º Esq. se há-de proceder à venda em hasta pública pelo maior lanço que for oferecido, dos seguintes bens penhorados a Iberma — Importação e Comércio, SARL, com sede na Calçada de St.º António, n.º 2, na execuçao n.º 6744/81, que lhe move a Fazenda Nacional.

BENS PENHORADOS

Verba única — 2 prensas hidráulicas para a indústria metalomecânica de 100 toneladas, em estado novo, a que atribuímos o valor presumível de 350 000$00 cada, totalizando 700 000$)).

Ficam citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos.

Lisboa, 28 de Dezembro de 1984.

O JUIZ DE DIREITO
(Ilegível)

A LIQUIDADORA PRINCIPAL
(Ilegível)

DL 10/12/84 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DA COMARCA DE MONTEMOR-O-NOVO

ANÚNCIO
PROC. 30-A/81
ANÚNCIO

Pelo Tribunal Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da 2.ª (segunda) e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados MANUEL FILIPE SOARES e mulher PRAZERES MARIA PESSOA SARAIVA SOARES, residentes na Rua de Sta. Filomena, em Vendas Novas, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por Freire & Irmão, Lda., com sede em Vendas Novas.

Montemor-o-Novo, 22 de Novembro de 1984.

O JUIZ DE DIREITO
(Luís Maria Vaz das Neves)

O ESCRIVÃO-ADJUNTO
(Abílio Rosa Craveiro)

DL 10/12/84 – 1.ª Pub.

123 RTP concurso

NOME .....
Idade ..... Profissão .....
Morada .....
Localidade ..... Cod. Postal .....
Telefone .....
Freguesia ..... Concelho .....
Tem televisor? ..... N.º Licença .....
ACOMPANHANTE .....
Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE Preencher em letras maiusculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 1508 Lisboa Codex

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania, **18.00**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música, **20.00** Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35** Música portuguesa, **21.00**: Cozinha económica, **21.30** Noites de luar Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas

Programa 2

15.35 Arias e vozes célebres. **16.05** Quinteto, op 43, de Nielsen; **16.30**: Concerto, op 74, para harpa e orquestra, de Gliére. **17.00** Os ciclos de canções, de Franz Schubert, **17.25** Os «Seis Concertos Brandeburgueses», de Bach, **17.50**: Abertura da ópera «O Amor Industrioso», de Sousa Carvalho, **18.05** Os grandes clássicos do bailado; **19.00**. Terra viva, planeta azul, **19.30**: Os concertos, para violino, de Paganini, **20.10** Música instrumental, **21.00** O canto e os seus intérpretes, **22.00**: Tempo de bailado, **22.25** Sonata n.º 3, em lá menor, de Vivaldi, **22.40**. Concerto, para conjunto de jazz e orquestra sinfónica, de Rolf Liebermann, **23.00**. Intercâmbio musical, **00.20**: Tempo de Chopin, **01.00** Fecho Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Matinée, **17.00** Rápido das cinco; **19.00** Cabo da Boa Esperança, **20.00** Conta corrente, **21.00** Quando o telefone toca, **22.00** Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos, **22.30**. Tempo de desporto, **23.00** 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite, **02.00**: No calor da noite Noticiários de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00 O vapor, **16.00** O som da frente, **17.00** Ondas luisianas, **18.00** Circulo em FM; **19.00** Em orbita, **20.00** Nova geraçao, **21.00** Jazzofone **22.00** Cafe concerto, **24.00** Pe-de-vento **02.00** No calor da noite Noticiarios de hora a hora

RADIO RENASCENÇA

16.00 Rua Capelo, **18.00** Jornal das regioes, **18.30** Transmissao do terço, **19.30** Memorando, **20.00** Horizonte **21.00** Programa da LAR, **21.30** Textos e pretextos, **22.00** Quando o telefone toca **22.30** Desporto, **23.00** Sessao da meia-noite **23.55** Meditando **02.00** Estaçao de serviço

FM-Estéreo

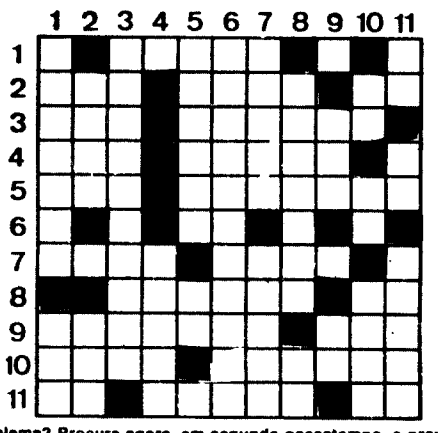
16.00 A cor do som **18.00** O estamine do ritmo, **19.30** Memorando, **20.00** Transmissao do terço, **20.30** A Universidade na Rádio, **21.00** Paju, **21.30** Pentagrama **22.00** Oceano Pacifico, **24.00** Contracapas, **02.00** Estaçao de serviço Noticiários a todas as horas

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 200

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Célebre ditador romano. Artigo definido.
2 Forma apocopada e proclítica de vale Lavrei. Cério (s.q).
3 Sufixo que designa pequenez Aragens.
4 Ente Nome do deus peixe
5 Cidade de Espanha Inanimado.
6 Antes de Cristo.
7 Escarnecem. Serra de Portugal.
8 O mesmo que garçote (ave) (pl) Crença
9 Cálidos Uma das Espórades.
10 o mesmo que urso (ant). República da Europa Meridional
11 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontificios de interesse para Portugal. Planta utilizada no fabrico de tecidos grosseiros Atmosfera



VERTICAIS:

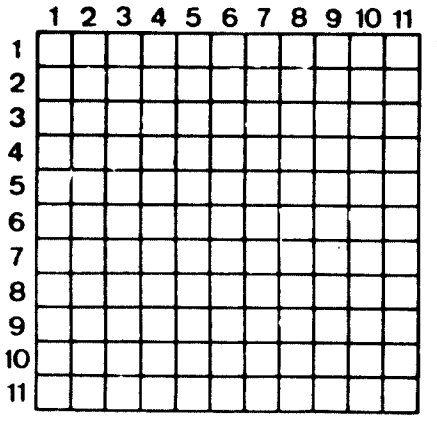
1 Ver Pronome relativo.
2 Ímpio. Emprega.
3 Instrumentos musicais de sopro.
4 Tempo do verbo ser. Macacos.
5 Freguesia do concelho de Odemira. Item
6 Desenraizareis
7 Impera (fig). Apelido.
8 Livres Alumínio (s.q)
9 Agarrei. Cloro (s.q).
10 Césio (s.q). Mulo. Pico na serra de Monchique.
11 Preposição. Germânio (s.q). Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 050

HORIZONTAIS:

1 Cidade de Espanha, provincia de Sevilha Cidade do Estado do Rio Grande do Sul
2 Despacho Ancora.
3 Basta. Conferir.
4 Cidade da Roménia Prendo Actinio (s q).
5 Magote. Lantânio (s.q). Ferro temperado
6 Brisa Árvore indiana, de fibras têxteis Clima
7 Nome de mulher Concede
8 Pronome pessoal. Rei de Basá morto por ordem de Moisés
9 Artigo Batráquios anuros
10 Seguia O mesmo que três Consentimento
11 Carcomeras



VERTICAIS:

1 Antigo reino da peninsula Ibérica
2 Avarento. Curso de água natural e abundante.
3 Escarnece Alcatifar
4 Ferrar
5 Sobra.
6 Freguesia do concelho de Mirandela Medida de superficie
7 Dais sinais. Preposição
8 Sufixo que designa abundância. Rio dos Estados Unidos
9 Istmo montanhoso que liga a Indochina à peninsula de Malaca Abreviatura de Santíssimo Sacramento
10 Segurado fortemente com os braços
11 Tempo do verbo ir Ousadia

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 14 199

HORIZONTAIS:

1 QUEM ESPERA
2 Miado At
3 Rui Crise
4 Ela Anao Ti
5 Sedosos Be
6 Egas Trajo
7 Sa Selim Am
8 Proa Ag Uri
9 Traço Mil
10 Ruai Asi Aí
11 Arno Essa

VERTICAIS:

1 DESESPERA
2 Um Legar Ur
3 Errada OTAN
4 Mau Ossário
5 Dias
6 Eo No. Laçai
7 Castigos
8 Paro Rm IE
9 Ba Um
10 Rastejanas
11 Atei Omitia.

PROVÉRBIO: Quem espera, de sespera.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 049

HORIZONTAIS:

1 Babilonia
2 Até Ada Mui
3 Aventes
4 Cambar Asas
5 Iró Batia
6 Doer
7 Pais Grava
8 Sr Prédio.
9 Ar Oire Os
10 Vias Olá Au
11 Ema. Asa Ará.

VERTICAIS:

1 Bancia Javé
2 At Ar Rim
3 Be Modas Aa
4 Ab Oiros
5 Lagares
6 Oder Prós
7 Nan Grela
8 Taã Re
9 Amestrado
10 Usai Visar
11 Pi Sasão Ua.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480
Av de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21 30
– M. 12 a.
OS SALTEADORES DO TEMPLO SAGRADO

ÁVILA 539930
Av Duque d'Ávila, 92A

Às 15, 17, 19 10, 21.45 e 23.45
– M. 12 a.
A ACADEMIA DA POLÍCIA

AVIS 547153
Av Duque de Ávila 45

As 15 30, 18 30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
A GRANDE FARRA

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21 30
– M 16 a
ARMA DE FOGO

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

As 14, 16 30, 19 e 21 30
– M. 12 a
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

CASTIL 530194
R Castilho

As 15.30, 18.30 e 21 30
– M 12 a
O LUGAR DO MORTO
6.ª Semana

CINE BLOCO 5568..
R Pinheiro Chagas 10
As 14 30 16.45, 19 e 21 30
M. 12 a
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
As 24 – M 12 a
O GUERREIRO SAGRADO

CINE CAMÕES 324194
R do Loreto 15

As 14, 16.30 e 21 30
– N ac. men 13 a
BOBBY

CINE 222 579460
Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
MEUS PROBLEMAS COM AS MULHERES

CINESTÚDIO LIDO 936593
P. D. João I, Amadora

As 15 30 e 21 30 – M. 6 a.
BEM-VINDO À TERRA PROMETIDA

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M 16 a.
A FÚRIA DA VINGANÇA

CONDES 322523
Av da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
Finalmente! O filme! A música!
Canções de Stevie Wonder
A MULHER DE VERMELHO
O filme de Gene Wilder

2000 2100055
Av B Voluntarios lts 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M 12 a.
A EPOPEIA DO IMPÉRIO

EDEN 320768
P Restauradores 21

As 14, 16 30, 19 e 21 30
– M 12 a
OS SALTEADORES DO TEMPLO SAGRADO

ESTUDIO 555134
Al Afonso Henriques 35

As 15 30, 18 30 e 21 30
N ac men. 12 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTUDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves 83-B

As 15, 17, 19 e 21 30
– M 12 a
AS ASAS DA POMBA

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14 30, 16.45, 19, 21 30 e 24
– M 12 a.
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2

Às 14 15, 16 30, 18 45, 21 30 e 23.45
– M 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques 35

As 15 15, 18 30 e 21 30
– M. 16 a.
A BATALHA DE BRONX

LIDO 936593
P. D. João I. Amadora

As 21.30 – M. 12 a
STAR TREK III, A AVENTURA CONTINUA

MONTECARLO 681117
Av Pedro Álvares Cabral 37

Às 14 15, 16 30 e 21 30
AS BELDADES SELVAGENS VOLTAM A IBIZA

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro 42 B

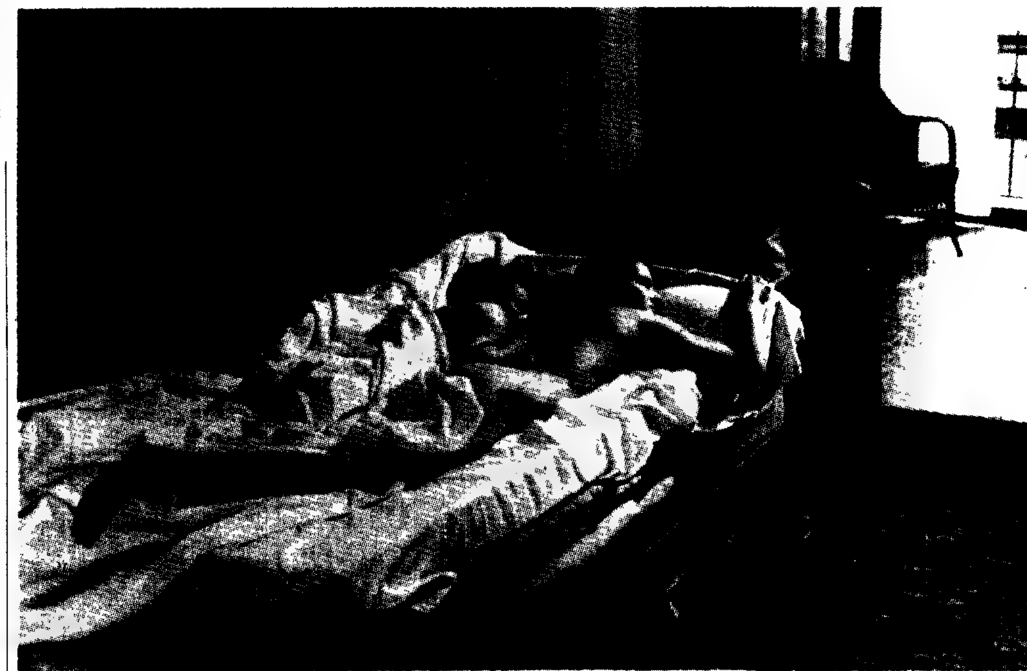
As 14, 16.30, 19 e 21 30
– M 16 a
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 326283
R dos Condes 12 a 20

As 15 15 18 15 e 21 30
– N 12 a
OS INVENCÍVEIS NO ORIENTE

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches 122

As 14, 17 30 e 21 30
– N ac men 13 a.
SOLDADO AZUL



Uma cena do filme «As Asas da Pomba» realizadopor Benoit Jacquot com Domninique Sanda e Michéle Placido. Em exibição no Estúdio 444

POLITEAMA 326716
R Portas S Antao 109

As 14 15, 16 30, 19 e 21 30
– M 16 a.
A BATALHA DE BRONX

QUARTETO 771378
R Flores de Lima 16

SALA 1
Às 14 30, 16 45, 19, 21 15 e 23.30
– M 12 a.
DIÁRIO ÍNTIMO

SALA 2
As 14 30, 16.45, 19 e 21 30
– M 12 a
GREMLINS
As 23.30 – Int men 18 a
O UIVO DA FERA

SALA 3
As 15, 17 19 e 21 30
– M 12 a
HAMETT
As 23 30 – N ac men 18 a
O AMIGO AMERICANO

SALA 4
As 14, 16 45 19 30 e 22 15
– M. 12 a
O HOMEM DE FERRO

QUINTETO 573407
R Actor Taborda 27-B

As 14.30, 17 45, 19 e 21.30
– M 12 a
GREMLINS
As 24 – N ac men 13 a
A VÍTIMA N.º 4

ROMA TEL 727778
Av de Roma 14 M-N

As 14, 16 30, 19 e 21.30
– M. 12 a
GREMLINS, O PEQUENO MONSTRO

ROXY 548560
Av Almirante Reis 20
As 14, 16 30, 19 e 21 30
– N ac men 18 a
SEGREDOS PROIBIDOS
c/ Jacqueline Bisset, Per Oscarsson e Robert Powel
Versão integral

SÃO JORGE 579144-579344
Av da Liberdade 175

SALA 1
As 15 15, 18 15 e 21 15
– M 12 a
AS MULHERES DE BOSTON

SALA 2
As 14, 16 15, 18 30 e 21 00
M 12 a
VIDAS EM JOGO
22.ª Semana

SALA 3
As 14 16 30, 19 e 21 30
– M 12 a
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN REI DA SELVA

7.ª ARTE 730715
Av Republica à E Entre Campos junto ao n.º 63

As 14 45, 17, 19 10, 21 45 e 23 45
– M 16 a
O ELEVADOR

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14 C

Às 15, 18 15 e 21 30
– M 12 a
GENTE GIRA

TURIM 706666
E de Benfica 72 1 A

As 15, 17 30 e 21 45
– M 12 a
FOOTLOOSE

VOX 880808
Av E. Miguel Bombarda 18 A

As 15 18 15 e 21 30
– M 12 a
O LUGAR DO MORTO
4.ª Semana

XENON 368480
Av da Liberdade

As 14.15, 16 30, 19 e 21 30
– N ac. men 18 a
O ELEVADOR

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Zona de Perigo», às 21.30 (16 anos)

ALFA-2 – «A Balada de Narayama», às 21.30 (16 anos)

ALFA 3 – «O Grande Massacre», às 21.30 (16 anos)

ALFA-CLUBE – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.15 (12 anos)

ZODIACO – «Vidas», às 21.30 (18 anos)

APOLO 70 – «O Regresso do Soldado», às 21.30 (12 anos)

MUNDIAL – «O Curandeiro», às 21.30 (13 anos)

LONDRES – «Paris, Texas», às 21.30 (12 anos)

TERMINAL – «Gremlins, o Pequeno Monstro», às 21.30 (12 anos)

TIVOLI – «Zona de Perigo», às 21.30 (16 anos)

CITY-CINE – «O Momento da Verdade», às 21.30 (12 anos)

CAPITÓLIO – «Conviver, Gozar... e Não Só!», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

RESTELO – «Os Piratas das Ilhas Selvagens», 21.30 (6 anos)

OLÍMPIA – «As Orgias de Mata-Hari», sessões permanentes (18 anos)

ESTÚDIO ACS – «A Estrangeira», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA – «A Desforra de Kung-Fu», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «Splash, a Sereia», às 21.30 (6 anos)

CASCAIS – Impala – «Os Ladrões da Montanha Sagrada», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Gremlins, o Pequeno Monstro», às 21.15 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 1 – «Finalmente Domingo», às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 2 – «O Profissional», às 21.45 (13 anos)

ALMADA – Incrível – «Vidas», às 21.15 (18 anos)

ALMADA – Academia – «Que Paródia de Férias», às 21.15 (12 anos)

Porto

CARLOS ALBERTO – «A Vida é um Romance», às 21.30 (13 anos)

TERÇO – «007, Missão Ultra-Secreta», às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO – «O Templo de Shaolin», às 21.30 (16 anos)

CHAPLIN – «Tootsie», às 21.30 (13 anos)

FOCO – «Os Ricos e os Pobres», às 21.45 (13 anos)

RIVOLI – «Fugitivos do Inferno», às 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA – «A Vingança do Dragão», às 21.30 (16 anos)

CHARLOT – «Making Love», às 21.30 (18 anos)

BATALHA – «Gremlins», às 21.45 (12 anos)

TRINDADE – «Gremlins», às 21 45 (12 anos)

ÁGUIA – «Rainha do Nilo», às 21 00 (13 anos)

COLISEU – «Comandos», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO – «Fúria de Vingança», às 21 45 (16 anos)

BEBÉ – «Paixão», às 21.45 (16 anos)

PAÇOS MANUEL – «Zona de Perigo», às 21.45 (16 anos)

PEDRO CEM – «Gente Gira», às 21 30 (12 anos)

LUMIÈRE – Sala A – «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE – Sala L – «Vidas», as 21.45 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIRRO ALTO: Gonçalves**, R. da Rosa, 176-178 (T. 362687); **BAIXA: Cortez**, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **BENFICA: União**, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **CAMPO D'OURIQUE; Elma**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **INTENDENTE: Intendente**, L. do Intendente Pina Manique, 50-51 (T. 547838); **LUMIAR: Douro**, Al das Linhas de Torres, 93-A-B (T 791131); **MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **PAMPULHA - JANELAS VERDES: Nazário Pinto**, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **SALDANHA: Dalva**, Av Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO -CALVÁRIO: Lisbonense**, R Leão d'Oliveira, 2-B (T. 637020); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Pontinha**, E de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO

ALAMEDA - CHILE: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (T 41269), **AREEIRO - PRAÇA DE LONDRES: João XXI**, Av João XXI, 16-A (T. 886462), **BOA-HORA: Sepol**, C da Boa-Hora, 94-A (T. 852611); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **ESTRELA: Gama**, C. da Estrela, 130 (T. 660339), **FEIRA POPULAR: Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **LUZ-2.ª CIRCULAR: Da Luz**, E da dluz, 124-A (T. 885443); **OLIVAIS SUL: Higiene**, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T 310026); **PICHELEIRA: Marluz**, C da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição**, C D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BRANDOA - AMADORA: Tavares Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T 2519939)

Outra Banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T 2750504). Permanente, **COVA DA PIEDADE: J. Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T 2750121) Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R da Boa Vontade, 17-B (T 2298572) Até às 22 horas. **SESIMBRA: Leão**, Av da Liberdade, 13 (T. 2233471); **LAVRADIO: J. Consolado**, Av Joaquim J Fernandes, 17-C (T 2043126) Até às 19 horas, **BARREIRO: Moderna**, R. D Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T 2073443) Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T 2290084). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr Teófilo Braga (T 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D Diogo Couto, lote 182 (T. 219697) Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015) Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R Costa Pinto, 184 (T. 2432034) Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R Cândido dos Reis, 98 (T 2430090) Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T 247723); **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T 2470777) Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. de Sabóia, 29 (T 260085) Até às 22 horas; **PAREDE: Artur Brandão**, Av da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T 2461312). Até às 22 horas, **MADORNA: Madeira**, R A (T 2476326) Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas, **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170 / 281419). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Helénica, R Elias Garcia, 372 (T. 933613). Permanente; **Girassol**, R. Elias Garcia, 17-C (T 974161). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T 9710231). Permanente; **QUELUZ: Correia**, L do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872) Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T 9248120. Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T 9290088).

LOURES: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240) Permanente

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

LEMOS & FILHOS, P. de Carlos Alberto, 31; **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61; **BOTELHO**, R da Alegria, 863; **QUEIJA FERREIRA**, R Vasques de Mesquita, 32, às Antas; **CAMPO ALEGRE**, R. do Campo Alegre, 723

DE DIA E TODA A NOITE

MAGALHÃES, R. de Serralves, 566; **BARREIROS**, R. de Serpa Pinto, 8-10; **COSTA CABRAL**, R Costa Cabral, 1832; **SOEIRO**, R. de Santos Pousada, 71; **BIRRA**, P. da Liberdade, 125

COIMBRA

MACHADO, R. Bernardo de Albuquerque (T. 23767); **FIGUEIREDO**, R. da Sofia, 107-109 (T. 22837).

teatros

Lisboa

COLISEU – Circo do Natal, às 16.50 e 21.30 (6 anos)

VILLARET – «O Super-Silva», às 21.30 (12 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos.
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES. 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154 – Redacção: 320271/2/3
Preço do «DL» na Madeira: **40$00**

Depósito Legal n.º 1426/82

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

4.40	4,0 m	9.45	1,0 m
16.29	3,8 m	21.55	1,2 m
Dia 11			
4.42	4,0 m	10.25	1,1 m
17.10	3,7 m	22.36	1,3 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	9º
BRAGANÇA	6º
VILA REAL	5º
PORTO	10º
COIMBRA	11º
CABO CARVOEIRO	14º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	10º
ÉVORA	9º
BEJA	8º
FARO	13º
SAGRES	15º
PONTA DELGADA	12º
FUNCHAL	18º

Se não houver resposta satisfatória dos partidos existentes

Actividade política de Eanes não terminará em Belém

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, admitiu ontem publicamente a sua intervenção a nível político-partidário, após o termo do seu mandato. Isto «se a acção governativa dos partidos políticos existentes não der uma resposta satisfatória aos problemas do País». Ramalho Eanes falava aos microfones da Rádio Renascença, numa entrevista concedida ao programa «Cartas na Mesa».

«É evidente que, disse o Presidente da República, depois do meu mandato, vou exercer uma acção política com características diferentes, mas defendendo os mesmos valores.»

Embora adiantando que, enquanto for Presidente será «o Presidente de todos os portugueses», Eanes deixava assim relativamente claro um aspecto que nos últimos tempos tem suscitado muitas interrogações e que é o da sua posição relativamente ao Movimento lançado em Santarém.

Eanes lembrou que, além de um compromisso, tinha um programa apresentado aos portugueses e que foi impedido de cumprir pelas limitações que lhe foram impostas pela revisão constitucional que, segundo afirmaria, «fechou o espaço de intervenção política autónoma dos independentes e acabou por fazer com que o Presidente da República, tendo embora um projecto político, não pudesse realizá-lo, bem como impediu o programa de candidatura, uma carta compromisso com o eleitorado».

Soluções

Referindo-se à situação actual da economia portuguesa, Eanes admitiu algumas melhorias na área económica, mas que não alteraram a situação. «A balança comercial e a balança de transacções melhoraram, mas o produto interno bruto vai diminuir, embora pouco, a procura interna baixou, embora com ligeiro aumento do consumo público e o investimento baixou significativamente no ano em curso».

Ramalho Eanes adiantaria ainda que não há modificações significativas na agricultura, na indústria e nos serviços, a inflação continua elevada e o desemprego continua a não se resolver.

Em suma, o Presidente da República reconheceu que os portugueses não têm um futuro promissor à vista mas admitiu, por outro lado, a esperança de se poder encontrar «outras soluções» dentro de dez anos.

«Um país com a nossa idade, uma juventude promissora, ao contrário do que muitos dizem, e em contacto com o mundo, pode encontrar soluções».

Na opinião do general Ramalho Eanes «as resistências para suportar a crise estão a atingir o limite» mas «a situação não é desesperada» nem «crítica».

Para Ramalho Eanes é necessário «uma remodelação global» que inclua «um Emuma aparelho administrativo eficiente e transparente, uma prática mais coordenadora, maior participação da juventude e definição de um projecto mobilizador».

«Acrescentou que há resultados positivos na política económica, mas não nos podemos convencer de que as coisas vão mudar e vão mudar para bem, nos tempos mais próximos».

Ao ser-lhe perguntado se não se sentia também responsável pela situação. Ramalho Eanes, depois de sublinhar que a sua interferência na esfera governativa é muito reduzida, disse assumir a sua quota parte de responsabilidade, mas «apenas isso» e salientou ter «responsabilidades assumidas» mas que não estava disposto «a assumir as responsabilidades dos outros».

Revelou, por outro lado, as tentativas que foram feitas, a quando da posse deste Governo, para que ele fizesse um discurso de Estado sobre a situação do País e, perante a sua recusa, tentativas idênticas foram realizadas para que se realizasse uma reunião do Conselho de Estado.

Renúncia

Os vários cenários políticos do Presidente da República, para antes e depois do seu mandato, foram tentados pelo entrevistador, que, a certa altura quis saber se o Presidente da República encarava hipótese de renúncia para se dedicar ao seu projecto político na base partidária a que já fizera referência.

Eanes lembrou então as suas responsabilidades constitucionais e o facto de ser «o garante do regular funcionamento das instituições democráticas».

«Cabe-me, salientou, evitar situações de perturbação socio-política, cabe-me garantir a pacificação social e garantir – inclusivamente através de novas oportunidades políticas sempre que a eficácia governativa não seja satisfatória e não seja satisfatoriamente aceite pela população».

O Presidente da República acrescentou não se demitir de tudo o que esteja constitucionalmente atribuído às suas funções, adiantando que «a renúncia, a demissão do Governo, a dissolução da Assembleia da República, têm, nessa perspectiva um valor permanentemente disponível para o Presidente da República».

«O Presidente nunca poderá dizer que não vai usar este ou aquele instrumento. É o caso da minha renúncia. Trata-se de um instrumento disponível que usarei ou não em função daquilo que seja a evolução política nacional, em função daquilo que esse instrumento possa interessar num determinado momento à evolução e à estabilização da vida democrática portuguesa.»

«É evidente que nunca utilizarei um instrumento disponível (esse também), de uma maneira gratuita e de uma maneira que não seja eticamente suficiente e politicamente necessária.»

Golpes militares

Ao longo de quase uma hora de entrevista o Presidente da República abordou numerosos outros temas. Ao ser-lhe feita uma pergunta sobre a possibilidade ou não de golpes militares em Portugal, Eanes considerou «impensável», neste momento, um golpe de Estado militar. «Pela primeira vez não é possível, dadas a consciência política dos militares e ainda das as condições objectivas existentes em Portugal. Enquanto o nosso país teve um império, é evidente que as Forças Armadas tinham de ter, quer quisessem quer não, um poder e uma participação política relativamente activa. A partir do momento em que o império desapareceu elas podem ter ou não essa participação política – não é indispensável que a tenham».

«Não estão interessadas em tê-la, têm uma consciência política suficiente para perceberem qual o papel que lhes cabe em democracia».

Eanes disse também ser favorável a um serviço de informações mas que não promulgaria qualquer lei de segurança que pusesse em causa liberdades e direitos individuais fundamentais.

Acerca do papel da Igreja em Portugal, o Presidente da República considerou-o especial e com um peso cultural significativo, defendendo uma estreita ligação, sem que signifique dependência, entre o Estado e a Igreja, de tal maneira que haja possibilidade de coordenar esforços. «Sempre que os políticos se esqueceram que a Igreja tem um peso social importante, houve desvios graves e desnecessários».

No American Club

«As relações luso-norte-americanas não são ciscunstanciais nem estão dependentes de quaisquer interesses momentâneos por parte dos responsáveis políticos portugueses. São relações históricas, baseadas em relações culturais, geopolíticas e geoestratégicas, que não se podem considerar dependentes das circunstâncias políticas de cada momento».

São afirmações do Presidente da República, general Ramalho Eanes, no jantar comemorativo dos 40 anos do American Club de Lisboa.

«Para mim, afirmou noutra passagem Ramalho Eanes, sempre foi claro que a ligação existente entre Portugal e os Estados Unidos é um caso típico de inter-relação positiva entre entidades nacionais soberanas».

Eanes recordou que Portugal viveu e atravessa ainda uma fase histórica de mudança profunda quando o fluxo das mudanças sociais e económicas tinham começado já na década de 60.

«Mas quando se esperaria que essa mudança constituísse uma linha de progresso e de maior viabilidade nas relações económicas e sociais, o que se encontra são os sinais de uma deterioração das condições económicas e de uma perda de orientação quanto ao que será o futuro».

No aniversário da Declaração dos Direitos do Homem

Secretário-geral da ONU denuncia «apartheid»

Na sua mensagem emitida a propósito do 36.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, que hoje decorre, o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, condena o racismo e a discriminação racial, «particularmente na sua forma institucionalizada de 'apartheid'».

Em Portugal, o 36.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem será comemorado, nomeadamente, com uma sessão na Biblioteca Nacional, presidida pelo director do Centro de Informação da ONU em Lisboa, embaixador António Muino e por uma outra, na ordem dos Advogados, a que preside o Primeiro-Ministro, Mário Soares.

Perez de Cuellar salienta na mensagem que os conflitos e animosidades raciais «são causadores de muita injustiça imperdoável que há no Mundo».

Refere também, como origem de sofrimento para a espécie humana, a fome e a pobreza, «que consomem as vidas humanas e espalham o desespero e a tragédia».

«Reduzir e eliminar as mortes e a privação — acrescenta — deve continuar a ser um dos nossos imperativos. Os governos e a comunidade internacional têm o dever de satisfazer as necessidades essenciais dos povos de todo o mundo e ainda de trabalhar com vista a permitir-lhes atingir um nível de vida melhor numa maior liberdade».

Na perspectiva da Declaração, cujo aniversário se celebra, o secretário-geral das Nações Unidas considera que «o principal dever que recai sobre todos nós consiste em fazermos tudo o que estiver ao nosso alcance para salvaguardarmos a vida humana e impedirmos que seja deliberadamente infligida qualquer crueldade física ou mental».

A este propósito, Perez de Cuellar manifesta-se «desolado e apreensivo» pelo facto de no mundo actual depararmos, «com demasiada frequência», com sofrimento humano injustificado, execuções arbitrárias e sumárias, desaparecimentos forçados ou involuntários e tortura.

Em relação à tortura o dirigente máximo da ONU congratula-se por ter sido recentemente aprovada pela presente Assembleia-Geral uma Convenção contra a sua prática.

A mensagem sublinha ainda que a liberdade de opinião e de expressão, de religião ou de crença é sagrada para todas as pessoas.

O secretário-geral recorda que há três anos a Assembleia das Nações Unidas adoptou também a Declaração baseada na religião ou no credo e afirma «esperar ardentemente» que os governos, organizações internacionais, regionais e nacionais, bem assim como as pessoas individuais, «façam os possíveis para promover a aplicação das disposições daquela Declaração».

Aprovada pela Assembleia-Geral das Nações Unidas de 10 de Dezembro de 1948 com o voto favorável de 48 dos 58 países então representados, a Declaração Universal dos Direitos do Homem contém trinta artigos onde se enunciam os direitos básicos e as liberdades fundamentais de que devem gozar, sem qualquer distinção, todos os homens e mulheres do mundo.

Nestes direitos estão os que dizem directamente respeito à vida, à liberdade e à segurança do indivíduo.

Aponta-se, deste modo, o direito de não ser preso arbitrariamente, o direito de ser ouvido publicamente e com justiça por um tribunal independente e imparcial, o direito a que se presuma a sua inocência até que se prove a culpabilidade e o direito à inviolabilidade da residência e da correspondência.

Declaram-se os direitos à liberdade de circulação e de residência, a uma nacionalidade, a casar-se e a fundar família, o direito à propriedade, à liberdade de pensamento, de consciência de religião, de opinião e de expressão.

Consagrados ainda o direito de reunião e de associação pacífica, o direito ao voto e à participação no Governo, à segurança social, ao trabalho e a um nível de vida adequado, bem assim como à educação e à participação na vida cultural da colectividade.

A Assembleia-Geral das Nações Unidas proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos como «um ideário pelo qual todos os Povos e Nações se devem esforçar».

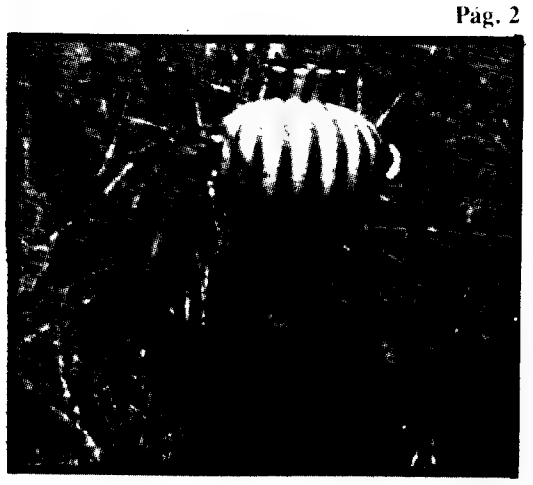
Entretanto, numerosas convenções internacionais inspiraram-se nesta Declaração Universal, nomeadamente as que respeitam ao estatuto dos refugiados, aos direitos políticos da mulher, ao estatuto dos apátridas e à nacionalidade da mulher casada.

Acrescente-se, ainda, a convenção suplementar sobre a abolição da escravatura, e as convenções sobre a abolição do trabalho forçado, a discriminação no emprego, contra a discriminação em matéria de educação e sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial.

Só entre nós
Pág. 4

Alves Costa
Pág. 6

Destaque: GUATEMALA
Pág. 2



PUBLICADO PELO

Na era dos órgãos artificiais

A disputa entre enxertos e próteses já começou

No princípio houve as pernas de pau, os óculos, as dentaturas. Com os anos 50 veio a época dos sistemas de assistência circulatória e respiratória, «rins artificiais», próteses vasculares, válvulas e estimuladores cardíacos. No fim de 1982, pela primeira vez no mundo, uma equipa cirúrgica americana ousava implantar uma prótese cardíaca — um coração arficial» — no peito de um ser humano.

A mesma tentativa acaba novamente de ser feita em Louisville (Kentucky), pelo doutor William Devries, num homem de cinquenta e dois anos atingido de degenerescência do músculo cardíaco, Criticável sob o plano ético, o gesto pode vir a tornar-se rotineiro. Os promotores da prótese já anunciam uma centena de intervenções. Mais do que qualquer outra imagem, as fornecidas pelo doutor Devries testemunham a entrada na era dos «órgãos artificiais». Ou, por outras palavras na da aplicação da mecânica de hoje à nossa percepção da biologia.

Já não estamos no tempo dos autómatos, da reprodução da aparência do ser vivo. O objectivo é a um tempo mais modesto e muito mais ambicioso. Trata-se, ao mesmo tempo, de escolher um órgão ou uma fracção do órgão, apreender o modo íntimo do seu funcionamento, dissecar as relações que ele tem com o resto do corpo, e, enfim, tentar confeccionar um instrumento, um equivalente artificial, que poderá servir ao doente, de paliativo, de prótese.

Mas também não estamos só no tempo das próteses fixas. O progresso consiste hoje em passar do estático ao dinâmico da relação de forças à agitação do vivo, na adaptação aos ritmos e aos fluxos do biológico. Assim, em 1982, foram aplicadas em França 40 000 próteses osseas, mas também foram implantadas 15 000 válvulas cardíacas, 15 000 proteses vasculars e 20 000 estimuladores cardíacos.

O primeiro boom neste domínio, explica Dominique Ducassou (Bordéus), director de uma unidade INSERM especializada nos sistemas implantáveis, **remonta a uns vinte anos com o aparecimento de novos materiais provenientes (como o dacron, utilizado nas próteses vasculares) de investigações sobre os têxteis.** O êxito também diz respeito aos circurgiões que ousaram dar o primeiro passo.

Houve depois — há hoje — utilizados para fins terapêuticos, a microinformática e a microelectrónica e, com elas, a realização e o desenvolvimento de captores, esses sistemas sofisticados capazes de traduzir sob a forma de sinal eléctrico, uma informação de origem biológica.

Outros tantos elementos que deixam entrever a próxima realização de próteses suficientemente miniaturizadas e fiáveis para poderem ser propostas como soluções terapêuticas em numerosas disciplinas.

Em todo o caso o cabo da miniaturização mostra-se por vezes difícil de passar. Isto acontece, por exemplo, com o coração artificial. Enquanto várias equipas, duas das quais francesas trabalham num modelo de prótese totalmente implantável, as duas implantações americanas foram feitas com prótese cuja fonte de energia e controlo são exteriores ao corpo do paciente. Elas impõem devido ao seu peso e ao seu volume, incómodos insuportáveis.

Poderemos, na verdade, reproduzir por inteiro os órgãos vivos ou deveremos mais modestamente limitar-nos à cópia mecanizada de algumas funções biológicas?

Estar em equilíbrio sobre um pé, escreve o professor Pierre Rabischong (Montpellier) **necessita do jogo de toda uma série de regulações automáticas, de tratamento de sinais, de ajustamentos no seio de sistemas de comandos ainda mais largamente miniaturizados do que os mais modernos**

Continua na pág. 8

Padre António Rego:

A Mediatização de Deus

Tanto o Evangelho como a Televisão dizem muito ao Imaginário

Pág. 6

Foto de Francisco Paraíso

PESSOAIS NA PÁGINA 8

I N F E R N O S

Guatemala: um país onde o terror é lei

Um muro de silêncio envolve persistentemente um pequeno país da América Central. Esporadicamente ele quebra-se e surge então a imagem de um verdadeiro império do terror: Guatemala, transformada pelos militares num país de órfãos e viúvas; onde nos últimos 15 anos foi perpetrado um assassínio político em cada cinco horas: onde nos últimos três anos, 200 aldeias, bombardeadas pelo Exército, desapareceram do mapa. Os números do massacre multiplicam-se e recordo-me que há anos uma índia guatemalteca me disse: «Mas, sabes, no meu país também se formam por vezes quatro arco-iris que se cruzam no céu...

CLARA VIANA

Quebrar o «muro de silêncio» é precisamente o objectivo de uma delegação do Comité Pró-Justiça e Paz da Guatemala que, aproveitando uma digressão pela Europa, esteve em Lisboa a semana passada. Daniel Gomes e Elisabeth Gonzalez integravam a delegação e foi com eles que falámos sobre um país onde os militares se sucedem no poder praticamente desde 1954. Definindo-se como «cristão e ecuménico», o Comité elaborou, com o apoio do Conselho Mundial das Igrejas, um estudo sobre a situação dos direitos humanos na Guatemala, que foi entregue, em Fevereiro de 84, na Comissão de Direitos Humanos da ONU então reunida em Genebra.

Um ano antes, em Março de 83, tinham-se realizado eleições na Guatemala. Mas o relatório entregue na ONU e os nossos interlocutores são peremptórios ao afirmarem: «Nada mudou. As eleições de 1983, como as de 1978 e as de 1982 foram uma fraude.» Ou melhor, acrescentam, «se algo se alterou foi o modo de se exercer a repressão que desde 1978 até agora conheceu três fases distintas».

Entre 1978 e 1981, contam-nos, foi a era de «todo o tipo de extermínios de jornalistas, sindicalistas, universitários, religiosos, catequistas». Praticamente todos os quadros da oposição foram liquidados. Recentemente, a Amnistia Internacional denunciara que, nos últimos 15 anos, tinha ocorrido, na Guatemala, um assassínio político em cada 5 horas. Segundo dados que constam do relatório elaborado pelo Comité, o número de vítimas da violência política na Guatemala eleva-se a mais de cem mil desde 1954. Entre Março de 1982, mês em que o general Rios Montt subiu ao poder através de um golpe de Estado, e Outubro de 83, o número de vítimas é de pelo menos vinte mil.

Um dos sobreviventes de uma aldeia bombardeada visita os seus restos: ele não tem quaisquer papéis de identidade, e será fuzilado se o encontrarem

Paisagem guatemalteca: silêncio de morte no país dos quatro arco-íris

Números que dizem apenas respeito aos assassínios individuais e que são, segundo os nossos interlocutores, ultrapassados pela realidade. Na Guatemala, é «normal o assassínio de pessoas nas ruas ou a sua detenção, aparecendo depois os cadáveres. Nos caminhos, nas pequenas aldeias, nas ruas, continuam a aparecer diariamente cadáveres baleados, esfaqueados, mutilados, degolados».

«Quando não atiram os mortos para as bocas dos vulcões ou para o fundo do mar, apresentam-nos desfigurados pela tortura, com a cara queimada e os dedos cortados. Em cada três cadáveres, aparecem dois com as cabeças espetadas em estacas à beira dos caminhos. O crime converte-se então em espectáculo público», conta Eduardo Galeano, que esteve no México a recolher depoimentos de refugiados guatemaltecos, num livro recentemente publicado em Espanha.

Se os anos que vão de 1978 a 1981, foram o tempo do extermínio individual, o período de 81 a 84 foi o do assassínio colectivo com a «política da terra queimada», política que se intensificou com o golpe de Estado de Março de 1982 que levou Rios Montt ao poder: duzentas aldeias foram bombardeadas e massacradas. «Quando o Exército entrava nessas povoações, dividia homens, mulheres e crianças, matando-as depois em pequenos grupos, após os terem torturado e violado as mulheres.» Foram mortas 45 000 pessoas.

«Parte dos sobreviventes — dizem-nos — fugiu para o México, onde actualmente se encontram 100 000 guatemaltecos, 46 000 dos quais em campos de refugiados.» Os que ficaram na Guatemala e se entregaram às autoridades «encontram-se em campos de concentração»: as chamadas «aldeias estratégicas, em número de 11 e os acampamentos temporários». Outros estão nas montanhas, «clandestinos».

As aldeias estratégicas e os acampamentos temporários integram o objectivo de «controlo militar da população» previsto no chamado «Plano Nacional de Segurança e Desenvolvimento» adoptado por Rios Montt em Abril de 82. Como conclusão das violações colectivas do direito à vida e do arrasamento das aldeias, o Exército concentra aí, de modo forçado, a população sobrevivente capturada, submetendo-a a um regime estrito de controlo militar», denuncia-se no relatório entregue na ONU.

Tanto nos acampamentos, como nas aldeias estratégicas, os que aí se encontram são obrigados a trabalhos forçados a troco de alimento. Abrem estradas para o Exército e asseguram a sua defesa. Segundo os membros do Comité Pró-Justiça com quem falámos, «os homens dos 15 aos 60 anos, mas também crianças e mulheres, são obrigados a integrar as chamadas «Patrulhas de Autodefesa Civil». E são essas patrulhas que formam um «cordão em torno dos militares quando eles avançam nas suas acções contra a guerrilha».

O arrasamento de 200 aldeia teve ainda outras consequências: actualmente existem, na Guatemala, 150 000 crianças órfãs. Uma delegação de parlamentares britânicos que recentemente visitou aquele país, definia assim a situação que encontrou: «Os militares transformaram a Guatemala num país de viúvas e órfãos». O êxodo para as cidades aumentou; as famílias estão separadas e foram obrigadas a deixarem os seus hábitos, o seu dialecto, a sua cultura.

Desaparecido

Em Agosto de 1983, Rios Montt foi deposto por Mejias Victores, um outro general que era até então ministro da Defesa e «responsável directo da política de genocídio e terra queimada». Com a subida de Victores ao Poder, regressou, nomeadamente a partir deste ano, a «tendência para o predomínio dos assassínios individuais e o desaparecimento de pessoas», relata-se no relatório entregue pelo Comité pró-Justiça da ONU. Mas desaparecer na Guatemala é morrer. Segundo escreve Galeano, «chegar vivo aos juízes é privilégio ou casualidade». Segundo os dados disponíveis, são 36 000 as pessoas desaparecidas.

Por outro lado, e segundo se afirma no relatório citado, o recente aparecimento de cemitérios clandestinos comprova que antes de serem assassinadas, as vítimas são sujeitas «às mais desapiedadas e selvagens formas de tortura. Os cadáveres aparecem, normalmente, decapitados, mutilados e com facas ou paus enterrados nos olhos, ouvidos, boca, nariz, órgãos genitais...»

Mas o ano de 1984 é também o de «reagrupamento» dos sobreviventes das aldeias massacradas. Segundo os nossos interlocutores, uma das suas características é a de não terem qualquer documento de identificação. Porquê? Quando o Exército bombardeou as suas aldeias, as casas foram destruídas e com elas todos os haveres, incluindo

os bilhetes de identidade. Os militares têm assim a tarefa facilitada. «Nas cidades são feitas rusgas periodicamente e os que não possuem identificação são enviados para campos de concentração ou mortos.»

Quando, recentemente, a Acta do Grupo da Contadora, que estabelecia um plano de paz para a região centro-americana, o Governo guatemalteco, declarou-se na disposição de assiná-la. Mas assiná-la com condições. Uma delas, contam-nos, foi a do repatriamento dos refugiados que se encontram no México: 17 000 foram obrigados a regressar à Guatemala.

Camponeses e índios

A situação que se vive na Guatemala foi definida pelo Comité de Direitos Humanos daquele país como sendo a de «um conflito armado de carácter não internacional». Conflito que não é entendido pelos nossos interlocutores como sendo uma guerra civil. Segundo eles, a «guerra é entre o Exército e o povo consciencializado» ou seja, «entre o Exército e os que, impossibilitados de seguirem outra via de luta, ingressam na guerrilha», encontrando aí «o governo o pretexto para atacar populações civis desarmadas».

Actualmente são quatro as organizações (congregadas na União Revolucionária Nacional Guatemalteca) que promovem a guerrilha. Segundo eles, «todos os caminhos eleitorais, os caminhos do diálogo estão fechados», não restando mais que a «luta armada como única alternativa para dar uma solução verdadeira à problemática guatemalteca».

Com cerca de 7 milhões e meio de habitantes, a Guatemala é um país de camponeses e índios: 60 por cento da população é indígena, de origem maya-quinché e mais de 65 por cento de guatemaltecos são camponeses. Em termos de população activa, percentagem de camponeses é de 58,8 por cento. A indústria só emprega 17,7 por cento da população. Os sectores e classes médias representam 6 por cento e unicamente 1,1 por cento da população é constituída por gerentes, administradores de empresas e grandes proprietários de terra.

Com o êxodo dos campos para as cidades, o desemprego aumentou e o seu nível é hoje de 60 por cento. Por outro lado, existe mais de um milhão de pessoas que não tem casas. A miséria é, a seguir à repressão, o segundo «verdugo da Guatemala». Em cada cem crianças que nascem, nove morrem antes de cumprir 1 ano, vinte antes dos quatro e só «trinta e cinco têm o privilégio de chegarem aos 15 anos». Oitenta e um por cento das crianças com menos de cinco anos sofre de subnutrição. Nas áreas rurais da Guatemala a esperança de vida é de 41 anos e nas áreas urbanas de 56.

Estes alguns traços da «problemática guatemalteca» e que levam a que um dos objectivos do Comité Pró-Justiça seja o da ajuda humanitária, nomeadamente no que respeita à implementação de projectos de autogestão na área do artesanato e outras...

Sem um projecto político próprio, o Comité faz da frase de Isaías, o seu «slogan»: «O produto da Justiça é a Paz.»

Testemunhos de refugiados

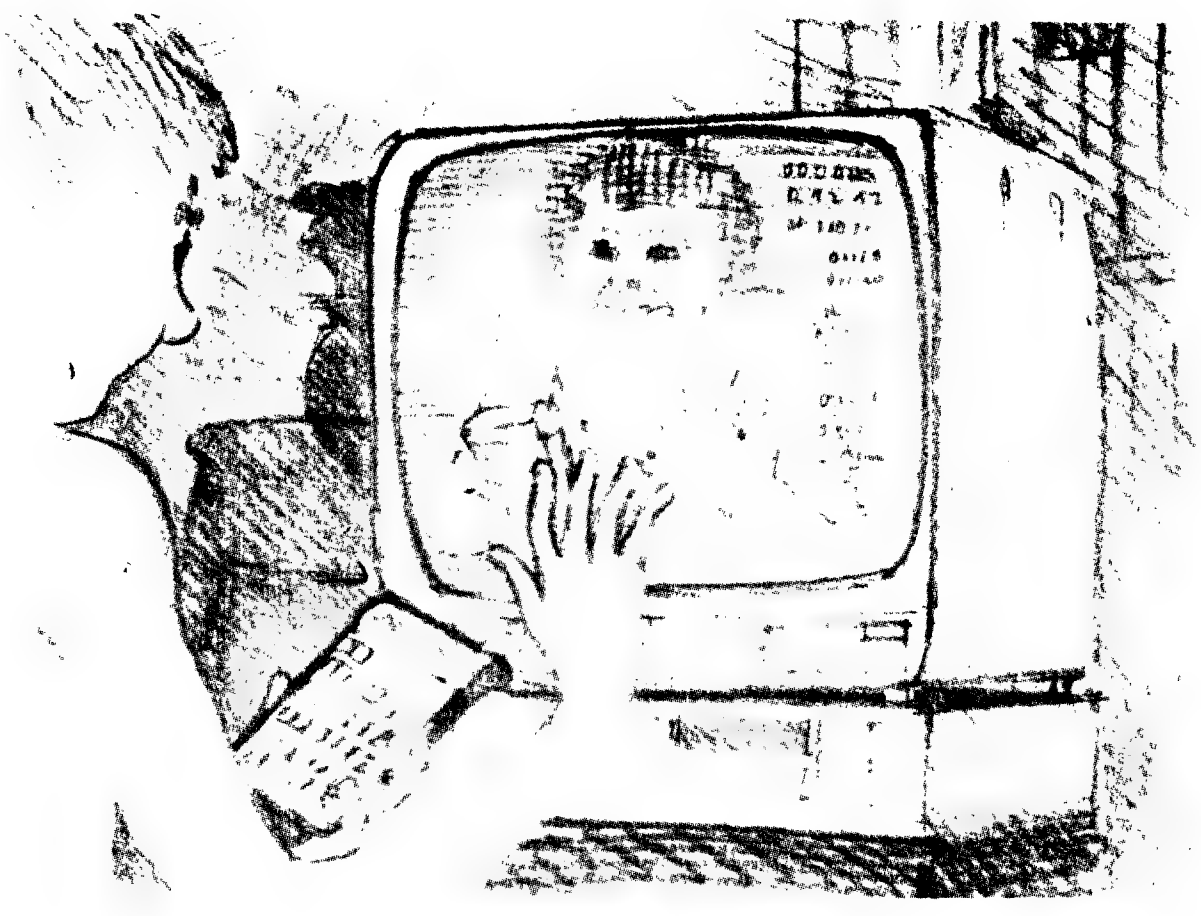
Eduardo Galeano esteve no México onde recolheu diversos depoimentos de refugiados guatemaltecos, na sua maioria indígenas.

Rezem por nós

«Na zona de Coyá mataram muita gente com camiões e helicópteros e toda a gente foi para a montanha, as mulheres e tudo. Dez dias depois foram buscar mais dois camponeses, deitaram-lhes gasolina e queimaram-nos vivos. E noutra aldeia agarraram em trinta rapazes, amarraram-nos e meteram-nos em helicópteros. Levaram-nos sabe-se lá para onde. Eles diziam ou pensavem: já são guerrilheiros. Mas essa gente quase não conheciam esses guerrilheiros e foi sobre eles que os coronéis que mandaram fuzilar pobres camponeses deitaram as culpas. A um deles mataram-no com os seus filhos, mataram todos os 16 membros da família (...) Tratam-nos como se fôssemos animais, por causa de sermos pobres, e matam-nos, enforcam-nos nas árvores, queimam-nos vivos ou dão-nos uma punhalada. Não temos nada, somos analfabetos e por isso nos maltratam. Oxalá que rezem por nós. Irmãos, rezem por nós, os maltratados».

Fazem-nos em pedaços

«Irmãos, peço-vos o favor de rezarem pelo nosso povo. Oxalá que nos ajudem para acalmar esta matança de gente praticada por este governo. Nós sofremos muita fome, não temos roupa. As pessoas estão tristes. Estamos aqui, neste lugar do México (...) Está durita a vida. Dias que conseguimos, outros que ficamos sem trabalho. Estamos aqui sem saber o que está acontecendo agora e eu tenho família. Tenho irmãos e não sei como eles estão, se os mataram. Só Deus é grande sobre nós. Os militares, aí na Guatemala... Aí, quando estamos a dormir, sem saber nada, levam-nos, matam-nos, à frente das famílias, já não respeitam. Também violaram mulheres de dez ou doze anos e que depois ficam mortas. Não é justo o que o governo faz. Há pessoas contra os militares e estes fazem-nos em pedaços com os seus machados, assim como se mata um animal, como fizeram em Cobán e também em Jacatenango a dois rapazes que iam vender uma mesa. Fizeram-nos em pedaços e puseram os corpos desses camponeses sobre a mesa como se estivessem a vender carne».



O Ego-Máquina

Muito se tem escrito sobre o computador, a sua tecnologia, as suas utilizações, o seu impíacto económico. Mas muito pouco sobre as suas implicações psicológicas e culturais.

Isso aconteceu agora. Sherry Turkle, psicóloga e socióloga americana, professora associada do Massachusetts Institut of Teenology (MIT), acaba de publicar um trabalho muito documentado intitulado **The Second Self, Computers and the Human Spirit** (1) que apresenta, a uma nova luz, as relações humanas com essa máquina especial que é o computador. A sua capacidade de tratamento do cálculo e da informação, a sua «inteligência» ainda limitada, tornada possível graças a programas concebidos pelo homem, fazem dele, com efeito, um utensílio de um tipo totalmente novo que nos interpela sobre a nossa própria natureza. É um novo espelho que nos incita a reflectir sobre a especificidade da condição humana e a redefinir conceitos muito antigos tais como o espírito e a matéria, a natureza da inteligência, que os filósofos da antiguidade já debatiam. Ferramenta cada vez mais usada, nascida dos trabalhos de matemáticos e especialistas de electrónica, contribui para a elaboração de uma nova cultura marcada por esse pensamento científico, racional e lógico.

Sherry Turkle não é uma desconhecida. Ela já publicou um trabalho sobre a história da psicanálise francesa: **A França freudiana** (2). Tendo analisado a maneira como certas noções psicanalíticas — introversão, inconsciente, explicação dos lapsos — deram entrada no grande público, pareceu-lhe interessante estudar a emergência, na sociedade americana, de uma cultura informática nascida nos meios científicos. Para tal, dedicou-se durante seis anos a um inquérito, junto de quatrocentas pessoas: duzentas crianças e duzentos adultos. Interrogou crianças muito pequenas que brincavam com jogos electrónicos ou se iniciavam na programação, crianças em idade escolar, estudantes, pessoas que utilizam um computador individual como entretenimento, engenheiros, **hackers** — nome dado nos Estados Unidos aos programadores virtuosos, — e, por fim, teóricos da inteligência artificial.

Para este estudo fez, como ela própria o explica, uma obra de etnóloga, mergulhando numa cultura informática de que ignorava tudo, e que recebeu portanto «do exterior». Que constatou?

A criança, quando é muito cedo iniciada nos conceitos informáticos e na programação, sofre, mais do que o adulto, o choque informático, porque utiliza o computador ou o jogo electrónico, num momento em que está a construir a sua própria personalidade e a definir-se em relação ao seu meio ambiente. E essa ferramenta, **«essa coisa que não é totalmente uma coisa, esse espírito que não é totalmente um espírito»**, suscita nela grandes interrogações. A criança pequena (entre os quatro e os seis anos) pensa que o computador é vivo, porque **«ele fala, ele faz batota»** (ele ganha sempre), mas, à medida que vai crescendo, tem que determinar o que é vivo e o que não o é. O movimento é um dos critérios da vida. Mas onde classificar essa coisa que não se move mas que manifesta uma certa vida? A criança pensa então que o computador não é vivo, mas confere-lhe, no entanto, uma consciência. Será, segundo Sherry Turkle, a primeira geração de crianças a dissociar assim a noção de vida e de consciência.

Com mais idade (sete-oito anos), a criança quer ganhar, dominar a máquina, para mostrar a si própria a sua capacidade. Mais tarde, quando se inicia na programação, ainda aborda outra etapa em que aprende a falar a linguagem do computador e a manipular os sistemas formais e matemáticos. Mas essa iniciação modificará a sua maneira de pensar? A autora não acredita nisso. Ela constata que **«o estilo de programação é a expressão de um estilo de personalidade»** e distingue os **hard masters,** — crianças que consideram que o mundo deve estar sob o seu controlo e para quem o computador é uma entidade abstracta — dos **soft masters** — que pensam que devem antes adaptar-se ao mundo, e para quem o computador é um objecto físico com o qual têm uma relação sensual e amigável. As raparigas são em geral **soft masters,** e os rapazes **hard masters.**

O computador oferece às raparigas ocasião de se iniciarem num pensamento matemático e lógico. Ele também ajuda certas crianças a ultrapassar as suas dificuldades escolares dando-lhes confiança em si próprias. Tanya, por exemplo, de cinco anos de idade, não sabia escrever e recusava aprender porque achava a sua escrita muito feia. Com o computador constatou que **«qualquer palavra podia ser corrigida e impressa tão cuidadosamente como num livro.»** O que fez cair as suas inibições e progredir.

Se **a vida das crianças parece ter melhorado devido ao seu contacto com o computador,** para outras ele diminui o campo de interesse e reforça um sentimento inicial de não — comunicação. O pequeno Henry, por exemplo, sonha ser **uma pessoa electrónica,** porque tem medo das relações com a outras pessoas. Ao mesmo tempo tem medo de estar sozinho.

Os adultos, como é natural, não têm as mesmas relações com o computador, e as suas reacções variam conforme o utilizam para descanso ou para trabalho. O computador pessoal utilizado em casa pode compensar certas falhas. Ele dá confiança aqueles que estão persuadidos de que são incapazes de fazer algo técnico ou de matemático. A outros, que sofrem por só terem uma visão fragmentária da nossa sociedade, cujas relações ignoram, o computador pessoal permite **conhecer um mundo na sua totalidade.** Ele oferece certezas.

Certeza procurada também por esses «loucos» da programação que são os **hackers,** engenheiros superdotados em informática, tão apaixonados por essa actividade que são capazes de trabalhar dezasseis a dezoito horas por dia durante uma semana para resolver um problema difícil. A máquina fá-los entrar num mundo tranquilizador, regido pelo racionalismo, em oposição ao mundo dos sentimentos, que os assusta. Entre os **hackers** há poucas mulheres. **É um mundo de homens.** Eles estão tão próximos da máquina que a programação lhes parece efectuada directamente a partir do seu cérebro, como se houvesse comunicação directa entre o seu espírito e a inteligência da máquina, por meio de uma **pura energia mental.** Os **hackers** querem-se diferentes. O sua cultura é isolacionista, enquanto que a da inteligência artificial é imperialista.

Os teóricos da inteligência artificial são muito divididos quanto às perspectivas da sua ciência (3). Para uns essa ciência é demasiado jovem para fazer previsões válidas. Para outros, **as máquinas excederão a inteligência humana em todos os domínios.** Mas todos estão de acordo em pensar que a inteligência artificial constitui uma nova contribuição do conhecimento sobre tudo — incluindo o que diz respeito ao espírito — em termos de programa e de tratamento da informação. **Tal como o marxismo e a psicanálise, a inteligência artificial é um novo meio de compreender todas as coisas.**

Alguns cientistas assimilam o seu espírito a um computador. Para o psicólogo Donald Norman, por exemplo, a memória utiliza os mesmos códigos do computador, e o cérebro humano pode ser compreendido como um sistema de tratamento da informação. Mas o que distingue então a máquina, do homem? Talvez a consciência. O filósofo John Searle acha que as máquinas mais «inteligentes» nunca pensarão por si próprias. Elas só imitarão o pensamento humano.

Como se vê, o debate está longe de ter terminado. O computador está a criar uma nova cultura cujas repercussões serão, segundo Sherry Turkle, tão importantes como as provocadas pela psicanalise. Esta última fez descobrir à humanidade o ego como sexual; o computador, esse revela-nos um ego como máquina. **Isto faz-nos jogar com aspectos da nossa natureza vividos como tabus. Porque as pessoas não gostam de pensar em si próprias como máquinas.**

(1) Editado pela **Simon and Schluster,** Nova Iorque.
(2) **Grasset**
(3) O termo diz respeito às máquinas informáticas capazes de reproduzir o raciocínio de peritos humanos nos diferentes ramos de actividades (diagnóstico médico, jogos de xadrez, detecção de novos jazigos...)

Só entre nós

Segredo bem guardado

Durante anos foi um segredo bem guardado: Faria Paulino, o recém-licenciado em Ciências Humanas que, há ano e meio, assumiu a direcção da Galeria de Arte Altamira, é o ex-«capitão Paulino» do MFA. A «descoberta» foi feita no primeiro número da revista «Grande Reportagem», que pretende ser «de informação e de reportagem», e não «de opiniões e de mexericos». Faria Paulino abriu, também na semana passada, uma exposição de tapeçaria com base em trabalhos, entre outros, de Vieira da Silva e de Arpad.

Faraós nas Amoreiras

Tomás Taveira pensou faraónico, pensou «cnóssico» para o Shoping Center das Amoreiras, que jornalistas visitaram na semana passada, a convite da Mundicenter. A estrutura de base do espaço, que comportará mais de 300 lojas, é um conjunto de alamedas interiores ladeadas por gigantescas colunatas lotiformes estilizadas. Elas serão pintadas de cores que evocam as das grandes construções das margens do Nilo e de algumas ilhas gregas (ocre, azul ultramarino, vermelhão), sem esquecer os rosas e os verdes alfaces que fazem a ponte para o pós-moderno. O conjunto articular-se-á a partir de três espaços «âncora», já prometidos ao Pão-de-Açúcar, à Maconde e à Movilar.

Durante a visita, desfizeram-se alguns exageros em relação aos preços dos andares das Torres das Amoreiras: eles variam, de facto, entre oito mil contos para estúdios de uma assoalhada, e quase trinta mil contos para os apartamentos de seis assoalhadas.

Acaba o contrato do quarto alugado

João Soares Louro sempre abandona a RTC, onde, dizia ironicamente, «tinha um quarto alugado», e entra na Cinevox, onde recentemente a TAP reforçou a sua posição. Assim se afasta **mais** da Televisão, tudo indica que por razões estritamente políticas, aquele que foi, na opinião da maioria qualificada, o melhor presidente da RTP desde Abril de 1974. O convite para a Cinevox terá sido formulado por Gomes Mota.

Jardim no meio do mar plantado

Geralmente descrita como «uma ideia que faz o seu caminho», a eventual candidatura de Alberto João Jardim a Belém parece incomodar a maioria dos «civilistas» do PSD: em plena crise governativa, Rui Machete dizia, por exemplo, que era preciso determinar se por detrás da vivacidade do eventual candidato haveria também seriedade e credibilidade. Há dias, Jardim anunciou que sairia do bloco central se o Governo não desbloqueasse as verbas necessárias para impedir o «estrangulamento financeiro» da Madeira. Gerou-se, por isso, natural **suspense** em torno de tais verbas, que quase atingem os quatro milhões de contos. Que vai fazer o Governo? O «estrangulamento financeiro» da Madeira poderia, assim, produzir um candidato civil e antibloco central...

Natal ao preço antigo

O automobilista português ainda pode levar para casa as prendas de Natal ao preço antigo da gasolina, porque o despacho que faz subir o litro do precioso líquido para 110 escudos só deverá entrar em vigor a 1 de Janeiro. Segundo as actuais previsões do Governo, porém, no final de 1985 o litro da «super» deverá custar 132 escudos. E esta, hem?

S O C I

A Histór uma ciên canibal

Para Emmanuel Le Roy Ladu France, **«fazer a história do passado** ças às ciências humanas é possív homem: a economia, a etnografia, contribuiram para o progresso da hi como o filósofo ou o poeta, também irracional dos homens que estuda.

Entrevista conduzida por

GUITTA PESSIS-PASTERNAK

Emmanuel Le Roy Ladurie interessou-se durante longo tempo pelo mundo camponês: escolheu os grandes conjuntos — uma região, o Languedoc — e os longos períodos — vários séculos. Ele utiliza os dados estatísticos e até o computador. Mas, a fim de apreeender a articulação das estruturas mentais e materiais específicas **de Montaillou, vila occitana,** faz-se «pontilista», retratista, comporta-se como um etnógrafo que observa meticulosamente todas as facetas da vila, indo até ao **«tremor da vida».**

— A história renovou consideravelmente os seus métodos e alargou os seus objectos de investigação, mas, na sua busca de uma história total, não se arriscará a englobar outras ciências humanas?

— Claro que sim, mas o inconveniente não é grande. A história, tal como é praticada nos nossos dias, utiliza efetivamente as outras ciências humanas, a começar pela economia, a geografia, a etnografia ou a linguística. Não há pois nenhuma desvantagem nessa vocação «canibal» por parte de Clio. As obras históricas actuais também valem pelas outras lições que assimilaram.

— Que diria do perceito de Le Bon, segundo o qual *«o racional cria a ciência mas o irracional conduz a história»?*

— Essa velha ideia já se encontrava nos autores antigos: eles distinguiam entre o **«sublunar»,** isto é, o mundo humano que era presa do irracional, e o mundo cósmico ou astronómico regido por leis mais harmoniosas. Claro que a história é por vezes louca. Que racionalidade se pode encontrar, por exemplo, no futuro da Alemanha, essa grande nação que, principalmente pelo seu furor, perdeu desde 1914, uma vasta porção do seu território? Neste caso, o historiador esforça-se simplesmente por analisar racionalmente o irracional.

— Como conceber uma «história universal» se, como diz Merleau-Pont *«cada cultura exprime o que devemos esperar ver?»*

— Eu continuo universalista, mesmo que seja verdade que cada cultura tem a sua própria maneira de contar as suas próprias maneiras de contar as suas origens: os Africanos narram a sua geneologia por vezes fabulosa; a história bíblica diz respeito a um povo de padres em volta de um Deus extremamente cioso, e deixou manfestamente indiferentes as grandes civilizações vizinhas: Egipto ou Mesopotâmia. Em todo o caso parece-me que desde Heródoto e Tucídides, a história tem vocação universal. Logo que os historiadores se tornam científicos, produzem um texto que, de certo modo, tem um alcance geral. Os historiadores japoneses escrevem livros ou artigos que, no plano metodológico estão muito próximos dos nossos. As suas obras baseiam-se em factos, datas e tendências. Elas marcam também uma certa distância por parte do historiador perante o seu objectivo. Dito isto continua a ser verdade que a história mantém uma função nacional pedagógica e isso vê-se bem nas actuais discussões sobre a nossa disciplina. Devemos pois encontrar uma espécie de compromisso entre ciência e legibilidade.

— Mas visto que cada cultura e até cada língua veicula a sua própria visão do mundo, como podem elas convergir numa história universal?

— Creio que Bousuet é o último grande historiador, de acordo com o que, segundo você, dizia Merlau Ponty. Este prelado concebia um passado dirigido pela Providência, e, para mais, de acordo com ateologia católica. Mas, depois disso, renunciou-se um pouco a este esquema. É certo que na União Soviética está-se ligado a uma história se não providencialista, pelo menos orientada. Por exemplo quando a maior parte das pessoas dizem: «Os soviéticos invadiram o Afeganistão», estes declaram: **«O povo afegão combate heroicamente uma certa intrusão americana imperialista.»** Trata-se pois de uma história dirigida, especificando um acontecimento em função de ideologias a falar verdade discutíveis. Talvez tenhamos de admitir que a nossa história universal actual, tal como é praticada pelos historiadores de todos os países «livres» e por alguns outros, também é uma «forma cultural», mas esta é reconhecida como tal por todos os investigadores sérios. Registam-se, claro, colorações nacionais da história, mas há um certo consenso. Vê-se bem quando dos congressos internacionais de historiadores.

— Se cada época fabrica a sua própria representação do passado: a sua Roma, o seu Renascimento ou a sua Revolução, a história inscreve-se sempre no presente?

— Raymond Aron, numa tese — durante a sua fase «germanizante» de antes da guerra, — tinha encarado ideias deste género: a história era senão subjectiva, pelo menos orientada pelas preocupações e sobretudo pelas questões do presente. Mas o pensamento de Raymond Aron, por mais estimulante que tenha sido nos anos 30, não marcou profundamente a historiografia em França. Esta foi antes influenciada pelas escolas dos **Annales** que procurava, sem preconceitos, esclarecer antes de mais o aspecto económico, social ou mental da história. Os **Annales,** em vez de fazer a história de Um, escrevia a história de **Todos...** É certo que o passado se conjuga com o presente. Chega-se, em todo o caso a um consenso universal entre historiadores, sobre as questões que são em dado momento importantes, embora nem sempre sobre as suas respostas. Num plano anedótico é impressionante que se tenha escrito simultaneamente tanto a história da Morte como a da Festa ou do Pecado... O essencial é que os critérios tomados para a elaboração dos nossos textos sejam científicos, ou, pelo menos, consensuais. Por exemplo, no que diz respeito à Revolução francesa, as motivações ideológicas, eventualmente políticas, são consideráveis: um grupo de historiadores foi atraído pelo comunismo, embora outro o tenha sido muito menos. Mas o essencial é que os investigadores encontrem o documento, se façam fielmente seu eco e não deixem os seus preconceitos ou as suas pressuposições à frente da honestidade perante os textos e os factos.

obra de historiadores como François Furet em França, ou como Alfred Cobban em Inglaterra, afasta essa ideologia para descobrir por trás dela entidades mais concretas, Furet assinala a importância das sociedades de pensamento e da guerra exterior, como justificação para o terror interno. Alfred Cobban sublinha o prenhe problema da terra, que é mais essencial para os anos 1789-1799, que o do capitalismo.

— Segundo Jacques Le Goff, que também pertence à escola dos «Annales», o «passado» continua a viver também na medida em que as significações se renovam com o tempo.

— Não se deve, no entanto, negar uma certa objectividade da história. A situação do historiador da antiguidade é bastante diferente da dos historiadores da Idade Média ou da época recente: o «antiquista» dispõe de um corpus limitado de textos, completamente fechado; quando muito encontra-se às vezes um novo papiro no deserto egípcio; há também buscas arqueológicas, mas isso é quase tudo... É pois necessário impor incessantemente novas leituras dos textos antigos. Estes textos dispõem-se então segundo outras redes, e extrai-se deles sínteses rejuvenescidas, muitas vezes interessantes e importantes mas os textos são sempre os mesmos. Pelo contrário, o historiador de arquivo, o historiador da Idade Média, ou, mais ainda, do século dezassete ou da época actual, é sempre colocado perante novos documentos que lhe dão uma visão constantemente refrescante do passado. A sua posição é privilegiada em relação à do historiador da anti-

— Justamente François Furet sublinha em «Pensez la Revolution Française», as diferenças que separam as versões ideológicas das outras. Não haveria então «factos objectivos»?

— A história que Albert Soboul escreveu sobre a Revolução Francesa era bem documentada: ele conhecia detalhadamente o passado dos «sans-culottes», esses revolucionários surtos das classes médias e «médias inferiores». Em todo o caso, tratava-se de uma história comemorativa, concebida em função de um certo esquema ideológico. Este «centrava» a revolução no enfraquecimento do feudalismo e na sua substituição por um regime que dominaria a burguesia e, em breve, o capitalismo. Enquanto que a

E D A D E

ria é ncia...

durie, professor no Collège de
lo é aprender o presente». Gra-
ível uma nova percepção do
a, a linguística ou a sociologia
história. Mas o historiador, tal
m deve atingir o imaginário e o

guidade, que está na situação de uma mulher corajosa que sacudiria eternamente a mesma salada no mesmo escoador, sem poder lá meter novas alfaces ou chicórias, mas isso não impede que o prato assim preparado seja suculento.

— Também podia dizer-se que a situação do «modernista» é mais perigosa; um novo documento poderia contradizer a sua velha teoria ao passo que o historiador da antiguidade não corre o mesmo risco: todo o seu material já é, de certo modo, «conhecido»...

— É a história do abade Vertot. Ele terminava a sua redacção do cerco de Rodes, quando lhe trouxeram novos documentos sobre esse acontecimento. Teve então a sua célebre resposta: «O meu cerco está feito. O meu livro está acabado!» De um certo modo, pondo de parte a arqueologia, o cerco do «antiquista» está sempre feito, o do modernista, sempre por fazer.

— O historiador critica principalmente as imagens de auto-representação que a época «observada» produziu, e para as quais foram muitas vezes utilizadas as marcas oficiais deixadas pelos estratos dominantes, mas a óptica de progresso da nossa época «observadora» não seria também «deformante»?

— Você parece pensar que as «imagens» são deixadas pelas classes dominantes. Inspira-se para tal numa certa visão «marxiana» da história, segundo a qual cada época tem as suas classes dominantes que criam a ideologia. Num sentido é decerto verdadeiro. Mas tenhamos também uma visão **naïve**: muitas vezes os actores da época podem ter uma percepção mais fresca da realidade, o que não é hoje o caso.

O que é hoje um burocrata? É um homem que está ligado ao mundo por um telefone, por um carro e por contactos muitas vezes tecnocráticos. O que era um administrador no século XVIII? Um indivíduo que se desloca a cavalo e se hospeda nas estalagens. Aí cria relações por vezes muito vivas com os homens, as coisas, o meio ambiente. Daí a impressão de realidades, de frescura, que emana dos documentos antigos, redigidos por um padre, por um notário...

Também refere a óptica do «progresso» da nossa época. Não a nego, admito que ela é mais agradável de viver hoje do que num período em que se estava submetido às epidemias e por vezes à fome. Mas o nosso século também viveu genocídios e estamos eventualmente ameaçados por uma guerra de destruição total. O progresso existe mas ele é desigual, reversível e perigoso.

— Eu poria justamente em causa a óptica de progresso que a nossa época projecta sobre o passado...

— A tentação do historiador consistiria por vezes em embelezar o passado. É preciso resistir a isso porque o passado não era tão cor-de-rosa como isso. Sobretudo quando o analisamos sob o ponto de vista demográfico: para duas crianças que sobrevivessem, era necessário dar a vida a quatro ou cinco.

— No entanto verifica-se actualmente um certo entusiasmo pela história, como se o passado fosse «nostalgicamente sedutor», a «beleza do morto».

— Nostalgicamente sedutor, não! Vejamos a vida de uma mulher casada, noutros tempos: o casamento foi para ela uma promoção social mas depois essa esposa tinha um filho todos os anos, com possibilidade de morte de grande parte da sua descendência, e dela própria, precocemente. Não idealizemos o século dezoito. Reconheçamos, no entanto, que os lagos eram puros, as paisagens respeitadas, as ameaças de peste exorcizadas, o perigo de guerra atómica, por definição, inexistente!

— Mesmo que não haja vertigem, o historiador não se arrisca a projectar teorias — marxista ou freudiana — sobre uma sociedade diferente? Como evitar o anacronismo de interpretação?

— Não ouso propor, — oh sacrilégio — não se ser marxista nem freudiano, e, no entanto, essa seria talvez uma solução. O marxismo, façamos nós o que fizermos, está na pele de todos nós. Marx teve ideias admiráveis. Muitas vezes foi buscá-las a outros e reconhece-o honestamente. Assim, as suas concepções relativas à luta das classes vinham-lhe de Guizot e de Thierry. E depois acrescentou-lhes uma teoria mais discutível que previa a construção de uma sociedade sem classes. No entanto, guardemos de Marx a ideia-trivial — de que de futuro nos podemos aproximar da história sem ser através da alcova ou do palácio de um príncipe. Guardemos igualmente o conceito de uma aproximação através das classes sociais e não dos indivíduos. E depois, quanto ao resto, deixemos tombar essa teoria fora de moda, quase diria, desonrada, de tudo o que se passa desde 1930 em vários países. No que diz respeito à psicanálise, interessei-me por isso há mais de um quarto de século. Mas o lacanismo, com os seus **calembours** estimulantes, deixou-me à beira do caminho. Confesso-me culpado.

— Michel Serres adverte que «todos os recortes, sistemas e hierarquias são escolhas do arbítrio do historiador-deus»...

— Louis Dumont mostrou justamente no **Homo Hierarchicus** que o sistema hierárquico, tal como se incarna quase perfeitamente na Índia, não é de modo algum uma escolha de poder nem o fruto da «arbitrariedade do historiador-deus», mas, pelo contrário, a coluna vertebral da maioria das sociedades antigas. Sociedade de castas na Índia, sociedade de categorias sociais entre nós. Não direi que é um facto «objectivo», porque repousa sempre nas representações subjectivas dos homens mas, enfim, não se trata neste ponto de uma escolha de poder. É mesmo o contrário; o poder emana, na verdade, da sociedade hierárquica. Na Índia o Estado não é criador da hierarquia, teria antes tendência para a exprimir.

— No entanto o historiador parece servir-se da matéria histórica segundo os seus gostos...

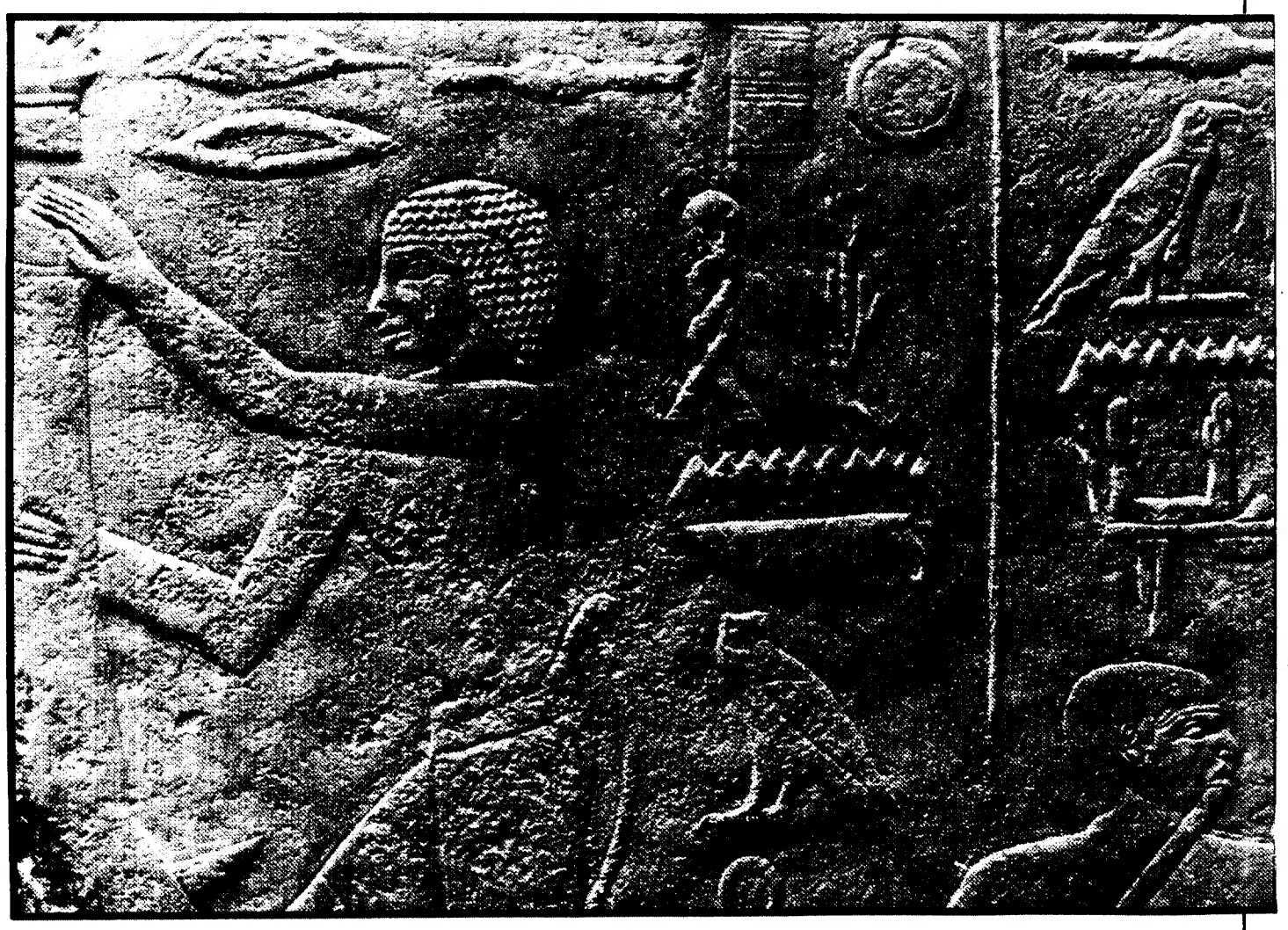
— Claro que trazemos connosco as nossas ideias, os nossos sistemas, os nossos métodos. Talvez sejamos, ou nos tornemos marxistas malthusianos, weberianos... E depois temos, de repente, a espessura do documento: ele não nos oferece todas as escolhas possíveis, ou recusa-as mesmo, e daí a nossa subjectividade fica enterrada. Finalmente, a sensibilidade (não direi a escolha ideológica) do historiador, é fundamental. É por isso que se trabalha dificilmente com os assistentes de investigação. Porque o que conta em alguns casos é a nossa reacção pessoal em face de um documento. Não se trata do simples documento, nem de mim próprio, mas de mim e dele. Forma-se um par para o melhor e para o pior.

— No entanto, por vezes, «os maus acontecimentos destroem as belas teorias»...

— Thomas Kuhn evocava os paradigmas: os de Ptolomeu, de Newton, de Einstein: no que lhes diz respeito alguns factos desagradáveis que recusam uma vasta teoria, acabam por ser tomados a sério — uma vez que os defensores da antiga teoria morreram. A partir daí surge uma nova teoria. Em história não temos nada de tão rigoroso, mas paradigmas ou, pelo menos, vastas hipóteses se sucedem. O sucesso do marxismo provinha do facto de ele permitir pôr em ordem um grande número de dados; também aí muitos «maus acontecimentos» fizeram explodir certas porções do modelo.

— A evolução da investigação histórica, que vai lentamente da explicação económica para a leitura culturalista, coincide com a crise do marxismo?

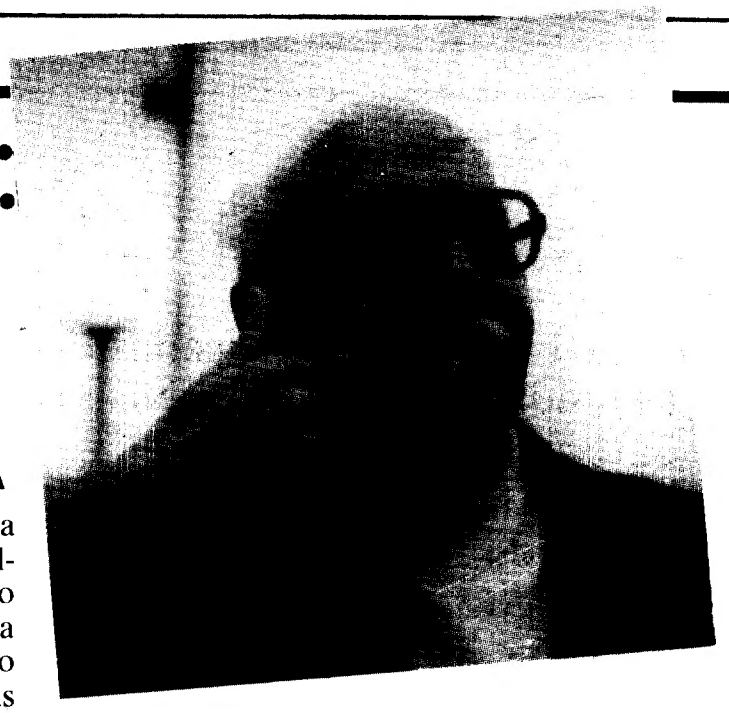
— A crise do marxismo é permanente. Ela acentuou-se, depois dos anos 50 com a nova discussão dos regimes que se diziam marxistas. Isto não impediu os triunfos da história económica. Há uma história implicitamente materialista de que Fernand Braudel com o seu imenso talento continua o grande representante. Não penso de resto, que seja necessário enterrar a histórica económica como descrição da evolução dos grandes ciclos: na condição de lhes integrar bem a demografia e as contribuições sociais. Para mais, podemos apoiar-nos neste caso em dados susceptíveis de ser quantificados e que não são portanto submetidos ao impressionismo da leitura culturalista. O preço do trigo não se inventa! A crise do marxismo obrigou os historiadores a redescobrir a importância da cultura, das ideias, ou da religião, como factores de desenvolvimento actual. Lições do presente uma vez mais! O renascimento de um catolicismo tradicional na Polónia, ou de um islão fundamentalista, por vezes cruel, no Irão, põe-nos questões sobre o passado: elas ultrapassam o quadro da economia.»



Geografia, etnografia, economia, linguística: eis os alimentos de Emmanuel Leroy Ladurie

Alves Costa: do cinema e da vida

MARIA EMÍLIA CORREIA



Tenho 74 anos, nasci de um parto fácil na Boavista, no Porto, nunca calcei pantufas e julgo que estive sempre um bocadinho à frente do meu tempo. O que é preciso é preservar uma idade mental por volta dos 18, 20 anos. Supero a solidão com a imaginação. Escrevo nos jornais e essa coisa toda. Gosto muito do mar. É o que de si diz Alves Costa, um dos mais antigos dinamizadores da cultura cinematográfica em Portugal.

— Sim, o mar é o único remédio para estar mais ou menos fresco nesta idade. E ficando ali deitado nas praias do Leça ou do Molêdo espero sempre que me apareça uma sereia. Não te rias porque é um sonho antigo.

— E que farias tu com a sereia?

— Pssst, pssst, pssst, venha para aqui pró pé de mim. Depois tudo dependeria dela.

— De que é que gostas mais?

— De cinema, de teatro, de ler, de não fazer nada. Interesso-me por tudo porque se se fica só dentro duma coizinha limitamos os conhecimentos. Foi Polansky que disse que «quando a gente deixa de querer aprender qualquer coisa mais é quando começamos a envelhecer». Eu creio que cada vez tenho mais necessidade de aprender qualquer coisa, por exemplo, como resistir aos anos que tenho, como conhecer melhor as pessoas, como combater a tendência para não acreditar em certo número de coisas em que acreditava há vinte anos atrás.

— O que é o cinema?

— O cinema é ilusão. Muita gente diz que é a reprodução da realidade mas o que é a realidade? O cinema para mim é uma recriação da vida porque há um filtro dessa realidade que é o realizador que subjectiva tudo.

— Donde o teu entusiasmo por esta arte?

— Comecei a ver cinema com 6 ou 7 anos. Ia todas as semanas com os meus pais. Não havia ainda as classificações etárias. Via tudo e não me fez mal nenhum. Era o tempo do mudo e era muito emocionante. Havia séries: esta semana projectava-se parte da história; oito dias depois o episódio a seguir, resumindo-se o anterior. Isto chegava a durar dois meses. A ingénua, por exemplo, era amarrada à serra de cortar pinheiros e quando ela estava quase a chegar-lhe aos cabelinhos acabava-se a sessão. Ficava tudo suspenso. Na semana seguinte entrava em cena o herói a tempo de lhe cortar a corrente e ela escapava assim àquela morte. Ou então o herói dava um pinote para saltar um barranco e caía no fundo e todos pensávamos que ele se ia afogar. Na semana seguinte não afogava nada por que o herói nestas fitas nunca morre. Era fantástica a nossa cumplicidade.

— Donde provém a tua imaginação?

— Isto comigo tem uma razão de ser. Eu era um bocadinho como a criança do filme de André Lindon, **O menino invisível,** concentrado, imaginativo e substituía a falta de companhia por brincadeiras com tudo: anões, fadas, bichos esquisitos e até outros meninos que não estavam lá e isso deu-me uma grande riqueza inventiva. Aliás, comecei a ler muito cedo. O meu pai tinha uma enorme biblioteca que estava aberta. Eu tirava à sorte o que queria ler. Ninguém me proibia nada. E depois veio o cinema que naquela altura era uma coisa espantosa. Quando fiz 15 ou 16 anos apercebi-me de que o cinema era qualquer coisa mais do que um divertimento. Nessa altura era uma arte que nascia e todos os dias se transformava e enriquecia e se tornava uma forma de comunicação diferente. Era talvez mais fascinante o que se passava entre o espectador e o écran, o que não quer dizer que o cinema não tivesse necessidade de se tornar sonoro e falado. Realmente o som e a palavra faziam-lhe falta. Simplesmente, e quanto a mim, hoje os filmes fazem parte duma nova arte cinematográfica. O sonoro e o mudo são meios de expressão totalmente diferentes.

Mas nessa altura, como dizia o meu desejo de evasão era completado pelos filmes. Eles abriam-me as portas do mundo: tanto podia estar na corte de Luís XV, como na China, como na floresta africana, num bairro pobre de Marselha ou de Lisboa. De Lisboa não, porque não havia ainda cinema português. O horizonte era a vida que é uma coisa maravilhosa.

— Conte-me então uma história igual à vida.

— Não há, não acontecem coisas maravilhosas. Melhor, as coisas só são maravilhosas enquanto as desejamos. Só as entendemos assim antes de nos depararmos com elas. Se temos essa sorte passa-se a uma situação real e então aspiramos a outra situação maravilhosa.

A mediatização de Deus

RUI EDUARDO PAES

Continua-se a falar, e sempre com a mesma acesa polémica, da questão do canal independente de televisão para a Igreja Católica. Entretanto, toda a programação de temática religiosa é enquadrada no autêntico gueto dos domingos de manhã, impedindo à dimensão espiritual que se manifeste em nível de igualdade com as restantes dimensões humanas que a programação da RTP contempla: a recreativa, a cultural, a lúdica, a artística. Será que a recusa da constituição de uma Renascença televisiva, que o autor deste trabalho não vem aqui contestar, implica necessariamente marginalizar a consciência religiosa da larga maioria do nosso povo, levando mesmo à quase clandestinidade de um programa que como o «Setenta Vezes Sete» é feito a pensar no grande público e mantido com uma qualidade que não é hábito ver em produções portuguesas? Continua-se sem se reconhecer, anos depois, que este programa é um espaço original e criativo, merecendo mais ampla divulgação. Até pela audaz equação que faz entre a Palavra de Deus e a técnica massmediática.

Foto de Francisco Paraíso

NUM tempo de indiferença e desnorteamento, marcado pela «falta de tempo», a neurose e a «desesperança», eis que reaparece o perdido sentido humano de transcendentalidade: os homens «estão de novo inquietos com o problema de Deus», salienta-nos o padre António Rego em conversa que tivemos na casa que partilha com outros padres ali à Lapa, bem junto à «Capelinha» dos Navegantes, como lhe chama com carinho, e a dois passos da bonita Basílica da Estrela. A propósito do programa que dirige na televisão, exemplo único entre nós, sem igual ou antecedente no género, e que é passado todas as manhãs de domingo sob a designação de «Setenta Vezes Sete», quisémos dele saber o que é veicular a mensagem cristã por um «media» com tais poderes e características.

«Está a nascer um novo homem, com sede de Infinito», diz-nos António Rego, baixando o volume da sinfonia que escutava quando o fomos interromper. «Num mundo de bloqueamentos, de soluções que se desenham no horizonte mas que quando chegamos a elas mostram não ter solução para nada, tem sentido falar da vida, no concreto, falando de Deus, como faz o 'Setenta Vezes Sete'».

«Procurar no interior dos homens as verdadeiras soluções», neles despertar «o que já antes existia» em estado latente, devolvendo-lhes «temperamento e memória», é a tarefa a que se propõe este homem que vive as coisas com grande agitação e com o impulso da sua crença, fazendo desta rubrica televisiva não um espaço de doutrinação mas sim «de vida, de debate», expressão do que caracteristicamente chama de «como sonha e o que faz» a comunidade cristã, pondo questões em aberto e, inclusive, questionando a própria Igreja, «o que nas primeiras emissões assustava muito as pessoas», acrescenta.

O espírito que o preside, comessa-nos, é o do concílio Vaticano II, de que aliás no nosso país o seu programa é uma voz quase solitária, espírito esse que o faz encadear uma temática plural, cobrindo as várias formas e manifestações com que se assume a Fé e que fazem com que a Igreja não seja um corpo uniforme: «é que», afirma-nos, «Deus não se esgota e muitos são os modos de dizer o seu nome», diversificadas as vivências cristãs.

É esta atitude que impede à partida a nocividade inerente à força imagética da TV: o nivelamento ideológico. O padre António Rego conhece profundamente a mecânica dos meios de comunicação, sabe das suas potencialidades e dos seus riscos e não hesita em considerar os «mass media» como o grande veículo de «formação cultural» da nossa modernidade. Mas como pode coadunar-se o Evangelho com a Comunicação Social?, estranham alguns. António Rego acha que nada os separa, até porque, como afirma em desafio, «tanto o Evangelho como a Televisão dizem muito ao Imaginário».

É evidente que falar de Deus na televisão implica uma «autonomia de linguagem», uma expressão apropriada, que seja tenicamente mediatizável sem no entanto desvirtuar o sentido religioso: uma fala intimista como a da devoção tem que poder chegar, em simultâneo, a desiguais apreensões. Ora, tal necessidade ocasiona um esquema de equilíbrio que é difícil de manter: por um lado o padre António Rego está consciente de que veicular pelo pequeno ecrã uma imagem amorfa de Deus e da Igreja não galvaniza as pessoas, mas que por outro apresentar um Deus-espectáculo, uma Igreja-empresa de variedades, como é comum fazer-se nos Estados Unidos, deformaria o cristianismo em ideologia.

Assim, como tem o cuidado de frisar, as bonitas imagens naturais ou de criações artísticas que são hábito no programa não visam «vestir» a mensagem transmitida fazendo-a passar por algo de diverso mas sim «falar à emoção», já que a religião lhe «diz mais que à racionalidade». As novas tendências são, na verdade, de ultrapassagem de positivismos reflectivos e de interpretações racionalistas das coisas: o actual tempo de maior espiritualidade e de mais evidente dimensão mística manifesta-se igualmente pela emancipação da afectividade.

Mas o que não passa por uma distanciação crítica das pessoas, envolve sérios perigos. O padre António Rego enumera-os: a «massificação e uniformização, contrárias à fé cristã por esta ser de livre assunção; a «fragmentação da mensagem», destituindo-a do sentido mais íntimo; a «despersonalização», desumanizando no conteúdo a devoção. Estes riscos possíveis só poderão ser contrariados, conclui, «pela forma como se coloca» a mensagem, no caso a Palavra de Deus, aspecto que cuida muito particularmente.

O «Setenta Vezes Sete» é um programa da responsabilidade da Comissão Episcopal das Ciências Sociais tendo sido já premiado internacionalmente, e com ele o empenho deste padre português atento ao nosso tempo e pioneiro de uma forma de ser e expressar a Igreja aqui em Portugal. Os outros padres, confessa no fim do nosso encontro, já apressado por outros dos seus muitos afazeres, «estavam desconfiados de mim quando comecei a falar de Deus na Comunicação Social» (nota: para além do «Setenta Vezes Sete», António Rego tem protagonizado um programa radiofónico, «Toda a Gente é Pessoa», e uma coluna dominical no «Diário de Notícias»).

M U D A N Ç A

Literaturas africanas de língua portuguesa

O Colóquio Internacional sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: à Procura da Identidade Individual e Nacional decorreu em Paris de 28 de Setembro a 1 deste mês, organizado pelo Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, com a coordenação científica dos prof.[es] Jean-Michel Massa, da Universidade de Haute-Bretagne (Rennes) e Manuel Ferreira, da Faculdade de Letras de Lisboa. Mais de 60 comunicações foram discutidas.

COLÓQUIO EM PARIS

O ORGANIZADO com certo tempo, o colóquio permitiu que um leque muito variado de experimentados estudiosos, além de outros interessados na matéria, sintetizasse diversificadas e panorâmicas pesquisas e publicitasse os últimos resultados específicos e parcelares. Algumas comunicações, porém, estiveram longe de corresponder ao quesito de rigor e novidade que, à primeira vista, seria de esperar, mas isto é uma pecha geral de todos os encontros (e desencontros) deste tipo. O objectivo de desencadear um processo de reflexão sobre as identidades individual e nacional patentes (ou decorrentes ou inerentes) nas literaturas africanas de Língua Portuguesa, parece enquadrar-se na actual «corrida à cooperação com a África». Porque resolve a comunidade científica, cultural, intelectual, universitária europeia efectuar tal colóquio e não a africana? Sabemos que os países africanos, lutando com enormes dificuldades e carências em todos os sectores, não possuem uma verdadeira teoria e crítica das suas próprias literaturas. Se a falta de intelectuais ou quadros para a fundação e o desenvolvimento da própria organização e luta política se fez sentir com enorme acuidade, obrigando a que os políticos e militares fossem também escritores (ou vice-versa, aliás mais vice-versa do que o contrário), não seria decerto nos estudos literários que a oferta suplantaria a procura. Parecem, portanto, inviáveis, para já, estudos literários por africanos sobre africanos com a qualidade e a quantidade necessárias. Daí que a Gulbenkian tenha metido ombros à tarefa deste colóquio, em Paris, retirando-lhe o cunho paternalístico de uma organização feita em Portugal por instâncias (para)oficiais, como poderia ser interpretada a responsabilidade de uma Universidade que enfrentasse o encargo. Estaremos a interpretar demasiado longe? Mas vejamos o que diz sobre isto a organização: «Não é por acaso que Paris e a Fundação Gulbenkian foram escolhidas. Em Paris, uma das capitais internacionais, o assunto dos debates internacionaliza-se duplamente pelo lugar, pelo cruzar da reflexão, pela diversidade de proveniências e pela riqueza dos participantes, uma vez que mais de vinte nações estão presentes ou representadas» — palavras do prof. Massa na sessão de apresentação.

Curiosamente, recorrendo à estatística, verifica-se que o país a enviar mais autores de comunicações foi Portugal (com 16), seguindo-se-lhe a França (com 11) e o Brasil (com 8). Mas verificamos também que, das onze comunicações francesas, quatro eram de portugueses residentes. Ora isto poderia fornecer a ideia errada de que Portugal, neste âmbito restrito da teoria e análise literárias das literaturas africanas de Língua Portuguesa, leva grande vantagem em relação aos outros países, como seria natural. Mas não. Dos comunicantes idos de Portugal, apenas meia dúzia (ou pouco mais) trabalha com regularidade nas literaturas africanas. Dos outros, uns são estrangeiros (africanos ou de outras latitudes) e os restantes (como é o caso de Urbano Tavares Rodrigues, José Manuel Mendes ou ainda José Carlos Seabra Pereira) só muito episodicamente é que abordam a literatura africana. Outros ainda, como Eduardo de Sousa Ferreira ou José Estêvão, se bem que não-especialistas da literatura, apresentaram comunicações com importância para o achamento das conceptualizações que o colóquio propunha.

Dos Estados Unidos compareceram alguns professores, três da Inglaterra (dois portugueses), dois da Bélgica (um cabo-verdiano) e de Cabo Verde e um das Roménia, Suíça, Senegal, Angola, Tanzânia, Nigéria, Moçambique e outros países. Os cabo-verdianos (com presenças de diversas proveniências), confirmaram o empenho com que se devotam à produção e intervenção cultural, concedendo credibilidade ao desenvolvimento dos meios pequenos.

De notar que estiveram presentes teóricos e divulgadores das literaturas africanas de Língua Portuguesa com a envergadura (pelo saber, publicações e prestígio) de Alfredo Margarido, Gerald Moser, Russel Hamilton, Maria Aparecida Santíli, Alexandre Pinheiro Torres, Michel Laban e Fernando J.B. Martinho. De outros, Jean-Michel Massa dirigiu o colóquio e Manuel Ferreira, que se encontra(va) doente, ficou retido em Lisboa. Também importantes, embora com contributos menos globalizantes ou singulares (ainda que denotando uma notável actividade), são de destacar alguns que melhor têm contribuído para a reflexão ou divulgação das literaturas dos Cinco (para utilizar a expressão — felicíssima — do colóquio): Alberto de Carvalho, Ana Mafalda Leite, Benjamim Pinto Bull. Participando também, o único doutorado português na matéria, Salvato Trigo. Ainda as presenças interessadas e motivadoras de David Brookshaw (que tem um livro sobre raça e cor na literatura brasileira, editado, em 1983, em Porto Alegre), Albert Gérard (um belga virado, há muito, para as literaturas africanas em geral), Pierre Rivas (com uma comunicação plena de lógica e rigor; dele, veja-se o recentíssimo número da revista Europe dedicado a Portugal, à venda no nosso país, mas pouco divulgado); Benjamim Abdala Júnior (com um trabalho meritório no ensino, edição e divulgação da literatura africana em São Paulo); enfim, as presenças activas dos africanos Luís Kandjimbo, Teixeira de Sousa, entre outros. Finalmente, refiram-se a presidente da Assembleia de São Tomé e Príncipe, Alda Espírito Santo, o embaixador de Angola junto da UNESCO, Domingos Van-Dunen, e o intelectual e político angolano, Mário Pinto de Andrade. Do lado português, o embaixador itinerante para os países africanos de Língua Portuguesa, José Fernandes Fafe, o responsável da Gulbenkian para as relações com a África, Vítor Sá Machado e, muito naturalmente, o director do Centro Cultural Português de Paris, José-Augusto França.

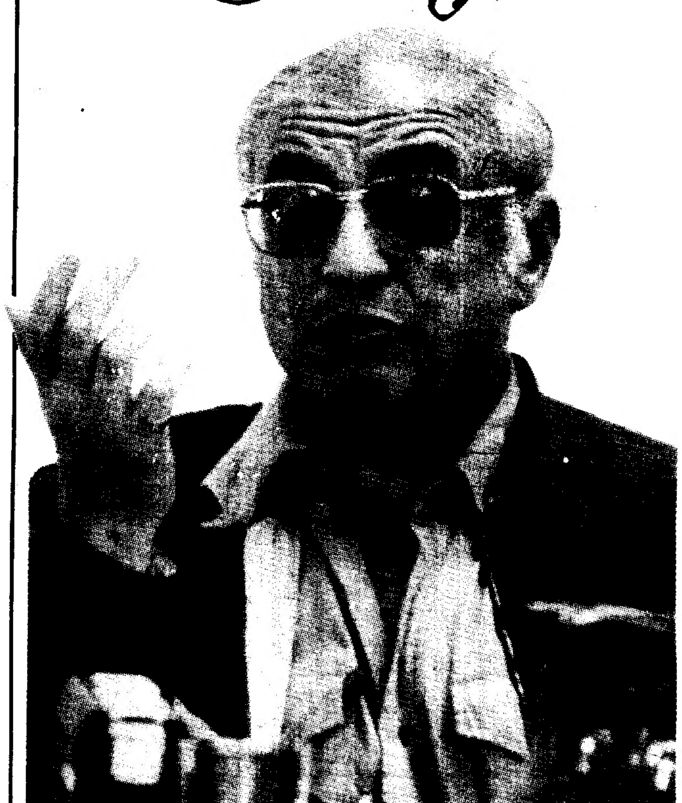
Nos bastidores, notou-se uma movimentação muito sadia e premonitória por parte dos que, a título provisório, poderemos designar por «jovens intelectuais africanos à procura de caminho e das armas da crítica». Daí que a tónica das críticas recaísse sobre a falta de reflexão a propósito dos novos grupos ou movimentos literários (alguns escorados em revistas, como Ponto & Vírgula, em Cabo Verde, ou Charrua, em Moçambique, ou ainda a Brigada Jovem de Literatura, em Angola). Certo é que, nestas coisas de relações culturais entre a África e a Europa, muito há a fazer, porque muito tem falhado: livros e revistas que não chegam aos dois lados, por vezes com um desconhecimento absoluto, prejudicando o trabalho verdadeiramente comum. Só por isso, estes colóquios estariam justificados. Mas o certo é que outros factores se impõem, para além dos conhecimentos pessoais, oscilando entre as rivalidades e a solidariedade: trocam-se informações, materiais, reflexões, traçam-se pistas de actuação e de cumplicidade, conjugam-se esforços e delineiam-se planos, desenvolve-se uma espécie de «diplomacia cultural», enfim, o colóquio, na verdadeira acepção, coloquializa-se.

Nem todos receberam pacificamente o facto de se fazer um colóquio, em Paris, para procurar a identidade individual e nacional na e pela obra dos escritores africanos. Discutiu-se mesmo se a identidade se procura ou se, mais simplesmente, ou mais complexamente, ela é. Mas, no total, retirando alguma falta de participação (houve quem nem sequer interviesse) ou certa participação excessiva (houve quem interviesse só para aparecer, incluindo-se nas actas, e, muitas vezes, para chover no molhado ou para explicar o já sabido por todos), ou ainda a falta de discussões mais pormenorizadas, o balanço é positivo, as viagens valeram a pena (mais para uns do que outros), novos colóquios antevêem-se necessários, sem preconceitos de africanos e não africanos. Se alguns se sentiram analisados, à maneira europocêntrica, como «bichos de curiosidade», não se deve esquecer que muitos analisadores os procuram analisar para também melhor se autoanalisarem, ou não é o conhecimento do mesmo o conhecimento do outro?

Pires Laranjeira (*)

(*) – Representando, no colóquio, a Faculdade de Letras de Coimbra.

Clip



■ Já que o ano é o de Orwell, e que o futuro já começou, Edgar Morin, Robert Jungk e Hugues de Jouvenel vão estar entre nós esta semana para nos falarem, precisamente, de: «passado, presente e futuro», «genética e sociedade», «a era da informação», e «prospecção do futuro». Amanhã às 21 e 30, no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, Edgar Morin abordará o primeiro destes temas; estarão igualmente presentes Eduardo Lourenço, António Barreto e Roberto Carneiro, que animarão um debate depois da conferência. Quarta-feira, à mesma hora e no mesmo local, Morin, em conjunto com José do Nascimento e Miguel Esteves Cardoso, falará sobre «genética e sociedade». Quanto à «era da informação», ela é o tema do colóquio de quinta-feira, a cargo de Ronald Frankum, José Tribolet, Carlos Pimenta e Rui Vilar. Robert Jungk e Hugues de Jouvenel farão, finalmente, a «prospecção do futuro» na sexta-feira. Ainda na quinta-feira, Jungk passa no Instituto Alemão para, às 18 e 30, abordar o tema «inventar o futuro». No sábado, às 15 e 30, tem lugar, no Centro de Arte Moderna, uma síntese de debates.

■ O futuro é também tema nos filmes em exibição na Gulbenkian e na Cinemateca, no quadro do Ciclo de Ficção Científica. Hoje, às 18 e 30, inicia-se na Gulbenkian a série «O Apocalipse e os dias seguintes», com **Five,** de Arch Oboler: mais uma vez o holocausto nuclear, ao qual só sobrevivem cinco pessoas. À noite, na mesma sala, é a vez de «On the beach» — em português «A hora final» — de Stanley Kramer. Amanhã, às 21 e 30, na Cinemateca, passa o «Paris Qui Dort» de René Clair e «Things to Come», de William Cameron Menzies. A título de curiosidade, diga-se que «Paris Qui Dort» é o primeiro filme de René Clair. Claro que, num ciclo como este, a lendária Atlântida não poderia deixar de figurar. Ela aí vem, na quarta-feira, sessão da noite na Cinemateca, com dois filmes que têm como título «L'Atlantide»: um de Jacques Feider, utro de George Pabst. Outra curiosidade: o filme de Feider foi, naquele tempo (1921), um dos mais caros da época.

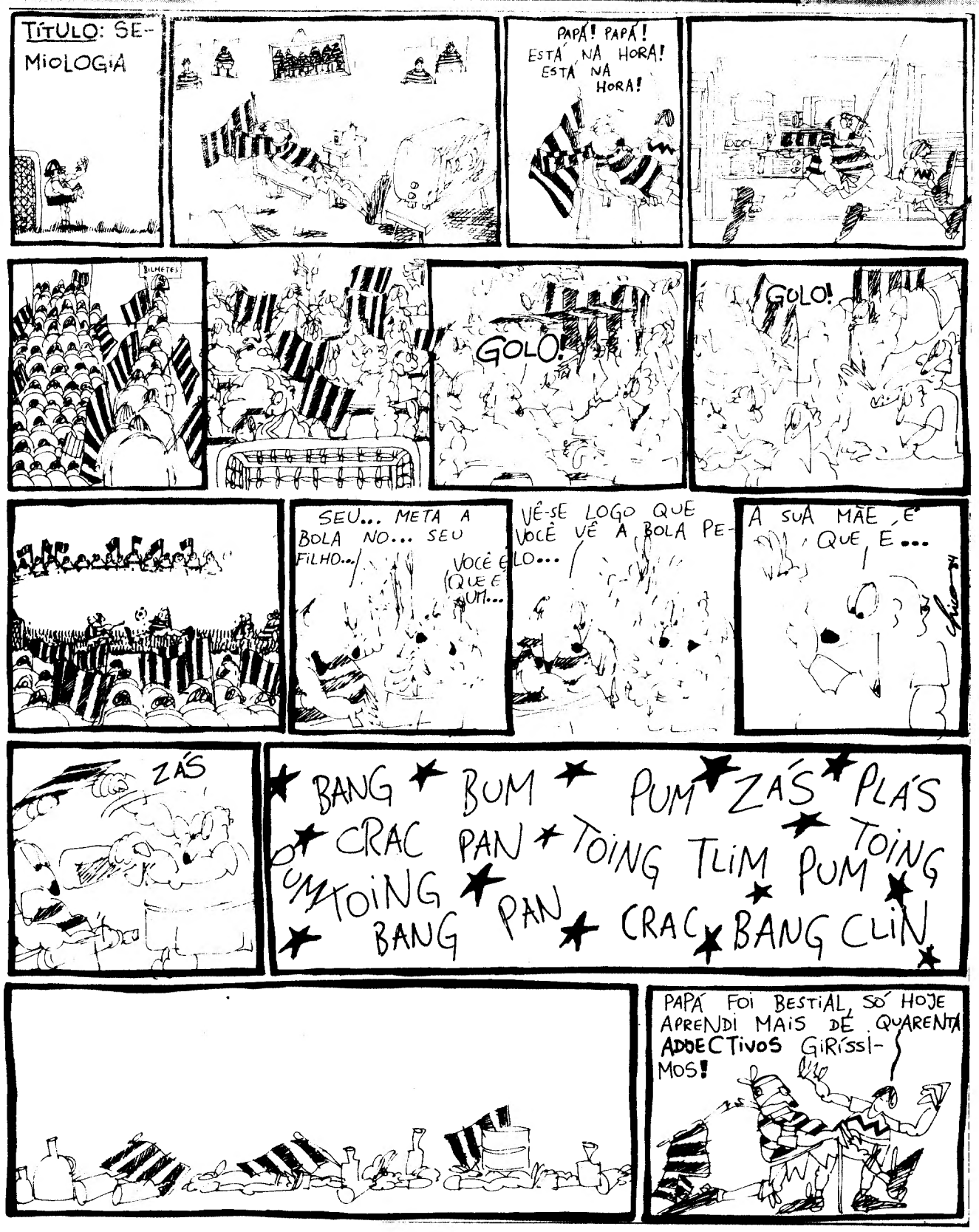
■ Salto da ficção científica para o **real** como tema cinematográfico: no novo Institut Franco-Portugais pode ver-se, até dia 19, uma retrospectiva do «cinema du reèl», constituída por filmes documentais como «La ville à prendre», de Patrick Brunie (hoje), «Cochon qui s'en dédit», de Jean-Louis Le Tacon e Tierry Le Merre (quarta-feira), e «On ne vieillit pas, on s'ameliore», de Philippe Constantini (quinta-feira). Todos às 18 e 30.

■ Ainda para os cinéfilos: também no Instituto Alemão, está a decorrer até hoje um Ciclo de Cinema de Mulheres, que encerra com três filmes; às 16 horas, «Malou», de Jeanine Meerapfel. Às 18 e 30, «Redupers», de Helke Sander, às 21 e 30, «Anos de Fome», de Jutta Bruckner.

■ Sexta-feira vamos ter oportunidade de ouvir aquele que será talvez o último dos grandes concertos do ano: Dollar Brand, também conhecido por Abdullah Ibrahim, e Carlos Ward, estarão no São Luiz, às 21 e 30, para nos dar a conhecer um dos encontros do jazz com a música árabe. Antes, terça-feira, Lena d'Água estará no Rock Rendez-Vous para apresentar o seu último álbum, «Lusitânia». Na Ocarina, ao Bairro Alto, Janita Salomé vai «Cantar ao Sol» de sexta até domingo.

■ Também na sexta-feira, o Ballet Gulbenkian volta de novo à cena para apresentar, às 21 e 30, os bailados «Estranhos transeuntes», de Vasco Wellenkamp, «Três canções de Nina Hagen», de Olga Roriz, e «Só longe daqui», de Wellenkamp e Ricardo Pais. No domingo, é a vez da Companhia Nacional de Bailado apresentar, no São Carlos, o «Quebra-Nozes», de Armando Jorge.

doces crónicas



Disputa entre enxertos e próteses

Continuação da pág. 1

produtos da microelectrónica. Quando o angström é a unidade de base das dimensões dos componentes da célula, o homem só está de momento à vontade no micron. Esse subcálculo natural do comum pela complexidade dos sistemas biológicos impede-o de compreender a dificuldade de conceber as supressões orgânicas que se aproximam, mesmo de longe, da fiabilidade do biológico. Porque, apesar de tudo o que se diz sobre a doença e a morte, fins normais de uma existência limitada, o homem biológico é um êxito técnico.

Parece que, pondo de parte os instrumentos aptos a reconstituir as funções sensoriais defeituosas (audição, visão), um dos campos mais prometedores neste domínio é o das «bombas implantáveis». Estes sistemas têm por função distribuir substâncias biológicas — as mais das vezes uma hormona — ao organismo. Tais bombas devem ser dotadas de sistemas reguladores aperfeiçoados que permitam adaptar o caudal da substância às necessidades do organismo. Os modelos que existem já libertam, por exemplo, insulina (para os diabéticos), ou certas neuro-hormonas. Também se fazem progressos notáveis na criação de elementos essenciais como o sangue ou a pele. Em todo o caso também aí só se trata de copiar algumas das propriedades desses tecidos (o transporte de oxigênico pelo sangue, a barreira protectora da pele), de tal modo são variadas as células que nos compõem e as funções que asseguram.

De resto realizam-se aparelhos que oferecem uma restituição de funções perdidas, sem por isso serem cópias do biológico. É por exemplo o caso do notável trabalho da equipa do professor Pierre Rabischong com as «máquinas de andar» destinadas aos doentes paralisados vítimas de acidentes de viação.

Seja qual for a maneira de abordar o problema, todas as próteses devem respeitar um ponto particular: a biocompatibilidade. Porque só se pode pôr em contacto com o vivo, com materiais que ele tolere, mesmo que não os aceite na verdade. Um dos melhores exemplos neste domínio é o das relações entre o sangue e as próteses vasculares ou cardíacas. O contacto das células sanguíneas com um material tem como efeito, por consequência, desencadear uma série de reacções enzimáticas complexas que provocam a formação de um coágulo, situação perigosa e por vezes mortal, por causa dos riscos de obstrução ou de trombose.

Todo o trabalho consiste portanto em compreender em pormenor a dinâmica bioquímica que está em causa a fim de propor aos cirurgiões materiais cuja superfície seja a longo termo anticoagulante. Por outras palavras, é preciso criar substâncias que o organismo não possa identificar como estranhas. Foram estas mesmas considerações que levaram à utilização das válvulas cardíacas preparadas a partir de tecidos animais (válvulas porcinas) ou que levam à necessidade de utilizar um anticoagulante depois da implantação de válvulas sintéticas.

O futuro dos órgãos artificiais já não está somente ligado aos problemas técnicos. Por um lado porque se assiste — pelo menos para alguns órgãos — ao aparecimento das primícias de uma verdadeira competição entre enxerto e prótese, competição que podia transformar os progressos em imunologia. Por outro lado porque existe um verdadeiro risco de ver desenhar-se uma vontade política de refrear directa ou indirectamente a inovação. Como se sabe ou se pressente, a realização de próteses mais ou menos sofisticadas implica um evidente acréscimo para os organismos de protecção social. Já se passa isso, por exemplo, com o rim artificial.

MENSAGENS PESSOAIS

Pentax Auto 110

Lentes: 18 mm f2.8; 24 mm f2.8; 50 mm f2.8. Flash 130 p. Impecável. Vendo 30 contos. Telefone 573793.

Aparelhagem estéreo Philips

Vendo por 25.000$00, ampliador type 22RH 520/002 50/60 HZ 80 W e duas colunas type 22 RH480 40 W.
Contactar telef. 9247071 — 20 horas.

Europhon

Gira-disco marca Europhon (Austríaco). Ondas: FM estéreo, curtas, médias e longas. Medidas: 52x18x33, c/ colunas de alta fidelidade de 51x30, em estado novo. Tel. 9241060.

Onkyo Y200

Vende-se «deck» de gira-discos Onkyo Y200 como novo. Preço a combinar com o próprio. Contactar Luís Almeida. Tel. 371755 ou 369178/9, Extensão 301, das 9,30 ás 13,00 e das 14,00 às 18,00, 2.ª a 6.ª feira.

Vaporizador

Vende-se vaporizador de estética «Lucas Championere», novo, 18 contos, ou troca-se (a combinar). Verónica de Castro. Telefone 2476361 ou 2103767 (noite).

Esquentador

Vendo esquentador 10 litros. Marca Crucis. Como novo. 5.000$00. Contactar, manhã/tarde. Tel. 943514.

Compro andar

Compro 2 assoalhadas nova ou antiga, a pronto pagamento: De preferência zona de P. Arcos, Porto Salvo, Queluz de Baixo. Trata pelo tel. 959160. D/ 19 horas. Rodrigues.

Oi

Ói, Carlos (Cruz de Pau). Vai lendo os Passageiros do Vento, não te destruas e estuda. Se precisares telefona, Xixon

Filosofia

Professor efectivo do Ensino Secundário, prepara alunos para exames do 12.º ano, ensino oficial e exames à Universidade Católica e Universidade Livre. Acompanha também alunos do 10.º e 11.º. Contactar manhã/tarde. Tel. 943514.

Francês e Inglês

Licenciada dá explicações de Francês e Inglês. Contactar manhã. Tel. 362540.

Matemática ciclo

Dão-se explicações de Matemática ao Ciclo Preparatório. Preço 150$00/hora. Contactar o tel. 2298170 das 20 às 21 horas ou Quinta de S. Nicolau, lote 5, 3.º, Dt.º., Corroios.

Matemática até 11.º

Estudante Universitário dá explicações de Matemática até ao 11.º ano (inclusive). Contactar Ricardo Sanches, Rua Mestre Roque Gameiro 17, 1.º Dt.º, Amadora ou pelo telefone 932564 a partir das 20 horas.

Até 9.º ano

Estudante do 12.º ano, dá explicações de Ensino Primário, Preparatório e de francês até 9.º ano. Contactar 2769772 de Almada.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA